

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Percepções dos alunos do ensino médio sobre o professor real e ideal, em relação às suas características pessoais e profissionais e à interação com os alunos”

Telma Valle Petersen

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2008 versão corrigida

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Percepções dos alunos do ensino médio sobre o professor real e ideal, em relação às suas características pessoais e profissionais e à interação com os alunos”

Telma Valle Petersen

Prof.º Dr. Antonio dos Santos Andrade

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Petersen, Telma Valle

Percepções dos alunos do ensino médio sobre o professor real e ideal, em relação às suas características pessoais e profissionais e à interação com os alunos. Ribeirão Preto, 2008.

154 p. : il. ; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Andrade, Antonio dos Santos

1. Professor . 2. Aluno. 3. Percepção

FOLHA DE APROVAÇÃO

Telma Valle Petersen

Percepções dos alunos do ensino médio sobre o professor real e ideal, em relação às suas características pessoais e profissionais e à interação com os alunos

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof (a) Dr (a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof (a) Dr (a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof (a) Dr (a) _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Quem se esforça para superar as próprias limitações,
com seriedade;*

*Quem se vê empenhado na correção das próprias
falhas, com perseverança;*

*Quem cuida de aprimorar a própria personalidade, com
lealdade,*

Nunca tem tempo para criticar atitudes alheias.

A vida se lhe torna, cada dia, mais bela e mais feliz.

Arnaldo Álvaro Padovani

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo ao meu avô Francisco, que no auge de sua construção nos deixou e que torcia por mim.

Em especial aos meus pais por todos os aspectos positivos que puderam me ensinar para que eu pudesse alcançar esse sonho.

AGRADECIMENTOS

Foi muito difícil chegar até aqui e para isso várias pessoas colaboraram das mais variadas formas para que este sonho se concretizasse e para elas agora presto meus sinceros agradecimentos e homenagens.

Ao meu professor e orientador Toninho, por ter me acolhido e principalmente por ter acreditado em mim, por vezes até mais do que eu e por ter proporcionado intensas oportunidades de aprendizado contribuindo para meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Aos meus amados pais Norberto e Maria Helena, pelos exemplos, apoio e ajuda, pois sempre fizeram o que podiam e o que não podiam para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã Juliana, que mesmo distante desse universo de pesquisas científicas, sempre torceu por mim. Às minhas sobrinhas Julia e Thaís, que também não entendiam o tanto que a tia Telma estudava e que por vezes eu não podia acompanhá-las, mas que sempre que podíamos dávamos bastantes risadas, o que tornava meu caminho mais suave.

Aos meus avós Eva e Francisco, que torceram, fizeram orações para que me fosse dada a paz necessária para a realização do trabalho, mas, infelizmente, no meio desse percurso meu avô nos deixou, porém acredito que mesmo assim este continuou me dando forças e está vendo a concretização desse trabalho.

À amiga Carolzinha, que em nossas conversas e trocas, foi a primeira a incentivar para que eu buscasse o professor Toninho para dar início a essa caminhada. E às amigas Karina e Juliana, que sempre entenderam o porquê de tantas ausências e que também torceram muito por mim.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, às veteranas Patrícia e Fátima, que pacientemente me ensinaram muito, a Eliane que foi minha tutora quando fui candidata ao Grupo, a Cristiane pelos conselhos e ensinamentos, todas sempre muito prestativas, a Karina, Luciane e Louise que por estarem num momento semelhante me proporcionaram muitas trocas de angústias e

por fim às que entraram no grupo recentemente: Rose, Patrícia, Angélica e Vânia que deram sangue novo ao grupo, proporcionando momentos mais alegres.

À minha terapeuta Maria Aparecida Zanon, por ter possibilitado que eu trabalhasse minhas angústias, ansiedades e tensões nesse processo e que por sua firmeza me ajudava a não cair.

As professoras Dr^a. Juliane Ap. de Paula Perez Campos e Dr^a. Ana Raquel Lucato Cianflone pelas contribuições por ocasião do Exame de Qualificação.

Aos funcionários do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, e demais funcionários de outros setores da USP que contribuíram para a execução desse trabalho e que sempre me atenderam.

À Solange, pelos acabamentos finais do trabalho e por ter me acalmado nesse momento.

À escola onde a pesquisa foi realizada, à diretora, professores e demais funcionários que sempre me acolheram muito bem, me deixando à vontade para realizar a pesquisa não dificultando em nenhum momento a realização da mesma e principalmente aos alunos que me confiaram os seus depoimentos.

A todos que um dia foram meus alunos, principalmente os do Ensino Médio, que foram a principal fonte de inspiração desse trabalho e que com eles muito aprendi: a ser professora e principalmente a continuar sendo aluna.

Ao amor que passou e não ficou, mas que enquanto durou em alguns momentos me ajudou.

A todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram para a concretização desse sonho.

RESUMO

PETERSEN, T. V. "**Percepções dos alunos do ensino médio sobre o professor real e ideal, em relação às suas características pessoais e profissionais e à interação com os alunos**". 2008. 154f. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP.

Considerando que as características pessoais e profissionais do professor real e do professor considerado "bom" (professor ideal) têm relevância para a relação interpessoal no ambiente da sala de aula, da escola, no sucesso do rendimento acadêmico, na vida escolar e intelectual do aluno culminando posteriormente em sua vida profissional e social, decidiu-se fazer um estudo, cujo objetivo foi investigar as percepções dos alunos do Ensino Médio sobre os seus professores. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública estadual de Ensino Médio de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A população alvo deste estudo refere-se a 473 alunos que totalizam 10 salas de aulas de Ensino Médio e Supletivo do período noturno da Escola Pública que foi estudada. A amostra foi selecionada por um critério de voluntariado numa proporção de um a cada cinco elementos da população, sendo 10 alunos de 8 salas e 9 alunos de 2 salas. O procedimento de coleta de dados foi composto de três etapas: (1) aplicação de um Questionário, ao final do qual foi feito um convite para participarem da segunda etapa, com isso a amostra definida acima foi afunilada para 12 alunos; (2) Entrevista Individual de Profundidade com Cartões Temáticos, em que foi feito um novo convite para participarem da terceira etapa; (3) Entrevista em Grupo Focal, constituindo a amostra de 9 alunos. No tratamento dos dados da primeira etapa, por se tratar de dados quantitativos, foi usado o pacote estatístico SPSS; na segunda e terceira etapa tomou-se como referência a Análise de Conteúdo. Resultados apontaram que em relação aos três aspectos investigados sobre o professor real e ideal, várias características dos professores foram consideradas, e algumas delas foram recorrentes em todo estudo, em relação às características pessoais e de personalidade, a de que seus professores são cansados, sobre os aspectos profissionais, a característica de que o professor seja atualizado e sobre a interação com os alunos a de que seus professores são "amigos", porém essa característica foi considerada para que um professor possa ser ideal, além de perceberem que seus professores são injustos. Os dados levantados evidenciam que na percepção dos alunos participantes do estudo, estes aspectos estão ligados o tempo todo, não sendo possível concebê-los de uma forma separada. Com base nisso, na percepção dos alunos, o professor ideal teria que saber equilibrar o seu aspecto profissional com o pessoal, para ter um bom relacionamento com o aluno, em alguns momentos poder até sair do papel de professor, deixando agir suas características pessoais e seus sentimentos e também não tratar o aluno no seu papel social de aluno, e sim como uma pessoa.

Palavras-chave: professor, aluno, percepção, ensino médio.

ABSTRACT

PETERSEN, T. V. "High school students' perceptions about the real and ideal teacher, in respect to his/her personal and professional characteristics and to the interaction with the students". 2008. 154f. Faculty of Philosophy, Science and Literature of Ribeirão Preto-USP.

Considering that the personal and professional characteristics of the real teacher and of the teacher considered "good" (ideal teacher) are relevant to the interpersonal relationship in the classroom, at school, in the success of the academic performance, in the student's school and intellectual life heading later to his/her professional and social life, it was decided to make a study, which objective was to investigate the High School students' perception about their teachers. The data collection took part at a state public High School in a city in the state of São Paulo. The population target of this study is 473 students that totalize 10 High School and Adult Education classrooms during the night from the Public School that was studied. The sample was selected by a volunteer criterion in a proportion of one in each five population elements, in which 10 students of 8 classrooms and 9 students of 2 classrooms. The data collection procedure was composed by three steps: (1) application of a Quis, in the end of it an invitation was made for the to take part of the second step, so the defined sample above was narrowed to 12 students; (2) Individual Interview of Depth with Thematic Cards, where a new invitation was made for them to take part of the third step; (3) Interview in Focal Group, consisting in 9 students. In the data treatment of the first step, as they were quantitative data, the statistical package was used; in the second and in the third steps the Content Analysis was used. The results showed that in respect to the three investigated aspects about the real and ideal teacher, several teachers' characteristics were considered, and some of them were deriving in all the study, in respect to the personal characteristics and personality, the one in which their teachers are tired, about the professional aspects, the characteristic that their teacher is up-to-date and about the interaction with the students in which their teachers are "friends", but this characteristic was considered for a teacher to be ideal, besides realizing that their teachers are unfair. The raised data show that in the students that took part in the study perception, these three aspects are linked all the time, and it's not able to study them separately. Based on it, in the students perception, the ideal teacher should know how to balance his/her professional aspect to the personal one, to have a good relationship with the student, and in some moments he/she can even leave the teacher role, letting his/her personal characteristics and feelings appear and also don't treat the student in his/her student social role, but as a person.

Keywords: teacher, student, perception, high school

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Classes de categorias e Categorias do Tema 1.....	71
Quadro 2 -	Classes de categorias e Categorias do Tema 2	75
Quadro 3 -	Classes de categorias e Categorias do Tema 3	81
Quadro 4 -	Classes de categorias e Categorias do Tema 4	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Caracterização dos participantes	50
Tabela 2 –	Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características pessoais e de personalidade de seus professores reais	60
Tabela 3 –	Porcentagens de respostas dos alunos em relação à interação entre o professor real e os alunos	62
Tabela 4 –	Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características profissionais de seus professores reais	64
Tabela 5 –	Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características pessoais e de personalidade de professores considerados ideais	66
Tabela 6 –	Porcentagens de respostas dos alunos em relação à interação entre o professor considerado ideal e os alunos	68
Tabela 7 –	Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características profissionais de professores considerados ideais	69
Tabela 8 –	Legenda referente aos integrantes do grupo focal do 1º Encontro	95
Tabela 9 –	Legenda referente aos integrantes do grupo focal do 2º Encontro	110
Tabela 10 –	Legenda referente aos integrantes do grupo focal do 3º Encontro	116

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 A Escola, a Educação e o Ensino Médio	18
1.1.1 Os alunos do Ensino Médio	18
1.1.2 A Escola Pública de Ensino Médio brasileiro	23
1.1.3 Concepção de Professor e formação de Professores do Ensino Médio	28
1.2 O professor do ponto de vista dele mesmo e de outros profissionais da instituição escolar	32
1.3 Percepção de alunos e professores á respeito do professor real e ideal	35
1.4 Percepção de alunos á respeito do professor	38
JUSTIFICATIVA	42
OBJETIVOS	44
2 METODO	45
2.1 Estratégias Metodológicas	45
2.1.1 Estratégia de caráter exploratório descritivo.....	45
2.1.2 Estratégia de caráter focalizado.....	45
2.2 Local.....	48
2.3 Caracterização dos Participantes.....	48
2.3.1 População e amostra.....	48
2.3.2 Os participantes da etapa do questionário.....	49
2.3.3 Os participantes das entrevistas individuais.....	51
2.3.4 Os participantes do grupo focal.....	52
2.4 Instrumentos e Procedimento de Coleta de Dados.....	52
2.4.1 A observação participante.....	52
2.4.2 O questionário.....	52
2.4.3 As entrevistas individuais.....	54
2.4.4 A entrevista em grupo focal.....	56
2.5 Procedimento de Análise de Dados.....	57
2.5.1 O questionário.....	57

2.5.2 As entrevistas individuais.....	57
2.5.3 A entrevista em grupo focal.....	58
2.6 Aspectos Éticos.....	58
3 RESULTADOS	60
3.1 Resultados relativos ao Questionário.....	60
3.2 Resultados relativos às Entrevistas Individuais.....	71
3.2.1 Tema 1: Meus Professores como Pessoa.....	71
3.2.2 Tema 2: Meus Professores como Profissionais.....	75
3.2.3 Tema 3: Relacionamento dos Professores com os Alunos.....	81
3.2.4 Tema 4: O Professor Ideal.....	87
3.3 Resultados do Grupo Focal.....	94
3.3.1 Categorias empíricas e/ou temáticas do Primeiro Encontro.....	95
3.3.2 Categorias empíricas e/ou temáticas do Segundo Encontro.....	110
3.3.3 Categorias empíricas e/ou temáticas do Terceiro Encontro.....	116
3.4 Comparação dos resultados obtidos em cada estratégia.....	122
4 DISCUSSÃO	131
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
5.1 Implicações Educacionais.....	141
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICES	147

APRESENTAÇÃO

Sou professora e psicóloga. Durante minha formação inicial valorizei os estágios voltados para a Licenciatura em Psicologia e esse período foi a base da construção de minha trajetória profissional. Logo que me formei, me inscrevi na Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo e ministrei aulas de Psicologia, Filosofia, Sociologia e História da Educação durante 4 anos e meio em turmas do Ensino Médio, curso Normal e Educação de Jovens e Adultos. Além da trajetória profissional, a área da Educação foi escolhida por questões pessoais e afetivas, pois venho de uma educação espelhada em meu pai que é professor e fez sua carreira em escolas públicas, o que foi meu maior exemplo. Porém, ao entrar em contato com a área da Educação me deparei com muitas dificuldades na função de professor de Ensino Médio, o que fizeram surgir questionamentos. O próprio Ensino Médio, enquanto período da vida escolar é algo de grande significado pra mim, pois quando o vivenciei, este foi sob muitas dificuldades. Quando entrei em contato com os alunos, dessa vez no lugar de professora, e percebi que suas dificuldades eram semelhantes às quais eu havia vivenciado. Isto me provocou um desejo de tentar entendê-los além do que o papel do professor instituído pela sociedade poderia entender. Sempre acreditei que os professores que passam pela vida escolar de alguém têm enorme responsabilidade por outras etapas que o aluno vai passar por sua vida, aqui ousou dizer que pode até ser determinante. Este desejo continuava me atravessando e me levou a percorrer caminhos que nunca imaginava, foi quando esta intensidade me levou a conhecer o GEPISED, Grupo de Estudos e Pesquisas Institucional em Sociodrama Educacional, tendo como coordenador o Professor Dr. Antônio dos Santos Andrade, que também foi e continua sendo um grande exemplo. Ao entrar em contato com o grupo e conhecer melhor suas produções científicas, estas vieram ao encontro para acalmar as inquietações que eram provocadas na minha prática profissional e me fizeram querer colaborar com os conhecimentos produzidos pelo grupo através de pesquisa em contexto educacional. Comecei a participar então de todas as atividades que eram promovidas pelo grupo e nossos estudos eram intensos. Paralelo a isso, o trabalho como professora continuava e os estudos no grupo à medida que iam avançando me permitiam fazer experimentações na minha prática profissional e ver transformações imediatas, além disso, o grupo me iniciou na formação enquanto pesquisadora e me inseriu no universo do que é fazer ciência. Foi impressionante o quanto o grupo ajudou para que as dificuldades iniciais da profissão fossem superadas e depois dessa dificuldade inicial, eu estava mais preparada para lidar com os

constantes problemas que permeiam a profissão docente. O grupo supria uma necessidade que a própria escola não atendia, como, por exemplo, grupo de estudos e discussões sobre os assuntos cotidianos da escola, ou mesmo estudos voltados para conhecimentos de relações pessoais e sociais. A escola em que eu atuava, por ser muito grande, os professores ficavam muito dispersos e não tínhamos um momento para trocarmos nossas angústias, o único horário em que estávamos todos juntos, eram nos dias do HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), porém esse era feito de maneira superficial e eu tinha a necessidade de me aprofundar em meus questionamentos. Foi quando em 2004, a Secretaria de Estado da Educação nos proporcionou um Programa de Formação Continuada para Professores do Ensino Médio, denominado “Ensino Médio em Rede” e naquele espaço, juntamente com os estudos do Grupo de Pesquisa, pude fazer a transposição concreta de como iniciar minhas investigações no contexto do Ensino Médio, pois os assuntos que mais se discutiam nesses espaços eram a respeito de professores e o que os jovens alunos pensavam sobre estes e várias outras questões. A metodologia do grupo então se elucidou como possível de ser aplicada em escolas públicas e a pesquisa então começou a tomar forma. Durante a trajetória da pesquisa, houve minha saída como professora do Ensino Médio em escolas públicas, devido à retirada da disciplina de Psicologia da grade curricular por decisão da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, algo que foi lamentável, porém os anos que me foram permitidos passar por ali foi a minha verdadeira escola nesse longo processo de aprendizado que implica na profissão de professor. E a busca pela pesquisa me fazia querer avançar mais, inclusive com o desejo de atuar em Ensino Superior e a saída como professora no Ensino Médio me levou a percorrer de fato estes caminhos. Hoje me encontro atuando como professora no Ensino Superior na modalidade de Ensino a distância, o que é outro desafio e essa experiência me possibilita ter contato como professora em cursos de licenciatura, onde várias discussões são ligadas a estas minhas vivências no Ensino Médio e, sobretudo, ao tema da minha pesquisa. Discutir sobre as várias questões ligadas a professores na formação de educadores é algo de extrema importância nos dias atuais. E foi esse o caminho percorrido para a concretização desse sonho maior.

1 INTRODUÇÃO

Que representações, conceitos e preconceitos circulam na Escola de Ensino Médio em torno do professor? Quais as condições para a construção da identidade profissional do professor nesta escola, bem como seu papel social? Pensando nessas questões, surgiram outras, tais como: quem são os jovens desta escola hoje? Quais são suas necessidades e perspectivas? Resolvendo articular esses dois atores da escola de Ensino Médio de hoje, decidiu-se por fazer um estudo a respeito das percepções dos alunos sobre os professores.

Primeiramente se fará algumas reflexões sobre a Escola e a Educação no Ensino Médio, o espaço que contextualiza a articulação entre professores e alunos, reflexões sobre os alunos do Ensino Médio e concepções de professor do Ensino Médio.

1.1 A Escola, a Educação e o Ensino Médio

1.1.1 Os alunos do Ensino Médio

O momento em que o aluno do Ensino Médio encontra-se no ciclo da vida é denominado de juventude. Para que se reflita, então, sobre o aluno do ensino médio, é necessário, que se reflita sobre a juventude.

A categoria juventude, segundo Spósito (2004) é ao mesmo tempo um momento no ciclo na vida, marcado por suas especificidades e concebido a partir de seus recortes socioculturais, é um modo de viver determinada forma de inserção na estrutura social, determinada por suas condições sociais, étnicas, culturais e de gênero.

Transformações observadas a partir do século XVIII, e consolidadas, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial produziram uma moderna concepção sobre a juventude. Alguns focos dessa concepção são: alongamento da transição entre a infância e a vida adulta, escolaridade como etapa intrínseca à condição juvenil, retardamento da entrada no mundo do trabalho e o aparecimento de formas de consumo e de produção típicas desses segmentos (SPOSITO, 2004).

Para Passerini (1996 apud SPÓSITO, 2004)¹ o período dos anos 50 marcou o nascimento de um mundo adolescente e juvenil relativamente autônomo, não só na sociedade, como também no interior da escola.

1 PASSERINI, L. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 50. In: LEVI, G.; SCHMITT, J. C. (Orgs.) **História dos Jovens. A época contemporânea**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1996, Vol 2.

Nesse momento do ciclo da vida, os jovens imprimem às suas práticas sentidos diversos e interagem com um conjunto de instituições, como a escola, por exemplo. Nessas instâncias socializadoras, e nas suas relações com os jovens, se estabelecem entre as gerações de adultos e jovens tanto relações de conflito, como de solidariedade (SPÓSITO, 2004).

Assim, para Spósito (2004), a modernidade, ao instituir novas concepções sobre a infância, adolescência e juventude, instituiu modos de sua educação além da família e tem a escola como um agenciamento dessa educação. A instituição escolar, ao ser socializadora, além de transmitir sistematicamente parcela da cultura humana acumulada, cumpre funções ligadas ao aprendizado do estar junto e do “viver com”.

Para Duru-Bellat e Van Zanten (1992 apud SPÓSITO, 2004)² a condição de aluno, deve ser pensada como algo problemático e não natural no interior da escola, pois não se nasce aluno, alguém se **torna** aluno. E para considerar tal perspectiva são necessários três pressupostos: dissociação entre ensino e aprendizagem; reconhecimento de que o trabalho do aluno não se resume às exigências inscritas em programas e regulamentos oficiais e, finalmente, a necessidade de reconhecer no aluno categorias específicas do ciclo de vida: infância e juventude com especificidades também de autonomia relativa à sociedade e muitas vezes não reconhecida no campo educacional.

Considerando a dificuldade de ter-se um conceito unívoco de juventude, por várias razões, sendo uma delas social é possível indicá-la em juventudes e tomá-la em recortes sociais (FRIGOTTO, 2004).

Para Frigotto (2004), tomando como base esses recortes sociais e fazendo relação da juventude com os temas do trabalho e educação, os jovens que pertencem à classe “filhos de trabalhadores assalariados” e que produzem a vida de forma precária têm trabalho precoce, de baixa qualidade e remuneração, pouca escolaridade ou estão fora da escola, mostrando que a escola não tem capacidade de gerar nem garantir o emprego. Essa inserção precoce no mundo do emprego ou subemprego não se torna uma escolha, e sim uma imposição de sua origem social.

No âmbito das políticas públicas do Estado Brasileiro, Frigotto (2004) diz que uma política que teria extraordinário efeito social seria a retirada do mercado de trabalho, formal ou não-formal, de todas as crianças e jovens até a idade legal de conclusão do Nível Médio, estipulando uma renda mínima para estas crianças e jovens, garantir a continuidade de escolaridade até completar o Ensino Médio para jovens de 18 a 24 anos, criar condições de tempo para o estudo, para os que estão empregados e para os desempregados, uma renda mínima e a implementação da política de primeiro emprego.

2 DURU-BELLAT, M.; VAN -ZANTEN, A. Sociologie de l'école. Paris: Armand Colin, 1992.

Já os jovens de “classe média” ou filhos dos donos de meios de produção, estendem a infância e juventude e nestes casos, a grande maioria inicia sua inserção no mundo do trabalho após os 25 anos e em postos de trabalho ou atividades de melhor remuneração (FRIGOTTO, 2004).

Para Spósito (2004), de um modo geral, a importância do trabalho para os jovens da sociedade brasileira sempre se fez presente, como fator de inserção social, por maior independência advinda de uma ocupação e por uma autonomia de experiências e escolhas em sua trajetória e significa, inclusive, a construção de uma carreira escolar.

Já a relação da juventude com o tema educação e no que diz respeito ao currículo, ou seja, os temas que os alunos devem aprender, o MEC (2004) concebe que a aprendizagem do novo Ensino Médio tem por meta o desenvolvimento pessoal desse aluno, por meio da construção de sua autonomia intelectual e da construção de novos conhecimentos de forma contextualizada.

Daí a importância, segundo o MEC (2004), da escola realizar pesquisas para que sejam evidenciadas as preferências dos alunos e para que as propostas curriculares tenham empatia com o coletivo dos alunos.

Esta concepção de aprendizagem do MEC (2004) é uma das finalidades deste novo Ensino Médio brasileiro e que dentre outras estão estabelecidas no art. 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a qual se destaca “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Esta finalidade é a formação da identidade.

E segundo o MEC (2004) em uma Escola de Ensino Médio é importante reconhecer as identidades específicas dos alunos adolescentes e jovens que a elas recorrem, fazendo com que a Escola efetivamente se torne uma escola pra jovens.

Como não é possível nos limites deste trabalho um maior aprofundamento no sentido de responder a pergunta se sabe quem são esses jovens, aponta-se a relevância do tema. E em texto produzido para o Seminário Internacional “Escola Jovem: um novo olhar sobre o Ensino Médio” também não se tem a intenção de responder a tal pergunta, mas sim a de encaminhar a questão. (MEC, 2004).

Com base nisso, perguntam-se como as escolas agem diante da diversidade da realidade social e se essas estão abertas ao que se passa fora de seus muros e dentro da cabeça de seus alunos. E sabe-se, portanto, que os alunos adolescentes e jovens que frequentam as escolas de Ensino Médio, seja na oferta regular, seja na oferta da chamada Educação de Jovens e Adultos, desenvolvem em seu comportamento muita dessa diversidade presente na

sociedade em que vivem.

De um modo geral, existem algumas tendências em comum nessa diversidade, tais como: a importância do corpo, da música, de algumas formas personalizadas de religião, o predomínio da imagem, a empatia com a utilização das novas tecnologias, a importância fundamental da afetividade como dimensão das realizações sociais e o predomínio do presente como dimensão temporal dominante (MEC, 2004).

O texto produzido para o Seminário Internacional “Escola Jovem: um novo olhar sobre o Ensino Médio” (MEC, 2004) incentiva a importância da escola reconhecer a existência de convicções e comportamentos que variam de grupo para grupo e identificar traços específicos para cada conjunto de alunos, com a finalidade de promover encontros, partindo-se do que os alunos gostam e não do que se acha que deveriam gostar.

O texto ainda propõe a necessidade de se conhecer os valores, interesses e as manifestações dos jovens e para isso acontecer, deve-se ouvir os próprios alunos que estão na escola. Ele traz como exemplo a elaboração e aplicação de um simples questionário para levantamento do perfil sócio-econômico e cultural dos alunos e de suas famílias, podendo ser utilizado o questionário aplicado pelo Exame Nacional do Ensino Médio, o ENEM, lembrando que nenhum questionário, por melhor que seja, substitui o contato direto com os alunos, não devendo esquecer de adotar a possibilidade concreta de reunir os alunos com frequência e ouvi-los.

O texto, em questão, ainda incentiva o estímulo à participação e à oralidade do aluno em sala, devendo a escola criar espaços, tempos e oportunidades para que os alunos expressem suas opiniões a respeito da sociedade em que vivem, de suas famílias, do que vêem diariamente na televisão e ouvem no rádio, da própria escola e dos professores, informando a estes sobre seus desejos, anseios, perspectivas e projetos e também sobre suas frustrações, dificuldades, problemas e conflitos, cumprindo a finalidade prevista em Lei, de preparar os alunos para o convívio social e a cidadania.

Os valores, interesse e manifestações dos alunos, uma vez conhecidos pelos professores, constituirão importante material de trabalho.

Nesta efetiva participação, ou na falta dela, o aluno de uma forma ou de outra interage com a escola por meio de seus professores e esta relação pode ser tanto de conflito, como de solidariedade, como já visto acima.

Em relatório produzido pelo Núcleo de Estudos da Violência (NEV/USP, 2001), afirma-se que são comuns os casos de discussão entre os alunos e seus professores por meio dessa interação. As escolas marcam com clareza a diferença entre esses dois papéis e

conferem o poder de aplicar as regras na sala de aula aos professores, sendo normal à discordância entre alunos e professores. Entretanto em alguns casos, existe discriminação e uso da violência física por um dos envolvidos, sendo que um dos papéis dos professores é formar alunos capazes de compreender e respeitar aos outros.

Este relatório foi composto por relatos de experiências de professores, alunos, direção, coordenação e funcionários e na maior parte dos relatos observados, os alunos trouxeram violências de seus colegas para com os professores, atitudes discriminatórias de alguns professores e agressões físicas entre professor e aluno ocorridas durante a própria aula (NEV/USP, 2001).

Os relatos ainda trouxeram os confrontos entre professor e aluno e que geralmente se iniciam em discussões corriqueiras, a maioria delas envolviam questões de disciplina como repreensões por conversas paralelas, discordâncias sobre notas, sobre presença em sala ou sobre as regras de classe e neles tanto professores, como alunos, aparecem como agressores.

Por fim, ele conclui que nos confrontos entre aluno e professor, quanto mais isolados estiverem na relação, maiores são os riscos para ambos serem envolvidos em confronto violento, seja quando professores não reagem ao sofrerem agressões e xingamentos de alunos, como quando decidem resolver sozinhos os confrontos, respondendo às agressões fisicamente, os professores consolidam assim a idéia de que a violência é uma das formas de afirmar sua posição na escola, não existindo regras compartilhadas por todos na escola, onde mandam os que são mais ameaçadores não havendo um espaço imparcial para julgar os acontecimentos (NEV/USP, 2001).

Mas continuando a refletir sobre a relação do jovem com o trabalho e a educação, em pesquisa feita por Franco e Novaes (2001), os autores partiram do conceito de representações sociais para investigar o que estudantes do Ensino Médio investigaram a escola e o trabalho. Constatou-se que para estes jovens da pesquisa que cursam o Ensino Médio na cidade de São Paulo, é na escola e na educação, a única esperança de conseguir um status social mais reconhecido e empregos mais qualificados, desejando freqüentemente continuar os estudos. Nesta pesquisa as representações sobre o trabalho mostraram-se bastante idealizadas, indicando o desconhecimento dos muitos determinantes estruturais e conjunturais nas relações de trabalho e sociais, confirmando o que já foi dito acima a respeito da diversidade de juventudes.

Foram escolhidas intencionalmente 10 escolas estaduais localizadas na Grande São Paulo para realização desta pesquisa. Dentre as 72 escolas que oferecem exclusivamente o Ensino Médio, estas 10 escolas foram selecionadas orientadas pelo fato de serem escolas

tradicionais, dedicadas exclusivamente à oferta desse nível de ensino, situadas em zonas mais centrais, mais bem equipadas e com professores qualificados, segundo informações obtidas.

O objetivo dessa pesquisa foi o de caracterizar os jovens que cursavam o Ensino Médio na cidade de São Paulo, no ano do referido estudo (2001), quanto a alguns aspectos, dentre eles o de gênero observa-se uma porcentagem maior (57%) de mulheres do que de homens (43%), o que confirmou uma tendência de maior representatividade do sexo feminino no Ensino Médio. Estudos anteriores (ZIBAS; FRANCO 1999 apud FRANCO; NOVAES, 2001)³ e dados da UNESCO (1998 apud FRANCO; NOVAES, 2001)⁴ em relação ao ensino secundário na América Latina mostraram as matrículas femininas representando mais da metade do total de alunos, sugerindo que a escolarização masculina vem encontrando obstáculos dos mais diversos para se realizar.

Pretende-se continuar as reflexões, agora sobre a Escola Pública de Ensino Médio brasileiro.

1.1.2 A Escola Pública de Ensino Médio brasileiro

Considerando o conjunto de transformações pelas quais passou e vem passando o sistema educacional do país, o Ensino Médio ocupa lugar de destaque entre os diferentes níveis de ensino. A política educacional do país se volta neste momento para o Ensino Médio, comprometida com projetos direcionados à modernização e à democratização social (MITRULIS, 2002).

Segundo Mitrulis (2002) apesar da oferta de vagas na 1ª Série de o Ensino Médio ser superior ao número de egressos do Ensino Fundamental, o acesso a este nível de ensino ainda é reduzido e uma das razões seria a de que a “escola de qualidade” tem sido uma escola de classe média, branca e urbana, marcada por alta seletividade interna. Mello (1999 apud MITRULIS, 2002)⁵ caracteriza o Ensino Médio como um ensino de minorias sobreviventes do Ensino Fundamental.

3 ZIBAS, D.; FRANCO, M. L. P. B. **O Ensino médio no Brasil neste final de século: uma análise de indicadores**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1999. (Textos FCC, n.18).

4 UNESCO. Rapport mondial sur l'educacion. **Paris: Unesco, Le Monde, mar. 1998.**

5 MELLO, G. N. O Ensino médio em números: para que servem as estatísticas educacionais. Brasília: MEC/Inep, 1999. p. 91-108.

Trata-se de um ensino, em sua grande maioria, concentrado no período noturno, por uma questão de demanda, pois os jovens estão em idade própria para inserção no mundo do trabalho, ou se não estão empregados, estão em busca de trabalho. E dos 76,0% de matrículas, mais de 54% estão vinculadas a cursos noturnos, com taxas de desempenho inferiores as dos cursos diurnos (MITRULIS, 2002).

Porém, ainda segundo Mitrulis (2002), apesar destes indicadores revelarem uma situação aquém das necessidades do país, seus índices de melhoria registrados na última década são expressivos, pois esse é o nível de ensino que apresentou maior taxa de crescimento nos últimos anos em todo o sistema e algumas das razões são: a ampliação da oferta e a melhoria da qualidade do ensino fundamental, resultando na queda dos índices de abandono e repetência e na elevação das taxas de conclusão de curso e retorno aos bancos escolares de uma parte da população que havia interrompido a continuidade dos estudos, movido pelas novas exigências do sistema produtivo. A incorporação destes grupos sociais cria um quadro de grande explosão da demanda e de acentuada diferenciação da clientela.

Essa diversidade demanda uma articulação de políticas e programas que atendam aos egressos do Ensino Fundamental e aos egressos do Ensino Fundamental proveniente de programas de Educação de Jovens e Adultos que retornaram à escola, os quais, em quase todos eles, antes de serem estudantes, são trabalhadores (mesmo que muitas vezes desempregados) (OLIVEIRA; SOUZA, 2004).

Mitrulis (2002) afirma, também, que com base nisso, houve expectativas em relação aos alunos do Ensino Médio e ao seu processo de formação voltada para uma destinação social específica, porém bastante distantes dos princípios e diretrizes democráticas norteadores das propostas de renovação do Ensino Médio na última década.

Este, então, é o desafio que o texto da LDB procura responder a essas demandas diferenciadas e ao mesmo tempo manter seu caráter de formação geral. Nessa lei, nas disposições gerais da LDB, a Educação Básica “tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania” (OLIVEIRA; SOUZA, 2004).

A Educação Média é a única política efetiva de atenção à juventude que se verifica no país, sobrecarregando o Ensino Médio de expectativas (MITRULIS, 2002).

Criou-se também a necessidade de proporcionar uma educação que possibilitasse o desenvolvimento global do educando em várias dimensões, aberta para um conjunto de saberes, domínios e competências que respondam às transformações que vêm ocorrendo nas relações sociais e nos modos de produção e organização do mundo do trabalho (MITRULIS,

2002).

E nesse contexto, se discutem a reforma do Ensino Médio no Brasil e sua separação da educação profissional, prevista na LDB, lei n. 9.394/96, e consagrada no Decreto n. 2.208/97. A estrutura anterior era voltada para a profissionalização que integrava a formação geral e profissional. O Ensino Médio passa a ser, então, considerado como uma etapa final da Educação Básica de formação geral e com o propósito de aprofundar e consolidar conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental (MITRULIS, 2002).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio explicitam ainda mais as concepções emanadas da LDB. No Parecer n. 15/98, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, estão registrados os princípios da reforma do Ensino Médio. Valoriza-se o aprender contínuo de linguagens e tecnologias como suporte para o prosseguimento nos estudos, para o exercício pleno da cidadania e para a inserção no mundo do trabalho. O Decreto 2.208/97 formaliza essa concepção geral separando o Ensino Médio de caráter geral da formação profissional (OLIVEIRA; SOUZA, 2004).

Já em relação à Educação Profissional, Mitrulis (2002) verificou-se que a maioria da massa dessa população ainda está e estará excluída por não dispor das condições para realizar suas formações profissionais, concomitantes ao Ensino Médio e nem para realizá-lo em momento posterior.

Uma formação para o trabalho estaria articulada em elementos diversos, como: a natureza das relações sociais vividas no interior da escola, o acesso às informações e bens culturais, o domínio do conhecimento científico e tecnológico, a articulação com setores da vida produtiva e o exercício da prática social (MITRULIS, 2002).

Admite-se então que é possível e necessário assegurar, no interior da formação geral proposta para o Ensino Médio, a dimensão universalista do currículo presente nos conhecimentos científico-tecnológicos e sócio-históricos publicamente valorizados; atenção às demandas do mundo do trabalho aliadas a uma compreensão dos determinantes estruturais e conjunturais das relações de trabalho e à formação pessoal e social dos educandos (MITRULIS, 2002).

Em relatos de escolas, realizadas no Programa de Expansão do Ensino Médio, do estado de São Paulo, a partir do ano de 2000 e mediante a análise de projetos escritos, concebidos e desenvolvidos por Escolas Públicas de Nível Médio, foi possível apontar indícios de que as escolas estão realizando ensaios de inovação. Nesses ensaios são priorizadas questões referentes à gestão escolar e ao trabalho coletivo, à formulação e desenvolvimento da proposta educativa, com particular ênfase em ensaios de integração e

contextualização de conhecimentos, à articulação com agências externas para o desenvolvimento de projetos educativos, ao estímulo do protagonismo dos jovens e à sua identificação com a instituição (MITRULIS, 2002).

No que se refere à gestão, os novos processos desenvolvidos pela escola apontam para um maior envolvimento de professores, pais e alunos e para uma abertura de relações com a sociedade civil (MITRULIS, 2002).

Pode-se observar, também, nos relatos das escolas, maior sensibilidade para promover o que se tem chamado de “protagonismo juvenil”. As escolas têm procurado cativar os alunos mediante um conjunto de atividades que falem mais de perto a seus interesses e necessidades: esporte, teatro, música, debate sobre drogas, meio ambiente, violência. Pesquisas realizadas entre os jovens revelam que suas expectativas envolvem tanto questões relativas ao ensino e aprendizagem quanto questões referentes ao ambiente social que a escola pode propiciar. Esperam que os professores incentivem sua aprendizagem e auto-estima e desenvolvam aulas mais interessantes, que tenham referência em suas experiências de vida, estabeleçam uma interação de respeito mútuo com os alunos, utilizem os equipamentos e laboratórios disponíveis, enfim, desenvolvam aulas que os motivem a aprender. Mas esperam também que a escola seja um espaço agradável, com atividades culturais, esportivas e sociais, em que possam encontrar amigos, ouvir música e namorar (SÃO PAULO, 2000 apud MITRULIS, 2002)⁶.

Devido à necessidade de pensar um sentido para o Ensino Médio no sistema nacional de ensino, é possível analisá-lo historicamente na perspectiva de preparar a elite para o Ensino Superior e que a partir de 1930, a expansão das oportunidades de escolarização fez com que emergisse outra demanda: o Ensino Médio vinculado à profissionalização que prepara para o ingresso no mercado de trabalho e este impasse histórico consistiu em uma tensão (OLIVEIRA; SOUZA, 2004).

Como bem lembra Oliveira e Souza (2004), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 5.692), de 1971, enfrentou essa tensão estabelecendo a profissionalização obrigatória.

⁶ SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Circuito gestão, mod. II: Gestão pedagógica, p. 55-56, 2000.

No início dos anos 80, foi -se estabelecendo entre pesquisadores e educadores a tese da formação para o trabalho dentro do 2º Grau, entendida como formação para a cidadania (ZIBAS; AGUIAR; BUENO, 2002 apud OLIVEIRA; SOUZA, 2004)⁷, e tal concepção veio se transformar em norma legal com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394/96 que está em vigor.

Paralelo a isso, e segundo Oliveira e Souza (2004), diante de um cenário mundial de crise econômica e política, a competição entre as empresas e instituições ficou acirrada, fazendo crescer a valorização da escola e da escolarização no Brasil.

Ora, já que a educação no Ensino Médio deve proporcionar competências ligadas à organização do mundo do trabalho, é necessário que se reflita, ainda que minimamente, sobre a relação deste com a educação, para isso toma-se como referência, Barato (2004), que diz sobre a tendência que existe com o passar dos anos das ocupações tornarem-se menos complexas, exigirem menos competências e menos conhecimento. O autor chama a atenção de que essas considerações parecem contraditórias quando se sente que o trabalho requer mais anos na escola. Para ele a relação trabalho/escola não se resume na questão da aprendizagem de competências requeridas pelo mercado de trabalho, pois este usa a escolaridade de acordo com sua conveniência.

Esta contradição entre simplificação do trabalho e exigência maior de escolaridade pode ser vista em algumas situações, dentre elas as que envolvem prestígio e valorização social das profissões, ou seja, quando uma determinada profissão passa a ser valorizada com o passar dos anos, os velhos profissionais tentam dificultar a entrada de novos profissionais usando o fator escolaridade nessa direção (BARATO, 2004).

Enfim, não caberá neste trabalho examinar em detalhes essas complexas relações entre escolarização e trabalho e um maior aprofundamento desse tema, mas considera-se sua importância e a do professor como um ator que está dentro desse processo, pretendendo-se agora refletir sobre sua concepção.

7 ZIBAS, D.; AGUIAR, M., BUENO, M. S. S. **O Ensino Médio e a Reforma da Educação Básica**. Brasília: Plano Editora, 2002.

1.1.3 Concepção de Professor e formação de Professores do Ensino Médio

Os cursos de formação inicial de professores têm mantido o foco de atenção nas teorias pedagógicas, nas teorias do desenvolvimento e da didática, apresentadas de uma maneira geral, sem se deterem na questão que deveria ocupar o centro de preocupação desses cursos: como ensinar. As universidades formam bacharéis, que podem conhecer Física, Química, Biologia, Matemática, História etc., mas não formam professores de Física, Química, Biologia etc.; não se preocupam com a prática, restringindo-se à teoria (CAMPOS, 2001).

A recente proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica em cursos de nível superior traz como competências do professor, no âmbito do conhecimento pedagógico, "criar, planejar, realizar, gerir, avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos"; "manejar diferentes estratégias de comunicação dos conteúdos (CAMPOS, 2001, p.1), sabendo eleger as mais adequadas, considerando a diversidade dos alunos, os objetivos das atividades propostas e as características dos próprios conteúdos"; "analisar, produzir e utilizar materiais e recursos para utilização didática, diversificando as possíveis atividades e potencializando seu uso em diferentes situações" (CAMPOS, 2001, p.2).

Segundo Campos (2001), formar alunos competentes para (sobre) viver no mundo contemporâneo exige uma nova postura do professor e que ele desenvolva estas competências acima.

Para este autor, os cursos de formação inicial deveriam ocupar-se das diretrizes, orientações e propostas elaboradas pela União, pelos estados e municípios. Segundo ele, há material farto e de qualidade dormindo nas prateleiras oficiais, onde boa parte dos professores sequer sabe como ter acesso e cuja discussão é importante por vários sentidos: por fazer parte do exercício da cidadania a discussão das propostas públicas de educação, seja para referendá-las, seja para criticá-las obrigar a revisões e eventuais correções de rumo e por ser impossível pensar na formação de profissionais da educação descolados da política do país, como se entre ambos não houvesse nexo obrigatório.

Por fim, para Campos (2001), o professor deveria ser formado como um gerenciador de informações, construindo seu conhecimento no tecido de informações, buscadas em fontes diversas, incluindo as não didáticas, mas que passam a ser, por adquirirem o uso didático.

Já Canen (2003), ao tentar definir um perfil de professor para atuar no Ensino Médio, debruça-se sobre as dificuldades e as exigências de uma boa formação de professores no

nosso país.

Para esta autora, a Educação e a Formação de Professores não podem se calar face ao contexto de desvalorização do “outro”, percebido como diferente. Não podendo também, continuar a ministrar aulas como se o mundo fosse homogêneo, como se existissem verdades absolutas a serem transmitidas pela educação, dissociadas da diversidade cultural e dos conflitos a ela relacionados, pois se cobra da Educação a formação de cidadania crítica, de valorização da pluralidade cultural, de flexibilidade e abertura para novas possibilidades de construções de conhecimento e de soluções a problemas.

Este sentido de educação, segundo a autora, faz com que se pense em formas de articular conteúdos e competências e a construir e valorizar as identidades plurais. E essas formas são denominadas de multiculturalismo.

Então, ao lidar com o múltiplo, o diverso e o plural, o multiculturalismo encara as identidades plurais como a base de constituição das sociedades, e leva em consideração a pluralidade de raças, gêneros, religiões, saberes, culturas, linguagens e outras características identitárias para sugerir que a sociedade é múltipla e que tal multiplicidade deve ser incorporada aos currículos e práticas pedagógicas (CANEN, 2003).

Baseado nisso, Canen (2003) conclui que um trabalho voltado para a formação de professores, que busque sensibilizar futuros docentes para a diversidade cultural, contribui para a construção da cidadania crítica e ética em futuras gerações, por meio da valorização do múltiplo, do plural e do diverso.

A autora sugere então, que o multiculturalismo impregne estratégias, conteúdos e práticas trabalhadas em aulas pelo professor e reforça o papel do professor como pesquisador constante de sua prática, que constrói no seu cotidiano perspectivas multiculturais e valoriza as identidades.

Já em relação à educação do educador em serviço, Fusari (1992) diz que uma política para esta educação deve ser pautada em pressupostos coerentes com as exigências de democratização da educação escolar básica brasileira, como ser preciso assumir que o educador brasileiro é um cidadão que trabalha para garantir o seu sustento (e o de uma família) e deve trabalhar também para a transformação da sociedade.

É preciso assumir as deficiências do sistema formal de ensino pelo qual o educador passou, sem pretender que a educação em serviço, por si só, recupere todas as lacunas e deficiências, é preciso que o educador assuma a dimensão individual do seu processo de educação em serviço e ser preciso encaminhar a educação do educador em serviço como um processo (FUSARI, 1992).

Este processo, segundo Fusari (1992), deve considerar a relação entre o trabalho no intra-escolar, totalidade social mais ampla e os problemas da prática dos educadores deverão ser considerados como ponto de partida e ponto de chegada do processo, bem como os conteúdos trabalhados nos programas devem estar organizados em torno de uma proposta pedagógica de educação.

A identificação de necessidades de educação em serviço, segundo Fusari (1992), também deve ser encaminhada como um processo o qual deve ser um momento de capacitação e de reflexão em que as causas dos problemas sejam amplamente discutidas.

A construção de um novo Ensino Médio que atenda às necessidades de adolescentes e jovens depende da formação continuada dos profissionais da educação e essa construção na reforma educacional brasileira busca estratégias de formação continuada coerentes com os princípios e fundamentos da reforma, implicando que os órgãos responsáveis pela gestão dos sistemas educacionais adotem estratégias e ações reunidas sob as diretrizes de uma política de desenvolvimento profissional dos professores, gestores e demais profissionais da educação (MEC, 2004).

Para o MEC (2004), o sentido dessa política é assegurar recursos e estratégias de formação e de ampliação da vivência profissional e cultural dos profissionais, bem como permitir a eles que sintam responsáveis pelo gerenciamento de sua própria formação continuada e de seu desenvolvimento profissional. E na base dessa política estão dois princípios do Ensino Médio e da educação brasileira que estão presentes na LDB: o princípio da autonomia e o princípio da identidade, contribuindo para que professores, gestores e demais educadores sintam-se como especialistas em educação, superando posturas de autodesvalorização e de rebaixamento da auto-estima desses profissionais, amparado em um conhecimento do que significa ser educador em nossa sociedade.

Com base nisso, o MEC (2004) enfatiza a importância de esses profissionais conhecerem em profundidade a legislação, as normas e os princípios de caráter estético, político e ético que condicionam sua atuação, argumentando que muitos dos professores não lêem a LDB, a Lei geral que rege seus destinos profissionais, sua formação, seu cotidiano nas escolas e até seus salários.

O MEC (2004) conclui então que há uma necessária coerência entre a política de formação continuada e as diretrizes curriculares nacionais do novo Ensino Médio e seus cinco princípios pedagógicos: identidade, diversidade, autonomia, interdisciplinaridade e contextualização.

O respeito à identidade de cada escola e o respeito à diversidade entre as muitas escolas implica na necessidade de formação continuada do professor e considerar essa mesma identidade e diversidade, e essa identidade é a chave para prever graus de autonomia às unidades escolares e na base da autonomia da escola está a autonomia da equipe de profissionais. E proporcionar momentos de encontro entre as equipes de professores de uma mesma escola permite a visualização de possíveis articulações interdisciplinares. Necessário focalizar a formação continuada do professor nas condições concretas e específicas de cada escola para atender às suas necessidades e às de seus alunos, referindo sua aprendizagem ao contexto concreto da escola que atua (MEC, 2004).

O MEC (2004) classifica grandes conjuntos para implementação das mudanças nas escolas referente ao desenvolvimento profissional dos professores do Ensino Médio, são eles: difusão, apropriação inicial, formação continuada, capacitação e ampliação cultural. O papel da difusão é o de preparar os profissionais para as inovações. Em seguida a esta etapa é o momento da apropriação dos princípios e conceitos, mediante os estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, e uma vez, difundidos e apropriados estes princípios e conceitos, segue-se à formação continuada propriamente dita e o desenvolvimento de suas estratégias. Nesse processo permanente e contínuo de formação permite-se identificar necessidades de capacitação. E por fim, o acesso a bens culturais e da informação garante a ampliação cultural dos professores.

Pretende-se encerrar aqui estas reflexões sobre a Escola e a Educação no Ensino Médio, sobre os alunos do Ensino Médio e essas concepções de professor do Ensino Médio para que se possa refletir sobre as percepções dos alunos do Ensino Médio sobre os professores.

Seguir-se-á apresentado um levantamento bibliográfico contrapondo as percepções dos professores de todos os níveis, de outros profissionais da instituição escolar e de alunos de todos os níveis, finalizando com o aluno da escola média, participante do presente estudo. São percepções gerais à respeito do professor que servem de subsídios para pesquisar as percepções de alunos do Ensino Médio.

1.2 O professor do ponto de vista dele mesmo e de outros profissionais da instituição escolar

Ao fazer o levantamento do tema na literatura científica existente, observou-se que este é um tema de tradição na área e que nos anos 80, Ribeiro (1984), contribuiu com o tema buscando compreender como os professores se percebem e percebem seu papel social. A autora, por meio de experiências de observação incidental, em um primeiro momento questionou: quais as tensões existentes entre o papel do professor – seu eu - socializado e a pessoa do professor – seu eu - humano? Este foi um primeiro objetivo que em seguida se ampliou: pois, embora as tensões entre o desempenho de papel e a pessoa dos professores permanecessem como um elemento focal, no início, a autora desejava compreender a situação objetiva-subjetiva dos professores de educação de modo mais amplo, compreendendo mais globalmente a dinâmica da sociedade de classes, em interação com aqueles aspectos da vida com que se defrontavam e compreender mais profundamente a visão de mundo que dava sentido e colocava na perspectiva humana o trabalho dos professores. Ao falar sobre seu início de vida profissional, os professores se remeteram a um ambiente tradicionalista, longe do que caracteriza uma burguesia dirigente em processo de modernização. A autora trabalhou com observação participante em uma instituição de terceiro grau, que forma educadores. Os dados foram coletados em duas situações: observações em classe e entrevista. Usou categorias relativas a espaço, tempo, visão do outro e natureza da relação de trabalho para análise dos dois conjuntos de dados. A autora compreende esta situação como exemplo dos processos de alienação no trabalho. Na palavra dos professores, no modo de perceber e manipular seu *espaço*, na *relação com o tempo e com o aluno*, encontrou-se uma vivência de contradição. O professor veiculou status alto em cerca de 35% das mesmas; a natureza qualitativa das verbalizações penetra o primeiro momento da contradição que perpassa seu campo perceptual. Do ponto de vista psicológico, o que pareceu mais significativo foi o modo como esta contradição é vivida pelos professores. O que pareceu mais significativo é que, em todos os professores, um ideal – sistema de crenças sobre a profissão – foi-se firmando como direção de vida. Seguindo a trajetória dos professores por meio deste estudo, foi possível compreender seu processo atual: o *tempo* presente dos professores é construído sobre o tempo cíclico do período letivo, com o término da *relação* considerado em geral prematuro. No processo presente, os professores buscam preservar a integridade de seu trabalho, pelo sentido espiritual nele impresso. Portanto, o processo presente dos professores contém e expressa a contradição da própria *dialética* deste trabalho. Os professores prezam a sala de aula como

seu *espaço* de realização, onde se sentem recompensados cognitivamente e afetivamente. Entretanto, pelas observações de comportamento, os professores variam na sua *relação* com o aluno: ou trabalham em envolvimento com ele, ou o rebaixam, coagem, invalidam, perpetuando relações de trabalho alienado e petrificação do relacionamento humano. Para os professores, foi visto como a trajetória supõe a superação do ator-professor, no sentido da emergência do “eu - humano” no “eu - socializado” do professor. Com o estudo do tema, foi-se firmando a idéia de que o professor na sua “liberdade” cria o seu aprisionamento.

Ainda nos anos 80 e em relação ao papel profissional do professor, Sanchez, Silva e Kossobudzki (1985) ao articularem suas percepções com as de outros estudiosos do fracasso escolar, e ao observarem cotidianamente a desvalorização progressiva de um papel essencial que é a do professor, decidiram definir a “percepção que este tem do papel *profissional* de professor” como variável a ser pesquisada. Utilizou-se como amostra de pesquisa professores de 1ª série do 1º grau do Sistema Estadual e Municipal da zona urbana da Cidade de Curitiba. Para medida da percepção do papel profissional de professor optou-se pela elaboração de escala usando seleção de conceitos (categorias) a serem verificados. Os resultados levam a crer que ser professor envolve ainda uma *realização* profissional/pessoal que é significativamente positiva para o docente, embora o mesmo tenha verbalizado insatisfação com as limitações sofridas na prática. Em relação ao *status*, a maioria dos docentes, denota uma atitude negativa. Embora, ser professor seja uma situação desejada idealmente pelos docentes, a falta de valorização social pesa negativamente na percepção do papel profissional de professor. Em relação ao *poder*, as escolas estaduais atribuem a seus docentes maiores autonomia e responsabilidade pela sala de aula do que as municipais (SILVA, 1991).

Já na década de 90, Rangel (1996) investigou partindo do conceito de representações sociais o “bom professor” formado por alunos, pais, professores e funcionários de uma escola pública e uma escola particular de Niterói, RJ. As representações que foram encontradas sugerem pensamentos nos quais se reflete sobre o sentido e dimensões da representação social e sobre o significado da atuação dos professores na prática (educativa) de ensino. Com esse entendimento, os dados do estudo subsidiam (e estimulam) análises mais amplas da representação social do “bom professor”. Assim, as representações do “bom professor” apresentado pelas pessoas entrevistadas revelam uma atitude positiva que se expressa em dois níveis: em nível de ensino e em nível da pessoa. No ideal dessa atitude está a esperança; no real, um desafio e uma responsabilidade.

O estudo de Gutierrez (2002) teve como objetivo investigar psicanaliticamente os traços marcantes da posição subjetiva dos mestres que conseguem cumprir a árdua tarefa de

educar adolescentes. Este estudo foi desenvolvido em torno de três eixos principais: o conceito de adolescência, o lugar do mestre sob a ótica psicanalítica e o lugar específico do mestre de adolescentes. Segundo o estudo há uma “especial posição subjetiva” do mestre de adolescente que consegue cumprir com sucesso sua função educativa. Nele, foi realizada entrevista aberta com três mestres eleitos como os melhores professores de adolescentes por seus alunos e coordenadores, dois ministrando aulas em escola pública e um outro ensinando em uma escola particular. Nas análises dos adolescentes foram freqüentes os comentários sobre os professores que envolvem o grupo e conseguem promover aulas interessantes, transmitindo o conteúdo formal com sucesso, sendo, por este fato, respeitados pelos alunos. Através da análise de entrevista, “atravessada” pela psicanálise, verificaram-se em seus discursos os possíveis traços que comporiam esta “especial posição subjetiva” na transmissão. Ao falar, eles crêem-se sem falhas, acreditam ser mestre de tudo o que dizem, assumindo um lugar de modelo e de um adulto que, diante do aluno, se supõe, na expressão escolhida pelo autor, “Todo”, que pelo Discurso Analítico, remete á posição dos pais na infância. No entanto, ao convocarem o aluno, apresenta-se, como um mestre “não - todo”, permitindo que o aluno construa novas significações e conhecimentos através do que foi ensinado, possibilitando giros discursivos. Pelo estudo, a autora conclui que, apesar das diferenças entre os métodos educacionais utilizados, estes “bons professores de adolescentes” apresentam esta “especial posição subjetiva” em seu ato de transmissão, que comporta principalmente quatro importantes aspectos: a articulação entre lei e desejo no ato da transmissão; a relação diferenciada com a “causa adolescente”; o valor subjetivo simbólico atribuído à função de mestre (paixão de formar) e à possibilidade de “circulação discursiva” no ato de transmissão.

Estudo de Chechia e Andrade (2004) teve como objetivo geral conhecer as percepções dos pais sobre os professores, a escola, o desempenho escolar e o envolvimento deles próprios no cotidiano escolar dos filhos. O estudo foi realizado com 32 pais, sendo dezesseis pais de alunos com desempenho classificado como sucesso e dezesseis pais de alunos com insucesso escolar, de uma escola pública estadual do primeiro ciclo do ensino fundamental de um bairro de periferia de um Município do interior de São Paulo. A pesquisa teve início com observações, em seguida foram realizadas entrevistas com os pais de alunos e utilizou-se também a análise documental. Os dados revelam que os professores para os pais também podem ser “bons” ou “maus”, dependendo da influência que exercem sobre o filho. Os pais de alunos com sucesso têm uma tendência maior em elogiar o professor e apresentar dele uma avaliação mais positiva, sugerirem melhores situações, já os pais de alunos com insucesso, percebem que a professora é boa, mas contradizem-se muito e acabam fazendo muitas críticas

em relação ao modo de ensinar e relacionar-se com o filho. Os autores concluem que atualmente percebe-se que o professor, em geral, tem tido uma tendência à desvalorização na percepção da família, daí a necessidade de a família e o professor refletirem juntas as condições do desempenho do aluno. Os autores ainda argumentam que este delicado equilíbrio entre pais e professores pode ser o início de importantes transformações da vida escolar e do verdadeiro valor que se dá ao aluno.

Pelos trabalhos citados, pode-se perceber que, durante este período de tempo, foram feitos diversos estudos á respeito das percepções dos professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior, bem como de outros profissionais da Escola Média em relação ao professor, no que se refere ao desempenho de seus papéis social e profissional, porém havendo a necessidade de novas pesquisas. Ao entrar em contato com a literatura existente é que se observou a necessidade do presente estudo, e de tais percepções sobre o professor do Ensino Médio pelo olhar de seus alunos. A seguir, será visto um pouco mais destes aspectos, tanto reais, quanto ideais do professor na percepção dele mesmo e dos alunos.

1.3 Percepção de alunos e professores á respeito do professor real e ideal

Neste item, pode-se observar estudos que foram feitos durante o mesmo período de tempo a respeito de professores. Encontrou-se estudos á respeito de professores no geral sob o olhar de alunos e professores e não foram encontrados estudos sobre o professor do nível médio pelo olhar dos alunos. Neste item outro caráter chama a atenção nos estudos, é que os alunos e professores observaram aspectos reais e ideais do professor.

Observa-se que Shulman (1986, 1987) afirmou que, para ser eficaz, os professores devem possuir competência no conhecimento do conteúdo, conhecimento pedagógico e conhecimento do conteúdo pedagógico. O conhecimento do conteúdo se refere à compreensão dos conceitos e da estrutura básica dos conceitos ensinados, considerando que o conhecimento pedagógico inclui as habilidades necessárias para guiar, administrar, avaliar, e comunicar-se com estudantes. Em comparação, o conhecimento do conteúdo pedagógico se refere à habilidade de conduzir o conhecimento do conteúdo dentro de múltiplos modelos de ensino, a fim de melhorar a compreensão e o resultado do estudante.

Em outro estudo, os professores completaram um questionário que consistia tanto de questões abertas, quanto de múltipla escolha. Foi pedido que descrevessem o que eles entendiam por “um professor realmente bom”. Suas respostas foram categorizadas, o que resultou em categorias cuidado, integridade, inteligência, franqueza e respeito. As primeiras

características foram: cuidado / compreensão / afetuosidade / amabilidade, habilidade de se relacionar com crianças, paciência, habilidade de motivar estudantes, e habilidade para manter a disciplina (WEINSTEIN, 1989).

Estudo de Sakai (2000) teve como objetivo levantar o perfil do professor eficiente para uma amostra de alunos e professores do ensino superior. Foram pesquisados neste estudo 398 sujeitos, sendo 60 professores e 338 estudantes universitários provenientes de instituições públicas e privadas. O instrumento utilizado pela autora foi o questionário elaborado por Angelini e Paiva (1973). Trata-se de um questionário fechado, constituído por 105 pares de afirmações sobre as características desejáveis do professor, nas quais os sujeitos assinalam qual a alternativa considerada mais importante. A autora descreve que a aplicação ocorreu de forma coletiva com o Grupo Alunos e individual com o Grupo Professores, de acordo com a disponibilidade dos mesmos. Os resultados permitiram que a autora fizesse as seguintes afirmações: 1) alunos e professores indicaram ser a característica “desperta o interesse dos alunos para o assunto” a que define o perfil do professor eficiente; 2) houve concordância absoluta entre alunos e professores, quer em relação à característica “desperta o interesse dos alunos para o assunto” (mais importante), quer em relação a menos importante, “cuida da sua aparência”; 3) no conjunto, foi observado que as características mais valorizadas pelos alunos também o foram pelos professores. A partir dos dados levantados, pode-se traçar o seguinte perfil de professor eficiente para esta amostra, segundo a autora: a) desperta o interesse dos alunos pelo assunto; b) compreende as dificuldades dos alunos; c) conhece bem a matéria; d) aproveita todas as oportunidades para educar; e f) tem facilidade de se adaptar a novas situações. Nesta linha, tem-se que é fundamental o professor perceber na sua prática dentro da sala de aula, o tipo de vínculo que mantém com seus alunos, na medida em que este servirá como um dos principais referenciais na vida do aluno, nos vários estágios acadêmicos. Foi destacado que a personalidade do professor pode intervir, positiva ou negativamente, no sucesso ou fracasso do processo educativo, oferecendo nada mais do que racionalizações.

Pesquisa de Oliveira e Wechsler (2002) visou identificar e comparar as características de professor real e ideal. O estudo foi realizado com uma amostra composta de 90 alunos dos cursos das licenciaturas de Matemática, Psicologia e Pedagogia e 30 professores de 1º. e 2º. graus na época, hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio no interior do Estado de São Paulo. A autora pediu aos alunos e professores que citassem dez adjetivos atribuídos ao professor *real* e dez do professor *ideal* e analisou a diferença quanto às características do professor *real* e *ideal* apontadas por estes. Para os alunos de licenciaturas, as características mais apontadas do professor real foram de *cansado* e *desvalorizado*, seguidas de *agressivo* e *preocupado*. Foi

verificado que para o professor, os adjetivos mais freqüentes foram: *mal remunerados* em primeiro lugar, *cansado*, *desvalorizado* e *desatualizado*. Em relação ao professor ideal, observou-se que alunos de licenciaturas consideram mais significativas as características do professor *criativo*, seguidas de *amigo*, *pesquisador* e *atualizado*. Quanto ao professor, os adjetivos mais freqüentes foram: *criativo* e *atualizado*, *bom salário*, *respeitado*. Os resultados apontados pelos professores para o professor real foram semelhantes aos dos alunos. No tocante às diferenças de opiniões entre alunos de licenciaturas, em relação às características do professor ideal, as características com mais pontuações foram: professor criativo, atualizado, bem-remunerado, respeitado, amigo, motivado, dinâmico, competente, didático, paciente, planejador, vê a realidade do aluno e é pesquisador. A posição das autoras é a de que, mesmo não encontrando respostas adequadas e definitivas, sempre existirá o desejo do aprimoramento educacional e a criatividade precisa ser mais fortalecida, mais bem-pesquisada e deverá desvelar qual será o melhor caminho, na busca de um saber que possa contribuir realmente com melhorias no processo ensino-aprendizagem.

Murphy, Delli e Edwards (2004) sinalizam que embora estudos mais recentes tenham ampliado o conhecimento sobre as competências necessárias em sala de aula, ainda se sabe muito pouco sobre as crenças de alunos mais jovens, quanto ao ensino e o próprio professor. Baseados nisso, os autores fizeram um estudo com o propósito de explorar crenças de estudantes de segunda série, professores reflexivos e professores experientes sobre “bons professores”. Entrevistaram grupos diferentes, sendo que, os entrevistados do Grupo 1 eram 60 alunos de 7 a 9 anos, os do Grupo 2 consistiam de 61 professores reflexivos envolvidos em nível de mestrado, com idade média de 27 anos, e o Grupo 3, 22 professores experientes, com idade média de 38 anos. A todos os grupos foi solicitado também o desenho de figuras do bom professor. Os autores adaptaram o instrumento da *Kinetic School Drawing (KSD)*, que pode também ser utilizado para obter dados sobre as percepções dos alunos sobre os professores e sobre os ambientes de sala. As conclusões deste estudo segundo as autoras, revelaram que bons professores são atenciosos, pacientes, não são tediosos, educados e organizados. Estudantes de segunda série e professores reflexivos classificaram da mesma forma quatro características. Similarmente, professores reflexivos e professores experientes também classificaram quatro características da mesma forma. O único acordo entre os três grupos foi para atenção. As conclusões obtidas pelos desenhos revelaram que a maioria dos estudantes de segunda série (60%) e professores reflexivos (72%) desenhava o professor muito maior do que os alunos, sugerindo que a figura mais alta, o professor, exerce poder sobre as figuras menores desenhadas, os alunos. Pela comparação, a maioria dos professores

experientes desenhou classes nas quais os professores e os alunos eram melhores proporcionados, nivelados, como seriam em vida real. Para um melhor entendimento sobre os desenhos, pediu-se a cada entrevistado para descrever verbalmente o que o professor estava fazendo e o que os alunos estavam fazendo. Pela descrição recebida, o bom professor estava fazendo parte do ensino de conteúdo ativo tentando se comunicar com os alunos, reafirmando a noção de que professores reflexivos acreditam que bons professores desperdiçam um tempo enorme gerenciando suas classes. Enfim bons professores são vistos como cuidadosos, pacientes, não-maçantes, e educados e caracterizados pela instrução centrada no estudante nas quais os alunos são felizes e o professor está de pé e se movendo pela sala de aula.

Como se pode perceber, a maioria dos estudos encontrados trata das percepções de professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior, bem como de alunos do Ensino Fundamental e Superior a respeito do professor real, e principalmente do professor ideal. Mas não foram encontrados mais estudos deste tema sobre as percepções de alunos do Ensino Médio, considerada uma das fases de extrema importância na vida estudantil dos alunos, e na qual vemos sérias dificuldades em realizá-la com êxito, sendo que uma das causas pode estar justamente na relação com o professor, já que todo processo de aprendizagem supõe uma relação. A seguir, serão apresentados estudos sobre as percepções dos alunos de todos os níveis sobre o professor.

1.4 Percepção de alunos á respeito do professor

No estudo de Taylor (1962 apud SAKAI, 2000) ⁸ participaram 800 alunos, crianças de escolas primárias e secundárias americanas. O objetivo do estudo foi o de investigar o bom professor em relação a quatro escalas, que era: 1) disciplina; 2) qualidades pessoais; 3) qualidades para o processo de ensino; e 4) avaliação comparativa das escalas anteriores. Segundo a autora, os resultados deste estudo destacam alguns aspectos, dentre eles: satisfação para ensinar e para aprender, qualidade pessoal, bom temperamento, ter senso de humor, entre outros, como características importantes para ser um professor justo. E a análise deste estudo também aponta um estereótipo do bom professor pelos manifestos das crianças: como alguém jovem, do sexo masculino, casado, que tenha filhos, que atribua poucas lições de casa e que não utilize punições. E indica que as crianças rejeitam como bom professor às mulheres, de

⁸ TAYLOR, P. H. Children's Evaluations of the Characteristics of the good teacher. **British Journal Educational Psyschool**, Oxford, v. 32, p. 258-266, 1962.

idade avançada e aquelas que mantêm os mesmos costumes que seus pais.

Beck (1967 apud SAKAI, 2000)⁹ realizou um estudo de investigação da percepção do professor eficiente, também em escolas americanas, participaram do estudo 2.108 estudantes. Segundo a autora, para realizar este estudo, foi utilizado um questionário fechado, dividido em cinco aspectos, a saber: afetivo, cognitivo, disciplina, poder de inovação e poder de motivação. Para analisar todos os resultados obtidos em cada um destes aspectos baseou-se na análise de variância de Kaiser e estes apontaram ser o aspecto afetivo e amigável do professor o mais valorizado pelos alunos, seguidos das características comunicação clara, motivação, disciplina e flexível na metodologia.

Na investigação de Mueller, Roach e Malone (1971 apud SAKAI, 2000)¹⁰, estes propuseram comparar os resultados de seu estudo sobre as características mais e menos importantes do professor ideal com resultados obtidos em estudos anteriores. Participaram do estudo 642 estudantes universitários que estavam na 1ª série do curso de Psicologia da Universidade de Windsom. E o instrumento utilizado foi um questionário proposto por Gadzella (1968 a, 1968b) intitulado “A percepção de estudantes sobre o professor ideal”, este era composto de 25 afirmações e na sua aplicação o aluno escolhia os itens mais importantes e os menos importantes, colocando-os em ordem de importância. Após a análise dos resultados obtidos, os autores concluíram que tais resultados são similares aos encontrados em outras pesquisas. Os resultados apontam que o professor ideal tenha que integrar várias características. E de acordo com a ordem hierárquica de importância do questionário estes aspectos ideais são: 1) ter domínio da matéria; 2) ter interesse na matéria; 3) ser flexível; 4) ser hábil e claro nas explicações pedagógicas; 5) respeitar o ponto de vista dos alunos; 6) motivar a participação do aluno, entre outros.

No estudo de Castro (1972 apud SAKAI, 2000)¹¹, sobre as características do professor, este foi realizado em oito escolas particulares de ensino médio e duas escolas de en

9 BECK, W. R. Pupils' Perceptions of Teacher Merit: A Factor Analysis of Five Postulated Dimensions. **The Journal of Educational Research**, Madison, v. 61, n. 3, p. 127-128, 1967.

10 MUELLER, R. H.; ROACH, P. J.; MALONE, J. A. College Student's views of the Characteristics of an "Ideal" Professor. **Psychology in the Schools**, Brandon, v. 8, p. 161-167, 1971.

11 CASTRO, S. A. M. **Estudo sobre as características do professor**. 1972, 217f. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

sino superior, na cidade de Goiânia (GO). Os participantes foram 891 estudantes de nível médio e de cursos de Pedagogia e para se obter os dados foi utilizado um questionário baseado no questionário de Taylor (1962), anteriormente citado, porém neste constavam três partes, das quais duas eram questões fechadas e a terceira parte continha algumas proposições abertas. Após as análises dos dados, foi possível obter os seguintes resultados, segundo a conclusão da autora: fica evidente uma necessidade de o professor promover um maior envolvimento do aluno no processo educativo, como um recurso de canalização e desenvolvimento de suas potencialidades, e tais resultados foram obtidos por meio da escala A, já em relação à escala B; dar aulas interessantes e bem preparadas (capacidade de improvisação, de provocar interesse, entusiasmo, interpretar a realidade e/ou situações novas, por exemplo), foi considerado mais importante do que ter conhecimentos específicos. E no final, na escala C, foi apontado outros atributos que o professor deve ter, que são os de ser paciente, compreensivo e bondoso.

Trombeta (1997) fez um estudo com o objetivo de verificar a opinião de estudantes de um curso de Psicologia sobre as características consideradas importantes de um bom professor. Os sujeitos deste estudo foram 79 alunos, cursando a terceira série, de ambos os sexos e que foram solicitados a citar-lhes três características. Os resultados foram classificados em três categorias; uma referente às características pessoais e de personalidade do professor; a segunda – relação interpessoal – diz respeito à interação professor-aluno na sala de aula, e a última categoria refere-se aos aspectos da atividade profissional do professor, ou seja, aqueles demonstrados pelo professor em sala de aula no exercício da atividade docente. Os resultados encontrados mostram, segundo a autora, uma valorização das características de personalidade e aquelas relacionadas à interação positiva e próxima entre professor e aluno, refletindo a preocupação com uma educação mais humanista. As características de personalidade que parecem como mais importantes para o bom professor, na opinião dos alunos pesquisados, são: simpatia e bom humor, flexibilidade, dinamismo e interesse/motivação pelo trabalho. Entre as características relacionadas à relação professor-aluno está o respeito e a compreensão pelo aluno. E em relação às características profissionais do professor, as mais valorizadas foram: a boa didática, seguida do conhecimento específico da disciplina com a qual o professor trabalha. Outros aspectos também considerados importantes e lembrados pelos alunos foram: conhecimentos gerais, avaliação constante, formação acadêmica, pontualidade e experiência. O importante parece ser o professor estar próximo, interessado e preocupado com o aluno, não só com seu rendimento escolar, mas com

o aluno como pessoa. O reconhecimento da importância da interação professor-aluno para uma educação efetiva já é um grande passo em direção às mudanças necessárias, desde a formação pré-escolar e de 1º grau, passando pelo magistério até os bancos das Universidades.

Silva e Ruffino (1999) fizeram um estudo do tipo levantamento tendo como objetivos: identificar os comportamentos docentes predominantes no ensino de graduação em enfermagem, de acordo com a percepção dos alunos, agrupando-os em tipos de professor e relacionando-os com as abordagens de ensino. Os dados foram obtidos através de formulário, aplicado em 52 sujeitos, alunos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Considerando os resultados obtidos em ambas as séries, as autoras podem dizer que há pluralidade de comportamentos docentes, predominando professores preocupados com conteúdos, métodos e técnicas, com características das concepções tradicional, comportamental e cognitivista.

Carvalho et al. (2002) tiveram como objetivo estudar alguns aspectos das características do bom professor na percepção de estudantes do Ensino Médio. Foi utilizado para a coleta de dados nesse estudo, um questionário elaborado com base na literatura, dividido e organizado em 20 questões abertas e fechadas. As perguntas procuravam levantar, quais as características que os sujeitos consideravam como adequadas para um professor, em 30 alunos de uma Escola Estadual na região sul, da capital do Estado de São Paulo do Ensino Médio, cuja idade varia de 15 a 20 anos e de ambos os sexos. Os resultados obtidos deste estudo foram: quanto à faixa etária do professor, 70% consideram que pouco importa a faixa etária do bom docente, para 27% bom professor é jovem e 3% o idoso. Quanto à postura do professor na sala de aula, 83% consideram um bom professor aquele que se preocupa com as dificuldades de cada aluno na matéria, para 23% bom professor é aquele que favorece o diálogo com os alunos e para 13% é aquele que dá exemplos de sua vivência pessoal. Quanto à apresentação pessoal do professor, 57% consideram um bom docente aquele que é simpático e bem educado. Quanto à relação professor-aluno, 53% consideram que um bom docente aquele que é amigo de seus alunos. Quanto à forma pela qual o professor se comunica, 90% consideram um bom professor aquele que se comunica de forma clara e simples. Quanto à aula ministrada pelo professor, 37% acreditam que o bom professor é aquele que usa aulas expositivas e recurso de acordo com a necessidade do conteúdo da aula. E quanto ao conhecimento da matéria ministrada pelo professor, 50% consideram um bom professor aquele que relaciona sua matéria com outras matérias. As autoras concluem que, para essa amostra, o perfil de um bom professor corresponde à imagem de um profissional que está muito presente e atento às dificuldades do aluno, sendo receptivo, amigo e pontual.

Enfatizando as características pessoais, tanto no aspecto didático como de conhecimento.

Em seu trabalho de pesquisa, Lourençoni (2003) também considerou a importância do bom professor para a relação interpessoal na sala de aula e no sucesso do rendimento acadêmico, o objetivo de tal pesquisa foi conhecer o perfil do professor significativo segundo a percepção de estudantes de Ensino Médio. Foi aplicada uma escala “Likert” (contendo 18 afirmativas sobre o perfil do professor significativo) para 58 alunos com faixa etária de 17 anos (28 meninos e 30 meninas) da 3ª. Série do Ensino Médio de uma escola particular da região central de uma cidade do interior de São Paulo. Os resultados foram analisados pela média ponderada e apontaram (com correlação positiva entre ambos os sexos) que o professor significativo, que promove o aprendizado e o relacionamento, é aquele que ensina bem ($m=4,14$), seguido de capacitador com o perfil de competência didática ($m=3,94$); já o que obstrui o desenvolvimento pessoal e o relacionamento é considerado amedrontador ($m=1,53$).

Por meio do levantamento da literatura pesquisada, foi possível conhecer investigações sobre o professor na Escola de Ensino Médio, os jovens desta escola nos dias atuais e a relação entre esses dois atores. E, a partir de inquietações e questionamentos estimulados pelas conclusões dos estudos citados, surgiu à necessidade de se investigar mais especificamente os professores do Ensino Médio relacionando o âmbito real com o ideal, na perspectiva de seus alunos.

Na literatura científica existente foram poucos os estudos que trataram desta questão, pôde-se observar uma quantidade significativa de estudos sobre o tema, porém sob o olhar de professores de todos os níveis, de outros profissionais da instituição escolar e de alunos de todos os níveis e serviram deles para se pesquisar as percepções de alunos do Ensino Médio.

JUSTIFICATIVA

Experiências e observações no cotidiano escolar fizeram surgir a questão do presente estudo: quais são as percepções dos alunos do Ensino Médio sobre o professor? Verificaram-se, no levantamento bibliográfico relatado anteriormente, que foram poucos os estudos sobre a percepção de alunos do Ensino Médio a respeito do professor. Analisando cada uma destas constatações sobre a percepção dos professores de um modo mais genérico, e acreditando ser o papel do professor essencial ao processo de ensino-aprendizagem, decidiu-se por uma análise um pouco mais aprofundada das percepções de alunos do Ensino Médio sobre o professor, além de focalizar estas percepções nas competências do professor. A relevância

social deste trabalho pode auxiliar na construção de um sistema de ensino mais efetivo, acreditando que esse estudo possa ser importante na medida em que fornecerá indicadores que tanto os professores, quanto as instituições de ensino poderão utilizar no intuito de ampliar, modificar, refletir e posicionarem-se criticamente frente ao processo de ensino-aprendizagem. Enfim, com o objetivo de identificar as características do professor e ao entrar em contato com estudos anteriores, refletiu-se a necessidade de se realizar um estudo em que tais características fossem avaliadas mais sistematicamente, pretendendo-se um maior aprofundamento na avaliação dos dados levantados realizada com alunos do Ensino Médio. É este o objetivo do presente projeto.

OBJETIVOS

Geral

Investigar as percepções de alunos do Ensino Médio a respeito de seus professores, identificando os aspectos mais gerais destas, seus dinamismos e diversidades revelados por uma elaboração pessoal e também em grupos de discussão.

Específicos

1. Investigar a percepção dos alunos sobre os professores atuais e as características que eles gostariam que estes tivessem tanto as pessoais e de personalidade, como aquelas referentes ao relacionamento dos professores com eles.
2. Buscar um aprofundamento desta percepção com uma sub-amostra destes alunos.
3. Investigar as modificações e alterações destas percepções que possam ser produzidas num contexto de discussão em grupo, com uma sub-amostra destes mesmos alunos.

2 MÉTODO

2.1 Estratégias Metodológicas

Para alcançar os objetivos propostos foram escolhidas estratégias metodológicas de investigação de caráter exploratório descritivo e de caráter focalizado. Estratégia de caráter exploratório foi feita à observação participante, como um primeiro reconhecimento do contexto escolar e estratégia de caráter focalizado, foi utilizado um Questionário estruturado, como um Pré-Inquérito, Entrevistas Individuais e Entrevista em Grupo Focal. O objetivo da escolha destas estratégias foi o de complementar dados de diferentes naturezas.

2.1.1 Estratégia de caráter exploratório descritivo

➤ Observação participante

A observação participante na presente pesquisa teve a função de complementar as informações obtidas, a contextualização da instituição na qual ela se desenvolveu. Os teóricos defendem a eficácia e importância da observação participante, pois a mesma é capaz de gerar contribuições importantes e significativas durante o contexto da coleta de dados. Segundo Minayo (1998), o pesquisador através da observação participante pode compor e entender melhor o conjunto de regras implícitas nas atividades de um determinado grupo social, pode também imergir na realidade do grupo social investigado, colocar-se sob o ponto de vista do grupo pesquisado tornando sua inserção no contexto mais eficiente e empática possível.

2.1.2 Estratégia de caráter focalizado

➤ Questionários estruturados (Pré-Inquérito)

Nesta pesquisa esta estratégia foi constituída por questionário composto de questões fechadas que atendem a necessidade de se fazer um levantamento do tema de forma objetiva, adquirir uma perspectiva.

O instrumento construído com o propósito de servir como delineamento do tema e amostra permiti um contato prévio com os participantes e convida-los para participarem das outras etapas do presente estudo.

➤ **Entrevistas individuais em profundidade**

Valles (1997) comenta sobre dois tipos de entrevistas: a *dirigida* e a *não-diretiva*. E para este autor, na entrevista classificada como *dirigida*, utiliza-se um roteiro *estruturado*, previamente elaborado com questões *fechadas* que conduzem ao estreitamento das hipóteses. Neste caso, o entrevistador deve ter um cuidado extra com a elaboração de questões que apenas conduzam à confirmação das hipóteses. Ao contrário, uma entrevista é caracterizada como *não-diretiva* por permitir que o entrevistado possa discorrer livremente em torno de um tema geral.

Segundo Delgado & Gutiérrez (1995) e Valles (1997), o modelo mais usado pelo referencial qualitativo de pesquisa é a entrevista *semi-estruturada*. Este modelo parte de alguns questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que seguem um roteiro mais aberto que permite inclusive, o surgimento de novas hipóteses e temáticas, à medida que se revelem as respostas do informante. O entrevistado deve sentir-se livre para colocar suas percepções e o entrevistador deve cuidar para que sua posição e suas expectativas não conduzam os comportamentos ou verbalizações do entrevistado.

No presente estudo a entrevista individual foi considerada e escolhida como uma estratégia apropriada para investigar as percepções de alunos do ensino médio sobre professores, construídas no cotidiano de uma escola e que são constituídas em um contexto histórico-social. Segundo Andrade (2005), ao se dotar estratégias de entrevistas individuais se pretende que componentes cristalizados ou normativos internalizados por um dado grupo instituído possam ser revelados. Porém, a intensidade do contexto relacional entre pesquisador e participante poderá definir o grau de aprofundamento do que será revelado pela entrevista.

➤ **Entrevista em grupo focal**

Os grupos focais tiveram sua concepção há mais de 40 anos, têm sido empregados em pesquisas mercadológicas desde os anos 50, área que primeiro explorou essa técnica, e, a partir dos anos 80, começaram a despertar o interesse dos pesquisadores em outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, a Ergonomia, as Ciências Médicas, a Ciência da Informação, entre outras. Atualmente parecem ter conquistado níveis de alta popularidade. Por motivos como sua crescente aplicação, inclusive em pesquisas acadêmicas, e por ter sido ainda pouco explorada na literatura científica, Dias (2000) analisa os grupos focais como alternativa e complementação às coletas de dados mais tradicionais, como questionários e entrevistas individuais e este é o objetivo de escolhê-lo para a presente pesquisa.

Para Calder (1977), a abordagem qualitativa de investigação, na prática, tem se tornado sinônimo de entrevista de grupo focal, por ser uma das técnicas mais utilizadas.

Para Caplan (1990) os grupos focais são “pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas”. Na concepção de Vaughn et al. (1996), que utilizaram essa técnica em pesquisas na área educacional, a entrevista de grupo focal é uma técnica qualitativa que pode ser usada sozinha ou com outras técnicas qualitativas ou quantitativas para aprofundar o conhecimento das necessidades de usuários e clientes.

O objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e idéias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. Seus objetivos variam de acordo com a abordagem da pesquisa. Em pesquisas exploratórias, seu propósito é gerar novas idéias ou hipóteses e estimular o pensamento do pesquisador.

O grupo focal se inicia com a reunião de seis a 10 pessoas. Alguns autores citam grupos com sete, oito ou até 12 pessoas. O número de pessoas deve ser tal que estimule a participação e a interação de todos, de forma relativamente ordenada. Experiências práticas com dinâmicas de grupo consideram que 6 pessoas são suficientes para promover uma discussão. Com menos de seis pessoas, há maior probabilidade de algumas pessoas se sentirem intimidadas pelos mais extrovertidos. E grupos com mais de 10 pessoas são mais difíceis de serem gerenciados quanto ao foco da discussão e à distribuição do tempo disponível para a participação efetiva de todos.

Para Johnson (1994), os usuários dessa técnica pressupõem que a energia gerada pelo grupo resulta em maior diversidade e profundidade de respostas. O esforço combinado do grupo produz mais informações e com maior riqueza de detalhes do que o somatório das respostas individuais. A sinergia entre os participantes leva a resultados que ultrapassam a soma das partes individuais.

A discussão dura aproximadamente duas horas, sendo conduzida por um moderador que busca compreender os sentimentos expressos pelos participantes. Pela ótica do participante, a reunião é completamente flexível e não estruturada, dando margem á discussão sobre qualquer assunto. Do ponto de vista do moderador, a técnica não é tão flexível assim, pois antes da reunião, há um planejamento sobre o que deve ser discutido e quais são os objetivos específicos da pesquisa. No geral, o moderador atua no grupo de forma a redirecionar a discussão, caso haja dispersão ou desvio do tema pesquisado, mas sem interromper a interação entre os participantes de forma brusca.

2.2 Local

A coleta de dados foi realizada em uma escola pública estadual de Ensino Médio de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A aplicação do, bem como as entrevistas individuais e grupais, aconteceram na própria escola, durante o período escolar dos alunos, numa sala de aula desocupada, que foi cedida pela instituição.

A Escola foi um dos primeiros grupos escolar da cidade. Foi construída mediante doação de uma área de 8.000 metros quadrados ao Estado, no início da última década do século XIX e instalada em dois anos após a doação.

O edifício, no qual a escola funciona, já passou por muitas reformas, entretanto não perdeu suas características originais.

Atualmente o prédio da escola é suficientemente espaçoso para abrigar os estudantes de forma adequada, se encontra em boas condições e existem muros ao seu redor. A escola funciona nos três períodos e além do Ensino Médio e Supletivo, também atende a clientela do 2º Ciclo do Ensino Fundamental em período diurno. Está localizada em área central da cidade, porém atende clientela de todos os bairros.

Na escola, a coleta de dados se deu no período noturno, nas 10 salas que totalizavam tal período, tanto na modalidade do Ensino Médio regular quanto na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, todas elas eram classes com bastante número de alunos, variando de 40 a 50 alunos, a maioria deles trabalhava durante o dia e estudava a noite e não usavam uniformes, pois a escola, por ser pública não os obrigava.

Todos que faziam parte desta escola, desde os funcionários, direção, coordenação, professores e principalmente os alunos receberam muito bem a pesquisadora e acolheram-na para que a pesquisa fosse realizada. Em específico os alunos, todos os momentos em que a pesquisadora se dirigiu às salas de aulas estes.

Todas as vezes que a pesquisadora solicitava algum documento como, por exemplo, lista piloto, com o objetivo de coletar informações, como total de alunos por salas, os gestores da escola providenciavam com facilidade, além de ter deixado a pesquisadora muito à vontade para aplicar todas as estratégias metodológicas para a coleta de dados.

2.3 Caracterização dos Participantes

2.3.1 População e amostra

A **população alvo** deste estudo refere-se à aproximadamente 473 alunos que totalizam 10 salas de aulas de Ensino Médio e Supletivo do período noturno da Escola Pública que foi

estudada. A **amostra** foi selecionada por um critério voluntário numa proporção de um a cada cinco elementos da população sendo 10 alunos de 8 salas e 9 alunos de 2 salas, compreendendo representantes de cada uma das salas de aulas. Portanto, uma população de 473 alunos representada em 10 salas de aulas, uma amostra de 98 alunos contem aproximadamente 20% de alunos de cada sala, representada de 9 á 10 alunos por sala, o que constituiu nos participantes da primeira etapa da coleta que foi realizada através do questionário.

2.3.2 Os participantes da etapa do questionário

Os alunos das 10 salas de aulas de Ensino Médio e Supletivo do período noturno da Escola foram convidados a participarem da pesquisa. Foi feita uma apresentação do grupo de pesquisa e do projeto de pesquisa, com a exposição dos objetivos, procedimentos e compromissos éticos das atividades do grupo dentro do contexto escolar aos alunos na sala de aula e, ao final da apresentação, estes manifestaram o desejo ou não de participarem do estudo. Os que aceitaram, e que constituíram o número suficiente para a representação da amostra definida acima, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), em seguida responderam aos questionários, que tinha no seu final um convite para participarem de uma entrevista individual, com isso a amostra definida acima foi afunilada para 57 adesões de alunos às entrevistas (Apêndice 4). A seguir, será apresentada na Tabela 1 a caracterização dos alunos participantes do presente estudo.

Tabela 1- Caracterização dos participantes

Salas	1E		1TA		1TB		2G		2TA		2TB		3E		3F		3TA		3TB		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Total de alunos	47	9,93	48	10,14	47	9,93	48	10,14	50	10,57	47	9,93	50	10,57	48	10,14	43	9,09	45	9,51	473	100
Participantes do questionário	10	10,20	10	10,20	10	10,20	10	10,20	10	10,20	9	9,18	10	10,20	9	9,18	10	10,20	10	10,20	98	100
Idade																						
14 -16	6	6,12	1	1,02	-	-	2	2,04	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	9,2
17-19	3	3,06	2	2,04	6	6,12	6	6,12	3	3,06	7	7,14	10	10,02	9	9,18	2	2,04	8	8,16	56	57,1
20-22	-	-	1	1,02	3	3,06	1	1,02	1	1,02	1	1,02	-	-	-	-	2	2,04	1	1,02	10	10,2
23-25	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,02	-	-	-	-	-	-	3	3,06	-	-	4	4,1
26-30	-	-	1	1,02	-	-	-	-	3	3,06	-	-	-	-	-	-	1	1,02	-	-	5	5,1
31 e mais	-	-	4	4,08	-	-	-	-	2	2,04	-	-	-	-	-	-	2	2,04	1	1,02	9	9,2
sem resposta	1	1,02	1	1,02	1	1,02	1	1,02	-	-	1	1,02	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5,1
Sexo																						
Masculino	5	5,10	7	7,14	8	8,16	4	4,08	3	3,06	5	5,10	4	4,08	4	4,08	3	-	8	8,16	51	52,0
Feminino	5	5,10	3	3,06	2	2,04	5	5,10	7	7,14	4	4,08	6	6,12	6	6,12	7	-	2	2,04	47	48,0
Participantes entrevistas	2	2,04	1	1,02	-	-	2	2,04	2	2,04	1	1,02	2	2,04	2	2,04	-	-	-	-	12	12,24
Sexo																						
Masculino	-	-	1	1,02	-	-	-	-	1	1,02	1	1,02	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3,06
Feminino	2	2,04	-	-	-	-	2	2,04	1	1,02	-	-	2	2,04	2	2,04	-	-	-	-	9	9,18
Participantes grupo focal	1	1,02	1	1,02	-	-	2	2,04	1	1,02	1	1,02	2	2,04	1	1,02	-	-	-	-	9	9,18
Sexo																						
Masculino	-	-	1	1,02	-	-	-	-	1	1,02	1	1,02	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3,06
Feminino	1	1,02	-	-	-	-	2	2,04	-	-	-	-	2	2,04	1	1,02	-	-	-	-	6	6,12

Dos 98 alunos que aceitaram responder o questionário, 51 foram garotos e 47 garotas. Observa-se o equilíbrio entre as características dos participantes, em relação ao sexo.

O maior número de participantes do estudo quanto à idade estão entre 17 e 19 anos, fase da adolescência e ensino médio enquanto período escolar. Mesmo que a escola onde se realizou o estudo atenda a clientela do Supletivo que caracteriza uma fase mais adulta, o que predomina é a adolescência.

2.3.3 Os participantes das entrevistas individuais

Dentre os 57 que aceitaram e que se identificaram no final do questionário, 12 alunos participaram da segunda etapa das entrevistas. O critério de seleção para o número da amostra desta etapa foi garantir um número adequado de participantes para terceira etapa, que será descrita logo abaixo. Além disso, o critério de seleção foi o de garantir uma representação equitativa entre as salas de aulas e procurou-se então obter ao menos um aluno de cada sala de aula.

Para obedecer tal critério, a pesquisadora priorizou as salas que tiveram maior adesão para as entrevistas (Apêndice 4), percorreu novamente todas as salas de aulas começando por aquela que obteve maior número de adesão até a que obteve o menor número de adesão, e fazia novamente o convite, porém dessa vez para o aluno confirmar se realmente queria fazer a entrevista. Somente as salas 1TB, 3TA e 3TB não tiveram representação, por serem salas de supletivos onde a duração das séries é de 1 semestre e considerando que, do momento em que foram aplicados os questionários até o dia em que foi feito o convite para as entrevistas, tivemos as férias do meio do ano, o que fez com que os 2 alunos do 1TB que aderiram participar das entrevistas não estivessem mais frequentando a escola no retorno para o 2º semestre. No caso das salas 3TA e 3TB, por se tratarem de séries finais, os alunos das referidas salas já haviam concluído o Ensino Médio no retorno ao 2º semestre pela pesquisadora. Na sala 2TB, houve apenas 1 representante, em relação às salas das quais vieram maior número de adesão 2 representantes, o motivo foi que, também, do momento onde foi aplicado o questionário até o dia em que realmente foi feito o convite para as entrevistas, um aluno reviu sua adesão, tirando seu consentimento em participar do estudo, outro saiu da escola e outros faltaram muito, o que fez com que a pesquisadora buscasse participantes em outras salas.

2.3.4 Os participantes do grupo focal

Dentre os que aceitaram e participaram das entrevistas individuais, por meio de um novo convite para participarem da entrevista em grupo, se constituiu a amostra da etapa que teve um número de participantes equivalente a um grupo focal, com 9 alunos. A seleção foi feita a partir do mesmo critério usado para as entrevistas individuais, garantindo uma representação equitativa entre as séries.

Este estudo pretendeu que o grupo focal fosse constituído por um pequeno número de participantes a fim de maximizar as interações possibilitando que o tema fosse tratado em profundidade. Debus e Novelli (1994) sugerem que um grupo composto por cinco a sete participantes irá permitir que, durante o período do encontro, a maioria dos participantes tenha a oportunidade de se expressar com tranquilidade e evita que o moderador do grupo adote uma postura mais diretiva.

Após as entrevistas individuais, o grupo focal foi constituído por 9 participantes. Foram três encontros em grupo nos quais compareceram: 1º encontro: 9 alunos; 2º encontro: 9 alunos e 3º encontro: 6 alunos. Foram convidados os 12 alunos que participaram da entrevista individual para esta fase, contando com a possibilidade de alguns não poderem comparecer.

2.4 Instrumentos e Procedimento de Coleta de Dados

2.4.1 A observação participante

Foi feita uma investigação do contexto escola, através da observação participante do cotidiano da escola e da dinâmica das salas de aula, com o objetivo de complementar as informações obtidas sobre a contextualização da instituição na qual a pesquisa se desenvolveu. Em seguida, três etapas completaram a coleta de dados.

2.4.2 O questionário

Foi feita a aplicação de um Questionário (Apêndice 2) e desta etapa participaram 98 alunos.

O *Questionário* foi elaborado pela pesquisadora com base no levantamento da literatura que foi apresentada na Introdução deste trabalho e nessa pesquisa foram encontradas publicações a respeito do tema do projeto dos seguintes autores, a saber: Rangel (1996); Ribeiro (1984); Sanchez, Silva e Kossobudzki (1985); Gutierrez (2002); Oliveira e Wechsler (2002); Shulman (1986, 1987); Weinstein (1989); Murphy, Delli e Edwards (2004); Sakai

(2000); Taylor (1962); Beck (1967); Mueller, Roach e Malone (1971); Trombeta (1997); Castro (1972); Carvalho, Pereira, Catão e Duarte (2002).

Os resultados e conclusões destes trabalhos foram **aspectos gerais de avaliação do professor e características** do mesmo. E destes **aspectos e características** foram montados os itens do questionário.

No questionário foram integradas **três escalas de perguntas**; uma referente às **características pessoais e de personalidade do professor** com 10 itens, a segunda sobre a **relação entre o professor e o aluno** com 12 itens; e a última categoria refere-se aos **aspectos profissionais**, como por exemplo, conhecimentos gerais e específicos da disciplina ministrada, formação acadêmica e atualização, com 10 itens. Todos os itens foram escolhidos pela pesquisadora dentre os vários que existiam. E mais 3 itens de identificação no início do questionário como a **série**, o **gênero sexual** e a **idade**, totalizando 67 itens ou variáveis. Para cada escala, metade dos itens compõe as **características positivas** do professor e a outra metade as **características negativas** do professor, totalizando 33 itens positivos e 31 negativos. A ordem destes itens foi determinada por um sorteio, bem como sua determinação, se positiva ou negativa. Este **instrumento** foi composto de **duas partes**. A primeira consta das três escalas com questões relacionadas ao **professor real** e a segunda parte do instrumento com questões relacionadas ao **professor ideal**; a ordem dos itens na segunda parte foi diferente da primeira, que também foi estabelecida por um sorteio, bem como a sua determinação, se positiva ou negativa. A escala para respostas foi do tipo Likert de 4 pontos: concordo totalmente, concordo, discordo e discordo totalmente.

A aplicação do instrumento para as 10 salas de aulas ocorreu no fim do primeiro semestre de 2006 no anfiteatro da escola com o consentimento dos professores. Foi feita uma apresentação do grupo de pesquisa e do projeto, com a exposição dos objetivos, procedimentos e compromissos éticos das atividades do grupo dentro do contexto escolar aos alunos na sala de aula e, ao final da apresentação, estes manifestaram o desejo ou não de participarem do estudo. Os que aceitaram, acompanhavam a pesquisadora até o anfiteatro, levando uma caneta à mão para o preenchimento do questionário. Em seguida, ao chegar no anfiteatro, os alunos se acomodavam nas cadeiras e a pesquisadora repetia a sua apresentação e a do Grupo de Pesquisa e entregava para eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), fazia a leitura em voz alta do mesmo, enquanto os alunos acompanhavam a leitura, ao final perguntava se alguém tinha alguma dúvida. Esclarecidas as dúvidas que eventualmente surgiam e assinado o Termo, a pesquisadora entregava o questionário e os aguardava enquanto respondiam. A aplicação ocorreu de forma tranqüila e

num ambiente descontraído, no decorrer da aplicação, as dúvidas que por ventura surgiam eram esclarecidas, de modo a evitar comentários para que não fossem induzidas as respostas dos alunos.

No final, quando era feita a entrega, a pesquisadora destacava a parte do questionário que obtinha o convite para as entrevistas, independente de ser aceito ou não, com o objetivo de não identificar os questionários que eram dos que aceitaram a participar da entrevista, pois estes eram sem identificação, para isso a pesquisadora possuía 3 envelopes os quais ia guardando o que recebia dos alunos: 1 com os questionários recebidos, outro com os convites que foram aceitos para as entrevistas e outro com os convites que não foram aceitos para as entrevistas, além de destacar que a pesquisadora possuía um envelope para cada sala. Terminado este procedimento com todos os alunos de uma sala, a pesquisadora repetia o mesmo processo com a outra sala até que se fosse totalizado as 10 salas do período estudado e finalizando esta etapa da coleta.

2.4.3 As entrevistas individuais

Foi realizada a Entrevista Individual com os que aceitaram participar. Esta foi temática, usando-se para isso os cartões temáticos (Apêndice 3). A escolha dos temas dos cartões procurou atender aos objetivos propostos que subsidiam este estudo, acompanhar e reproduzir os mesmos temas que compuseram as 3 escalas do questionário e a segunda parte dele, a escala referente às características pessoais e de personalidade do professor foi reproduzida na entrevista por meio do cartão temático “Meus Professores como Pessoa” a escala referente aos aspectos profissionais foi reproduzida na entrevista por meio do cartão temático “Meus Professores como Profissionais” a escala referente à relação entre o professor e o aluno foi reproduzida na entrevista por meio do cartão temático “Relacionamento dos Professores com os Alunos”. A segunda parte do questionário relacionada ao professor ideal foi reproduzida na entrevista por meio do cartão temático “O Professor Ideal”. As entrevistas foram gravadas em fita K7 (áudio) e transcritas literalmente.

A estratégia adotada já é utilizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Institucional Sociodrama Educacional GEPISED (Carraro, 2002). Em lugar de um roteiro semi-estruturado de pesquisa, optou-se por recorrer a uma estratégia ainda menos estruturada, quase projetiva, com o objetivo de favorecer a expressão mais livre e legítima das configurações pessoais que o tema possa assumir ao entrevistado. Segundo Andrade (2005), nesta entrevista o investigador se relaciona face-a-face com o investigado. Tal estratégia permite um acesso aos

aspectos cristalizados ou normativos, mas também na medida em que se consiga adotar estratégias de aprofundamento das mesmas, a revelação dos seus componentes de negação, oposição e superação. Desta forma inicia-se um contexto de associação de palavras, seguido de uma objetivação através da escrita culminando na elaboração de um discurso sobre as palavras ou frases associadas ao tema proposto.

Foram confeccionados quatro cartões temáticos que foram apresentados, um a um, aos entrevistados, na ordem exposta a seguir e continham os seguintes temas:

1º - “Meus Professores Como Pessoa”

2º - “Meus Professores Como Profissionais”

3º - “Relacionamento dos Professores com os Alunos”

4º - “O Professor Ideal”

Antes do início da sessão foram esclarecidas todas as informações indispensáveis aos cuidados éticos necessários em relação ao material.

Esta estratégia de entrevista ocorreu em sessão com duração aproximada de uma hora e se realizou em uma sala de aula vazia da escola onde o estudo foi desenvolvido. Investigaram-se quatro temas abordados em três etapas.

Os quatro cartões eram apresentados para o entrevistado, colocados, lado a lado, sobre a mesa. Em seguida iniciava-se a entrevista. A ordem que foi exposta acima e os outros três cartões eram guardados para serem utilizados.

Na primeira etapa, foi solicitado ao entrevistado que deixasse vir à mente tudo que estava sendo evocado pelo tema escrito no cartão. Durante este momento de “*evocação*”, o entrevistado deveria, em silêncio, dedicar-se às lembranças, pensamentos, idéias, sentimentos ou sensações evocadas, pelo tempo que desejasse.

Na segunda etapa, foi oferecida ao entrevistado uma folha de papel pautado contendo na sua parte superior o tema, solicitando a ele que escrevesse as palavras ou expressões que vieram à sua mente, quando, na primeira fase, pensava sobre o tema. A “*enunciação*” ocorria aí.

E na terceira e última etapa, foi informado que o gravador seria ligado e o entrevistado era solicitado a explicar o sentido de todas as palavras ou expressões na fase anterior, uma a uma. Perguntava-se ao entrevistado: “O que te fez lembrar esta palavra ou expressão quando você a escreveu?” E este procedimento se dava para cada uma das palavras ou expressões anotadas na fase anterior. Esta “expansão” representa a fase da entrevista propriamente dita, pois foi nela que se aprofundou a investigação, muita além das palavras ou expressões registradas. Todas as palavras ou expressões foram explicadas pelo próprio entrevistado e a pesquisadora ia explorando os assuntos, com intervenção de esclarecimento, quando julgava necessário, mas sempre tomando o devido cuidado de utilizar as próprias palavras e expressões já mencionadas pelo entrevistado. Este momento final era o de “expansão”. E este procedimento foi realizado com todos os temas.

A estratégia descrita acima utiliza a *evocação*, *enunciação* e *expansão*, esta última se destina a colher a expressão da configuração verbal que o entrevistado atribui ao tema proposto, enquanto as anteriores o estimula a desenvolver o seu processo singular de expressão da forma mais livre e espontânea que for possível na situação. Carraro (2002) considera que as duas primeiras significam um processo de “aquecimento”, tal como nas sessões de Psicodrama, para a realização da entrevista propriamente dita, que se concretiza na terceira etapa.

2.4.4 A entrevista em grupo focal

Foi realizada uma entrevista em grupo focal, onde se reproduziu o mesmo tema da entrevista individual.

O grupo foi composto de representantes das 10 salas de aulas de Ensino Médio e Supletivo do período noturno da escola, totalizando 9 participantes, exceto das salas 1TB, 3TA e 3TB que não houve representantes. Foram três encontros em grupo nos quais compareceram: 1º encontro: 9 alunos; 2º encontro: 9 alunos e 3º encontro: 6 alunos. O grupo ocorreu no segundo semestre de 2006 em dias da semana diferentes. Os encontros tiveram a duração média de uma hora e meia e ocorreram em uma sala cujas cadeiras foram posicionadas em círculo permitindo aos participantes visualizar a todos. Logo após todos estarem acomodados nas cadeiras, a pesquisadora propunha o tema de cada encontro e a discussão acontecia. No Segundo Encontro, houve a presença de um auxiliar, que era membro do Grupo de Pesquisa. Todas as reuniões de grupos focais foram gravadas e posteriormente transcritas.

Segundo Andrade (2005), esta estratégia metodológica investiga percepções verbalizadas num contexto de pequeno grupo de discussão focalizada sobre o tema específico. Neste caso, os cuidados se voltam para a promoção do “grupo em fusão”, subtendendo-se a importância do resgate de uma relação de interioridade como condição de uma investigação aprofundada dos temas, tanto nos seus aspectos cristalizados ou normativos, quanto nos seus componentes de negação, oposição e superação.

2.5 Procedimento de Análise de Dados

2.5.1 O questionário

Todas as respostas dos questionários foram cotadas. Nesta cotação, considerou-se que a escala para respostas foi do tipo Likert de 4 pontos (concordo totalmente, concordo, discordo e discordo totalmente). Assim, somente nos itens onde as características dos professores eram negativas, esta pontuação foi invertida em ordem decrescente, obtendo-se, com isso, o valor de cada resposta. Em seguida, os valores das respostas foram colocados em uma planilha de Excel, para ser posteriormente submetida ao pacote estatístico SPSS, a fim de se obter a análise estatística dos dados quantitativos.

Eles foram analisados pela média ponderada. Assim, os valores das afirmações “DISCORDO TOTALMENTE” nos itens positivos foram ponderadas pelo valor 1 e nos itens negativos pelo valor 4, as afirmações “DISCORDO” nos itens positivos foram ponderados pelo valor 2 e nos itens negativos pelo valor 3, as afirmações “CONCORDO” nos itens positivos foram ponderados pelo valor 3 e nos itens negativos pelo valor 2 e as afirmações “CONCORDO TOTALMENTE” nos itens positivos foram ponderados pelo valor 4 e nos itens negativos pelo valor 1. Ou seja, na escala, os valores dos itens positivos estão em ordem decrescente e dos itens negativos em ordem crescente.

2.5.2 As entrevistas individuais

As entrevistas individuais foram transcritas de forma literal. Todo material coletado foi lido e relido a fim de obter as categorias ditas analíticas, ou seja, baseadas na literatura e nos temas propostos; para, posteriormente, se chegar às categorias empíricas, ou seja, aquelas construídas a partir dos aspectos centrais revelados nos discursos apresentados pelos entrevistados.

O processo de tratamento de dados foi submetido a três etapas principais que tomaram como referência a Análise de Conteúdo de Bardin (1979) e Minayo (1998). As estas foram operacionalizadas da seguinte maneira:

- **Ordenação dos dados ou pré-análise:** Exploração e organização detalhada de todo material colhido no diário de campo, no pré-inquérito e junto aos sujeitos.
- **Classificação:** Identificação das estruturas principais nos relatos dos sujeitos, classificando temas relevantes e categorias empíricas para o aprofundamento da análise posterior.
- **Análise final:** Tratamento dos resultados obtidos, por meio de inferência e interpretação do campo investigado, que, segundo a Hermenêutica Dialética proposta por Minayo (1998), relaciona as estruturas semânticas (significantes) com as estruturas sociológicas (significados) dos enunciados.

Durante todo o processo de análise dos dados, foi levado em conta o contexto de produção do relato e o contexto sócio-histórico apreendido por meio da observação participante. Este estudo trabalhou com os dados, entendendo que era necessário ir além do conhecido, da idéia de coerência como nos lembra Bardin (1979):

[...] O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições. (BARDIN, 1979, p. 170).

2.5.3 A entrevista em grupo focal

As sessões do grupo focal foram gravadas em fita K7, transcritas, registradas no diário de campo.

Após transcrições das sessões, os dados foram submetidos pelas três etapas principais que tomam como referência a Análise de Conteúdo de Bardin (1979) e Minayo (1998), citadas na sessão anterior referente ao procedimento de análise das entrevistas individuais.

2.6 Aspectos Éticos

O presente estudo passou por uma aprovação do Comitê de Ética da instituição e se propôs a atender às exigências éticas e científicas fundamentais descritas na Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, que são: 1) A pesquisa foi realizada após assinatura, por parte

dos participantes, do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 1), que conteve os seguintes aspectos: garantia de que serão esclarecidos, a qualquer momento do estudo, sobre os procedimentos, os riscos e benefícios do mesmo; que terão a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum e a segurança do sigilo e do caráter confidencial das informações obtidas. 2) Foram prestados todos os esclarecimentos necessários, no início da pesquisa, à instituição escolar, aos professores e alunos os benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos do estudo, comprometendo-se ao máximo com eles. 3) Foram assegurados aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, em termos do retorno educacional, acesso aos procedimentos e aos seus resultados do trabalho. Neste sentido, este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da FFCLRP, processo nº. 214/2005 – 2005.1.1544.59.0.

3 RESULTADOS

Nessa seção serão apresentados os resultados que foram obtidos após o tratamento dos dados relativos a cada estratégia utilizada para a coleta de dados.

3.1 Resultados relativos ao Questionário

Um primeiro passo na análise de dados pode ser uma descrição geral das distribuições das variáveis, como por exemplo, uma distribuição de frequências.

No momento do estudo, o Ensino Médio e Supletivo do período noturno da Escola contava com 473 alunos matriculados em todas as séries e, deste total, obteve-se a aplicação do questionário em 98 alunos.

A partir dos dados coletados através do questionário, foram calculadas as frequências e as porcentagens de respostas das escalas referentes às **características pessoais e de personalidade do professor, relação entre o professor e o aluno e aspectos profissionais**. As frequências e as porcentagens das respostas dos itens estão apresentadas nas Tabelas abaixo.

Tabela 2 - Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características pessoais e de personalidade de seus professores reais

Professor Real	Concordo Totalmente		Concordo		Discordo		Discordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Desorganizados	11	11,2	32	32,7	45	45,9	9	9,2
2. Maldosos	7	7,1	18	18,4	47	48,0	24	24,5
3. Disciplinados	12	12,2	45	45,9	28	28,6	7	7,1
4. Descansados	8	8,2	28	28,6	37	37,8	16	16,3
5. Cuidadosos da aparência	24	24,5	46	46,9	19	19,4	7	7,1
6. Motivados	19	19,4	37	37,8	31	31,6	8	8,2
7. Impacientes	21	21,4	34	34,7	29	29,6	9	9,2
8. Sem criatividade	13	13,3	28	28,6	44	44,9	10	10,2
9. Seguros	17	17,3	32	32,7	35	35,7	10	10,2
10. Equilibrados emocionalmente	21	21,4	26	26,5	34	34,7	15	15,3

Em relação ao Professor Real, isto é “os professores que eles têm”, referente às **características pessoais e de personalidade de seus professores** as afirmativas que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE foram que: no *real* seus professores são *cuidadosos da aparência* (N=24), *impacientes* (N=21) e *equilibrados emocionalmente* (N=21). No tópico CONCORDO a maior pontuação foi observada que no *real* os professores são *cuidadosos da aparência* (N=46), *disciplinados* (N=45) e *motivados* (N=37). No tópico DISCORDO os aspectos mais considerados foram que eles discordam que seus professores sejam *maldosos* (N=47), *desorganizados* (N=45) e *sem criatividade* (N=44). E por fim no tópico DISCORDO TOTALMENTE, os alunos discordam totalmente que seus professores sejam *maldosos* (N=24), *descansados* (N=16) e *equilibrados emocionalmente* (N=15).

Observa-se um equilíbrio da característica *cuidadosos da aparência*, em relação à repetição em que esta aparece nos dois tópicos: CONCORDO TOTALMENTE e CONCORDO, o que confirma ser a característica que apresenta maior número de respostas, revelando que os alunos observam nos seus professores a preocupação em apresentar-se com uma boa aparência diante dos alunos e em seu local de trabalho.

Observa-se um desacordo em relação à característica *equilibrados emocionalmente*, pois esta aparece entre as que tiveram maior número de respostas tanto no tópico CONCORDO TOTALMENTE, quanto no DISCORDO TOTALMENTE, o que revela a divisão de opiniões neste grupo de alunos.

Os alunos também concordam que seus professores são *disciplinados* e *motivados*, pois tais características estão entre as que tiveram maior número de respostas no tópico CONCORDO, o que confirma suas discordâncias quanto aos seus professores serem *desorganizados* e *sem criatividade*, porém uma característica que está entre as que tiveram maior número de respostas, é a característica *descansados*, dessa vez no tópico DISCORDO TOTALMENTE, o que revela que os seus professores apesar de serem motivados, ainda sim demonstram sinais de cansaço, e isso é percebido pelos alunos. Pode-se observar sinais de *impaciência* por parte desses professores nas opiniões dos alunos, porém tal ato de *impaciência*, não justifica que seus professores sejam *maldosos*, pois esta característica está entre as que tiveram maior número de respostas nos tópicos DISCORDO e DISCORDO TOTALMENTE.

Portanto, em síntese, podemos dizer que a percepção dos alunos sobre as características pessoais e de personalidade é que eles são *cuidadosos da aparência* e *disciplinados* e não são *maldosos* e nem *desorganizados*, o que evidencia os professores de

ensino médio desta turma valorizarem aspectos pessoais ligados à aparência, e mesmo que características negativas estejam entre as características com maior número de frequência nas respostas há um consenso que seus professores não são maldosos.

Tabela 3 - Porcentagens de respostas dos alunos em relação à interação entre o professor real e os alunos

Professor Real	Concordo Totalmente		Concordo		Discordo		Discordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Autoritários	22	22,4	35	35,7	26	26,5	10	10,2
2. Flexíveis	10	10,2	36	36,7	42	42,9	5	5,1
3. Amigáveis	15	15,3	46	46,9	23	23,5	7	7,1
4. Mal-humorados	26	26,5	28	28,6	31	31,6	9	9,2
5. Punidores	13	13,3	25	25,5	35	35,7	22	22,4
6. Interessados nos alunos	11	11,2	24	24,5	37	37,8	22	22,4
7. Injustos	13	13,3	27	27,6	41	41,8	13	13,3
8. Antipáticos	15	15,3	25	25,5	38	38,8	15	15,3
9. Colaboradores	16	16,3	40	40,8	31	31,6	11	11,2
10. Compreensivos	16	16,3	33	33,7	32	32,7	15	15,3
11. Capazes de controlar a sala de aula	8	8,2	19	19,4	39	39,8	29	29,6
12. Desrespeitosos	10	10,2	20	20,4	38	38,8	28	28,6

Ainda sobre o Professor Real, isto é “os professores que eles têm”, porém referente à **relação entre o professor e o aluno** as afirmativas, que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE foram que: no *real* seus professores são *mal-humorados* (N=26), *autoritários* (N=22), *colaboradores* (N=16) e *compreensivos* (N=16). No tópico CONCORDO a maior pontuação foi observada que no *real* os professores são *amigáveis* (N=46), *colaboradores* (N=40) e *flexíveis* (N=36). No tópico DISCORDO os aspectos mais considerados foram que eles discordam que seus professores sejam *flexíveis* (N=42), *injustos* (N=41) e *capazes de controlar a sala de aula* (N=39). E por fim no tópico DISCORDO TOTALMENTE, os alunos discordam totalmente que seus professores sejam *capazes de controlar a sala de aula* (N=29), *desrespeitosos* (N=28) e *interessados nos alunos* (N=22).

Nos aspectos referentes à relação que esses professores mantêm com os alunos participantes da pesquisa, podem-se observar aspectos negativos dentre os que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE, como por exemplo, eles serem *mal-humorados* e *autoritários*, porém existem mais aspectos positivos do que negativos nessa relação, pois eles são *compreensivos*, *amigáveis* e *colaboradores*, este último inclusive teve sua confirmação no tópico CONCORDO, revelando ser esta uma relação onde há oscilações.

Em relação ao aspecto *flexíveis*, observa-se um desacordo, pois este aparece entre os que tiveram maior número de respostas tanto no tópico CONCORDO, quanto no tópico DISCORDO, o que revela a divisão de opiniões no grupo de alunos, porém no tópico DISCORDO, este aparece em maior número, o que pode confirmar o aspecto de *autoritarismo* também presente na relação dos professores com os alunos segundo a opinião desses mesmos alunos.

Os alunos discordam que seus professores sejam *injustos* e que sejam *capazes de controlar a sala de aula*, este último inclusive aparece repetidamente como aspecto dentre os que apresentaram maior número de respostas no tópico DISCORDO TOTALMENTE, por fim eles ainda discordam totalmente que seus professores sejam *desrespeitosos* e *interessados nos alunos* o que pode revelar que essa falta de controle pode estar mais ligada a aspectos de desinteresse nos alunos, do que em um tratamento justo e respeitoso para com o aluno.

Portanto, em síntese, podemos dizer que a percepção dos alunos sobre a relação entre o professor e o aluno é que seus professores são *colaboradores* e não são *capazes de controlar a sala de aula*. O que evidencia uma colaboração por parte dos professores, mas que resulta numa incapacidade em controlar a sala de aula, ou em uma falta de colaboração mútua, pois uma das partes envolvidas nessa relação, os alunos, não colaboram reciprocamente com os professores.

Tabela 4 - Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características profissionais de seus professores reais

Professor Real	Concordo Totalmente		Concordo		Discordo		Discordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Mal remunerados	22	22,4	28	28,6	35	35,7	10	10,2
2. Preparados	15	15,3	41	41,8	36	36,7	5	5,1
3. Atualizados	16	16,3	47	48,0	29	29,6	3	3,1
4. Sem didática	10	10,2	18	18,4	49	50,0	15	15,3
5. Valorizados	9	9,2	24	24,5	43	43,9	17	17,3
6. Incompetentes	10	10,2	12	12,2	50	51,0	25	25,5
7. Experientes	19	19,4	43	43,9	25	25,5	8	8,2
8. Críticos	17	17,3	47	48,0	25	25,5	3	3,1
9. Impontuais	20	20,4	21	21,4	42	42,9	10	10,2
10. Não planejadores	19	19,4	30	30,6	36	36,7	12	12,2

Referente aos **aspectos profissionais** as afirmativas que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE foram que: no *real* seus professores são *mal remunerados* (N=22), *impontuais* (N=20), *experientes* (N=19) e *não planejadores* (N=19). No tópico CONCORDO a maior pontuação foi observada que no *real* os professores são *atualizados* (N=47), *críticos* (N=47) e *experientes* (N=43). No tópico DISCORDO os aspectos mais considerados foram que eles discordam que seus professores sejam *incompetentes* (N=50), *sem didática* (N=49) e *valorizados* (N=43). E por fim no tópico DISCORDO TOTALMENTE, os alunos discordam totalmente que seus professores sejam *incompetentes* (N=25), *valorizados* (N=17) e *sem didática* (N=15).

Em relação aos aspectos profissionais pode-se observar que na percepção dos alunos seus professores são *mal remunerados*, pois tal aspecto aparece entre os que tiveram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE o que vai de encontro ao resultado do aspecto *valorizados* também ser um dentre os que tiveram maior número de respostas no tópico DISCORDO, sendo este último confirmado no tópico DISCORDO TOTALMENTE, revelando a percepção do aluno quanto a falta de valorização de seus professores. Alguns aspectos negativos são percebidos pelos alunos em relação ao profissionalismo de seus professores, como por exemplo, eles serem *impontuais*, *não planejadores*, porém os aspectos positivos estão em maioria entre os que tiveram maior

número de respostas no tópico CONCORDO, como por exemplo, eles serem *atualizados*, *críticos* e *experientes*, sendo este último inclusive repetido no tópico CONCORDO TOTALMENTE.

Essa hipótese de que seus aspectos profissionais são mais positivos do que negativos pode ser confirmada ao observar os aspectos que tiveram maior número de respostas nos tópicos DISCORDO e DISCORDO TOTALMENTE, onde os aspectos são repetidos mostrando que os alunos discordam que seus professores sejam *incompetentes* e *sem didática*.

Portanto, em síntese, podemos dizer que a percepção dos alunos sobre os aspectos profissionais é que eles são *experientes*, e discordam que seus professores sejam *sem didática*, *valorizados* e *incompetentes*, o que evidencia que características negativas que obtiveram maior número de respostas possam estar ligadas a uma falta de valorização.

Tabela 5- Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características pessoais e de personalidade de professores considerados ideais

Professor Ideal	Concordo Totalmente		Concordo		Discordo		Discordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Descuidados da aparência	9	9,2	6	6,1	41	41,8	41	41,8
2. Maldosos	9	9,2	6	6,1	41	41,8	41	41,8
3. Disciplinados	31	31,6	38	38,8	13	13,3	12	12,2
4. Equilibrados emocionalmente	33	33,7	39	39,8	12	12,2	7	7,1
5. Desorganizados	7	7,1	6	6,1	40	40,8	44	44,9
6. Desmotivados	6	6,1	9	9,2	35	35,7	46	46,9
7. Impacientes	5	5,1	12	12,2	33	33,7	44	44,9
8. Descansados	30	30,6	28	28,6	20	20,4	17	17,3
9. Seguros	41	41,8	34	34,7	17	17,3	4	4,1
10. Criativos	57	58,2	18	18,4	16	16,3	7	7,1

Em relação ao Professor Ideal, isto é “os professores que eles gostariam de ter”, referente às **características pessoais e de personalidade** as afirmativas que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE foram que: no *ideal* seus professores fossem *criativos* (N=57), *seguros* (N=41) e *equilibrados emocionalmente* (N=33). No tópico CONCORDO a maior pontuação foi observada que no *ideal* os professores fossem *equilibrados emocionalmente* (N=39), *disciplinados* (N=38) e *seguros* (N=34). No tópico DISCORDO os aspectos mais considerados foram que eles discordam que os professores ideais sejam *descuidados da aparência* (N=41), *maldosos* (N=41) e *desorganizados* (N=40). E por fim no tópico DISCORDO TOTALMENTE, os alunos discordam totalmente que os professores ideais sejam *desmotivados* (N=46), *desorganizados* (N=44) e *impacientes* (N=44).

Sobre o Professor Ideal e no que se refere às características pessoais e de personalidade desse professor, os alunos gostariam que os professores fossem *criativos* e *seguros*, pois tais características aparecem como maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE, inclusive esta última repete-se no tópico CONCORDO, juntamente com a característica *equilibrados emocionalmente*, que também aparece nestes dois tópicos, o que confirma uma carência dos alunos em ter professores mais equilibrados, por mais que alguns alunos a tenham escolhido como característica presente em seus professores na primeira parte do questionário. Complementando ainda, os alunos também concordam que um professor para ser ideal seja *disciplinado*.

Já características apontadas pelos alunos como as que eles discordam que o professor precisa ter para ser ideal são: *descuidados da aparência, maldosos e desorganizados*, sendo essa última repetida no tópico DISCORDO TOTALMENTE entre as características que apresentam maior número de respostas, além de *desmotivados e impacientes*.

Portanto, em síntese, podemos dizer que a percepção dos alunos sobre as características pessoais e de personalidade é que eles fossem *equilibrados emocionalmente e seguros*, além de discordarem que professores fossem *desorganizados*, o que evidencia um ideal de professor por parte desses alunos com aspectos emocionais equilibrados, centrados e sem descontroles.

Tabela 6 - Porcentagens de respostas dos alunos em relação à interação entre o professor considerado ideal e os alunos

Professor Ideal	Concordo Totalmente		Concordo		Discordo		Discordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Simpáticos	61	62,2	27	27,6	8	8,2	2	2,0
2. Flexíveis	51	52,2	32	32,7	8	8,2	4	4,1
3. Não colaboradores	2	2,0	5	5,1	46	46,9	42	42,9
4. Incapazes de controlar a sala de aula	7	7,1	9	9,2	32	32,7	45	45,9
5. Bem-humorados	55	56,1	32	32,7	5	5,1	3	3,1
6. Punidores	9	9,2	28	28,6	31	31,6	29	29,6
7. Compreensivos	49	50,0	35	35,7	5	5,1	5	5,1
8. Desrespeitosos	6	6,1	5	5,1	35	35,7	50	51,0
9. Injustos	7	7,1	5	5,1	33	33,7	48	49,0
10. Amigáveis	54	55,1	33	33,7	7	7,1	2	2,0
11. Autoritários	21	21,4	26	26,5	29	29,6	19	19,4
12. Interessados nos alunos	57	58,2	29	29,6	5	5,1	7	7,1

Ainda sobre o Professor Ideal, isto é “os professores que eles gostariam de ter”, referente à **relação entre o professor e o aluno** as afirmativas, que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE foram que: no *ideal* seus professores fossem *simpáticos* (N=61), *interessados nos alunos* (N=57), e *bem-humorados* (N=55). No tópico CONCORDO a maior pontuação foi observada que no *ideal* os professores fossem *compreensivos* (N=35), *amigáveis* (N=33), *flexíveis* (N=32) e *bem-humorados* (N=32). No tópico DISCORDO os aspectos mais considerados foram que eles discordam que os professores ideais sejam *não colaboradores* (N=46), *desrespeitosos* (N=35) e *injustos* (N=33). E por fim no tópico DISCORDO TOTALMENTE, os alunos discordam totalmente que os professores ideais sejam *desrespeitosos* (N=50), *injustos* (N=48) e *incapazes de controlar a sala de aula* (N=45).

Referente a essa relação entre o professor e o aluno, pode-se observar que os alunos concordam totalmente que no ideal seus professores fossem *simpáticos*, *interessados nos alunos* e *bem-humorados*, pois tais aspectos estão entre os que apresentam maior número de respostas, inclusive este último é repetido no tópico CONCORDO, além de *compreensivos*, *amigáveis* e *flexíveis*. Os alunos discordam que professores ideais sejam *não colaboradores*,

desrespeitosos e injustos, sendo estes dois últimos aspectos repetidos no tópico DISCORDO TOTALMENTE, seguido de *incapazes de controlar a sala de aula*, revelando aspectos positivos como os valorizados pelos alunos para que um professor ideal as tenha e os negativos como sendo os que o professor não tenha. Os resultados revelam um ideal descrito pelo aluno de um professor que mantém um bom relacionamento com eles, um professor com habilidades e qualidades capaz de se relacionar bem e que mantém o controle por meio dessa relação do que por autoritarismo.

Portanto, em síntese, podemos dizer que a percepção dos alunos sobre a relação entre o professor e o aluno é que os professores fossem *bem-humorados* e que não fossem *desrespeitosos e injustos*, o que evidencia um ideal de professor por parte desses alunos que esteja bem-humorado, não extrapolando para a falta de respeito e injustiça.

Tabela 7- Porcentagens de respostas dos alunos em relação às características profissionais de professores considerados ideais

Professor Ideal	Concordo Totalmente		Concordo		Discordo		Discordo Totalmente	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Inexperientes	5	5,1	8	8,2	41	41,8	43	43,9
2. Pontuais	43	43,9	35	35,7	13	13,3	2	2,0
3. Desatualizados	1	1,0	10	10,2	37	37,8	49	50,0
4. Sem didática	4	4,1	8	8,2	37	37,8	45	45,9
5. Planejadores	45	45,9	36	36,7	6	6,1	7	7,1
6. Mal remunerados	4	4,1	9	9,2	37	37,8	44	44,9
7. Valorizados	58	59,2	29	29,6	5	5,1	5	5,1
8. Preparados	55	56,1	33	33,7	5	5,1	3	3,1
9. Competentes	60	61,2	25	25,5	4	4,1	5	5,1
10. Não-críticos	16	16,3	18	18,4	35	35,7	25	25,5

Referente aos **aspectos profissionais** as afirmativas que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE foram que: no *ideal* seus professores fossem *competentes* (N=60), *valorizados* (N=58) e *preparados* (N=55). No tópico CONCORDO a maior pontuação foi observada que no *ideal* os professores fossem *planejadores* (N=36), *pontuais* (N=35) e *preparados* (N=33). No tópico DISCORDO os aspectos mais considerados foram que eles discordam que os professores ideais sejam *inexperientes* (N=41), *desatualizados* (N=37), *sem-didática* (N=37), *mal-remunerados*

(N=37) e *não-críticos* (N=35). E por fim no tópico DISCORDO TOTALMENTE, os alunos discordam totalmente que os professores ideais sejam *desatualizados* (N=49), *sem didática* (N=45) e *mal remunerados* (N=44).

Referente aos aspectos profissionais, os alunos desejam que no ideal, seus professores sejam: *competentes*, *valorizados* e *preparados*, pois tais aspectos estão entre os que apresentaram maior número de respostas no tópico CONCORDO TOTALMENTE, sendo que este último aspecto aparece repetidamente no tópico CONCORDO, bem como *planejadores* e *pontuais*. Eles discordam que professores para serem ideais sejam *inexperientes*, *não-críticos*, *desatualizados*, *sem-didática* e *mal-remunerados*, sendo estes últimos três aspectos repetidos e confirmados no tópico DISCORDO TOTALMENTE. Estes resultados revelam que os alunos da pesquisa querem um professor com competências adquiridas, preparo, experiência, mostrando um professor com algum tempo na profissão, bem como uma valorização maior em termos salariais e habilidades adquiridas para desempenhar bem sua função, como, por exemplo, planejar sua aula, ser pontual, ser crítico, atualizado e ter didática.

Portanto, em síntese, podemos dizer que a percepção dos alunos sobre os aspectos profissionais é que eles fossem *preparados* e que não fossem *desatualizados*, *sem didática* e *mal-remunerados*, o que evidencia um ideal de professor por parte desses alunos que já tenha um preparo, para isso tenha um tempo na profissão, mas que não deixe de se atualizar e que tenha adquirido competências técnicas, como ter didática, por exemplo, além de uma remuneração mais justa para sua profissão.

3.2 Resultados relativos às Entrevistas Individuais

Os resultados das entrevistas individuais foram obtidos por meio dos procedimentos para análise de dados adequados á esta estratégia metodológica e que foram citados anteriormente no capítulo referente ao Método.

Os resultados foram analisados partir dos quatro temas abordados com os alunos do período noturno do ensino médio da escola: 1) Meus Professores como Pessoa; 2) Meus Professores como Profissionais; 3) Relacionamento dos Professores com os Alunos e 4) O Professor Ideal. Em cada um desses temas, buscou-se identificar categorias que pudessem agrupar os diversos aspectos centrais dos discursos apresentados pelos entrevistados. A seguir, serão apresentados os resultados no formato de categorias empíricas.

3.2.1 Tema 1: Meus Professores como Pessoa

Quadro 1 –Classes de categorias e Categorias do Tema 1

Classe de Categoria	Categorias
<i>1 - A pessoa do professor</i>	1.1 As Características Pessoais do Professor 1.2 Os Problemas Pessoais do Professor
<i>2 - O Professor e a Escola</i>	2.1 A Influência da Escola sobre o Professor 2.2 As Queixas dos Alunos sobre a Escola

Os fatores envolvidos nos aspectos pessoais dos professores, segundo as percepções e concepções dos alunos, serão apresentados por meio das seguintes categorias:

1- A pessoa do professor

1.1. As Características Pessoais do Professor

Esta categoria é a mais expressiva no que diz respeito ao aspecto das características pessoais do grupo de professores dos participantes do estudo. Ela é expressiva não no sentido de quantidade de conteúdo trazido pelos alunos, e sim porque esta categoria identifica este tema em sua concretude. Por meio desta categoria foi possível caracterizar este grupo de professores em seus aspectos pessoais. A característica marcante, que segundo as falas dos alunos, é a de que seus professores são “*fechados*”, o que indica que seus professores possuem uma dificuldade de aproximação e de contato. Seguem as outras características que aparecem no discurso dos alunos: *falsos, sinceros, nervosos, calmos, abertos, extrovertidos,*

reservados, quietos, bondosos, seguros, bem-humorados, mal-humorados, de bem com a vida, maravilhosos, chatos, legais, interessados, estressados, rancorosos, humildes, grossos, sem educação, impacientes, amigáveis, não amigáveis, animados, dispostos, descontraídos, determinados, alegres, autoritários, livres e tradicionais.

É importante considerar que características que aparecem em seus opostos significam que este grupo de professores se trata de um grupo heterogêneo, dentro deste determinado grupo existem professores com vários tipos de personalidades e um mesmo professor também pode mudar suas características, esta depende de uma série de questões que vão desde fatores trazidos de fora do trabalho até situações ocorridas ali mesmo, influenciando no estado de sua personalidade.

Outro fator importante também é o de que uma característica considerada negativa, por exemplo, *chata*, pode ser suprida por um aspecto profissional, como por exemplo, (...) *a professora poderia ser chata, mas ela explicava muito bem (...).*

O que fica marcante nesta categoria também é que poucos professores deste grupo demonstram seu lado pessoal, pois todas essas características que apareceram no discurso dos alunos foram trazidas sob muitas dificuldades alegadas por este fato. Abaixo alguns discursos exemplificam melhor estas questões sinalizadas:

[...] eu nunca conheci uma professora tão mal humorada que nem a professora de P! (...) a do ano passado, ela poderia ser chata, tudo que for, mas...ela...explicava muito bem. (...) Ela fazia uma aula gostosa! Mesmo ela sendo mal humorada na vida dela...ela sabia dar uma aula boa.[...] (A1)

[...]Porque não tem nem como você conviver muito, você saber como é a pessoa, né? (...) porque eu acho assim, que os professores são muitos fechados (...) Na sala de aula dá assim, pra você saber quem é nervoso, quem é normal... (...) Quem tem os seus problemas, quem não tem...isso dá dentro da sala, mas muito pouco, dá pra você ver o que você vê de todo mundo, só de cara, sabe? Não de conversar [...] (A5)

[...] Alguns realmente são bem legais assim, demonstram também o seu lado pessoal. Poucos!(...) Poucos são assim.[...] (A6)

1.2 Os Problemas Pessoais do Professor

Esta categoria foi identificada, pois ao entrar em contato com o tema, os alunos logo relacionaram a “pessoa” de seus professores com os seus problemas pessoais. Esta categoria então representa o fato de que a maioria de seus professores não separa os problemas pessoais do trabalho, deixando transparecer e “descontar” suas insatisfações nos alunos como se estes

fossem válvulas de escape. Os alunos demonstraram, de certa forma, entender e serem a favor dos professores faltarem, tirarem licenças pra resolver tais problemas, e não ficar descontando neles. Demonstraram também serem a favor dos professores dividirem os problemas com eles na sala de aula.

[...] essa escola, tem muito professor com problema, sabe? E passa, desconta tudo nos alunos, os professores daqui. (...) a maioria chega e já desconta em todo mundo o que tem pra descontar! [...] (A5)

[...] Tem muito professor aí que qualquer probleminha ele chega falando, problema nisso, tô problema naquilo e que vocês tem que ficar quietos, senão não consigo resolver, senão minha vida não vai pra frente, é... como se a gente tivesse é... (...) alguma responsabilidade de tá mudando a vida dele. [...] (A6)

2- O Professor e a Escola

2.1. A Influência da Escola sobre o Professor

Outro aspecto trazido nos discursos dos alunos foi o fato de que a escola, bem como direção, influencia, de modo a interferir no trabalho dos professores. Como se a instituição tivesse alguns elementos que dificultassem e que obstruíssem a realização de um bom trabalho por parte dos professores. Tais elementos se deveriam a uma dificuldade por parte da direção em se posicionar frente às regras que ela mesma cria. E a flexibilização de tais regras, fazendo com que os alunos percam o respeito pela instituição e por seus atores.

[...] tudo na escola, tratamento de professor, começa... o jeito que os professores agem, tem a ver, tem a ver fora e... quando eles entram na escola com a diretora! Não se sabe o que a diretora passa pros professores, quando passa uma coisa, não se sabe se os professores distorcem a história, chegam e contam pro aluno de uma, de outra forma. É bagunçado! Aqui no G. tá bagunçado mesmo! [...] (A9)

[...] todos professores assim eu acho que vem desgostosos pra aula aqui. Porque não tem um que não fala mal, não tem um que não... não tá de mal, sabe? Não gosta, parece que não gosta de dar aula aqui, entendeu? Diferente igual eu estudei em outras escolas, tem como eu falar. (...) todo mundo é descontente, já, já vem descontente... não sei... (...) É muito difícil você ver, muito difícil mesmo, você ver eles de bom humor [...] (A5)

2.2 As Queixas dos Alunos sobre a Escola

No momento das entrevistas a oportunidade que foi dada aos alunos de expressarem sobre um tema que faz parte do cotidiano de suas vidas escolares, fez com que estes também apresentassem suas queixas e insatisfações frente á esta instituição. Esta categoria revela então tais queixas e insatisfações, como por exemplo: a quebra das normas por parte de alguns membros da instituição e o tratamento diferenciado beneficiando alguns alunos; preocupação da direção somente com os aspectos físicos da escola, não priorizando o aspecto humano e o ensino; desrespeito por parte de alguns funcionários que trabalham diretamente no atendimento a eles.

[...] ela já baniu assim, ela já falou assim: “Ó! A partir de tal dia, não entra mais na segunda aula!”, E quem trabalha? E quem trabalha então ou sai do emprego ou para de estudar? Por causa que não pode mais perder, não pode mais entrar na segunda aula. Aí, teve uma amiga minha, esse semestre, agora, ela pegou, foi lá e falou com uma moça lá na secretaria, quem que foi? Não lembro do nome não, mas falou com uma moça lá na secretaria, ela falou assim ó: “Se você chegar aqui e pedir pra me chamar, aí eu sei que vai ser você, aí eu libero você pra entrar”. [...] (A9)

[...] a diretora tá preocupada com a estética da escola. Não tá preocupada com o ensino. Tá certo, ela melhorou muito essa escola, trocou os vidros, carteiras, mas ela só tá preocupada com isso: (...) não com a educação! [...] (A1)

[...] Ela devia mudar o jeito dela trabalhar (...) Não tem respeito com os alunos, ela acha que todos eles são inferior, que ela tá sempre por cima das coisa (...) Mas, eu acho que ela tá numa profissão errada. (...) ela devia tá... em outro ramo... (...) Porque pra lidar com pessoas, eu acho que em primeiro lugar tem que ter educação, paciência, e saber lidar com elas, porque cada pessoa tem um gênio...(...) ...um jeito de ser. (...) Eu acho que isso de lidar com pessoas é muito difícil! [...] (A3)

3.2.2 Tema 2: Meus Professores como Profissionais

Quadro 2 –Classes de categorias e Categorias do Tema 2

<i>Classe de Categoria</i>	Categorias
1 O professor e seu rendimento	1.1.O Professor e o Ensino-Aprendizagem 1.2. O Professor Faltoso 1.3. O Rendimento dos Professores
2 O Professor e seus colegas de trabalho	2.1. A Relação entre o Professor Efetivo e o Substituto 2.2. A Equipe de Professores
3 O Professor com ele mesmo	3.1.O Professor e sua Capacidade 3.2.O Professor e a Aposentadoria 3.3. O Professor e sua Profissão

1- O Professor e seu Rendimento

1.1 O Professor e o Ensino-Aprendizagem

Em relação ao processo de ensino-aprendizagem, as percepções dos alunos são as de que os professores considerados bons, *explicam* mesmo sem o aluno entender e conseguem passar o conhecimento deles pros alunos, já outros professores se recusam a dar *explicação* mais de uma vez e o aspecto pessoal interfere na maneira de dar essa explicação. Eles questionam o fato de os professores ficarem muito presos em livros e não trazerem as inovações que estão se atualizando, e consideram como critério para ser um ótimo professor o fato do professor não ficar preso ao livro, ter a “lição” gravada na cabeça e passá-la de uma forma natural. Questionam ainda o desinteresse dos professores em dar aula. Foi trazida também uma sensação de arrogância por parte de alguns professores, a sensação de que, pelo fato do professor ter graus de instruções a mais, estes se sentem superiores aos alunos e isso transparece na maneira do professor lidar com o processo de ensinar e aprender “junto” aos alunos. Como se essa condição e esse papel de “ser aluno” não estimulasse e não produzisse vontade do professor em explicar. Relataram como uma boa saída, usada por alguns professores, o método de dar aula em forma de reuniões em grupos de discussão, onde todos os alunos e professores podem expressar suas opiniões e construir um conhecimento sobre determinado assunto.

[...] Ela era daquelas assim que te explicava, te explicava, se você não entendesse, ela ia lá te explicava. Outros professores não! (RINDO) Se você não entende: “Ah, esse problema é seu [...] (A9)

[...] Eles só passam, de vez em quando eles às vezes eles explicam... tem professor que nem chega a explicar, tem professor que fala: “Ô, abre o livro

na página tal e faz!”, depois passa a correção: “Ó! Não sei quem, passa na lousa a correção pra mim!”, o aluno vai lá e passa a correção pra ele na lousa[...] (A5)

[...] os professores de hoje em dia, não tão muito interessado em dar aula... (...) Porque.... é raro um professor que... saí, pesquisa em livro, mostra pra gente os interesses da aula.[...] (A1)

[...] a professora de matemática, ele acha que porque ela tem um diploma, entendeu, ela pode chegar passando a matéria na lousa, não explica nada pra você, e acha que você tem que adivinhar nota, como que é, como tem que fazer... (...) ... sem perguntar pra você, ou sem querer saber se você aprendeu ou não[...] (A3)

[...] ele conseguia tá passando pra gente o conhecimento dele [...] (A6)

[...] Eles sempre tão sempre explicando pra gente, só se eles tão estressados que eles... (...)... falam rápido [...] (A8)

[...] outros acha que só por você ser aluno, vem com aquela má vontade [...] (A2)

[...] alguns fazem... das aulas, não aulas mesmo, mas reuniões, faz discussões sobre assuntos, abordam assuntos pra discutir em sala... (...) Não como... eu tô aqui, tô passando, acabou, é eu. São todo mundo opinião, dá sua opinião, todo mundo faz aquela... é, a aula é feita por todos. (...) Não apenas pelo professor. [...] (A7)

[...] ele é um ótimo professor, porque eu nunca vi ele pegar um livro pra passar lição na lousa, e ele passa isso com a maior naturalidade do mundo. [...] (A4)

1.2 O Professor Faltoso

As concepções dos alunos em relação à atitude de faltar de seus professores é a de falta de respeito, outros alunos percebem discriminação e diferença de sala pra sala com relação à frequência do professor, o que faz com que eles se sintam esquecidos e prejudicados, lidando com dificuldades com essa ausência de seus professores. Outros alunos demonstraram não encontrar outra saída com relação a isso, senão entender. E eles parecem acreditar que os problemas pessoais dos professores são o principal motivo de suas faltas.

[...] ontem a gente chegou aqui, só tinha dois professores pra dar aula pra escola. Pra escola, pra quase a escola inteira... e a diretora não providenciou substituto. Mas também eu achei uma falta de respeito os professores não ter avisado ela antes. [...] (A1)

[...] Nossa sala, ela (professora) falta muito pra nós. Não vem dar aula pra gente. Como no outro dia, na outra sala, ela vem direto! Chega só na vez da gente, ela pede licença, a... professora tem direito de pedir licença. Pede licença, tira uma licença da diretoria e não vem dar aula, esquece a gente, e fica mesmo na mão, prejudicado. Então ela tá fazendo discriminação da gente! [...] (A3)

[...] como nós temos que entender o lado deles, porque quando o professor falta, ou quando acontece alguma coisa na família deles, a gente entende! [...] (A6)

Uma aluna, ao contrário da maioria, disse que os professores são responsáveis com os horários e que é muito difícil faltar professores.

[...] são responsáveis também com os horários, que é muito difícil faltar professor, tá faltando agora, por causa que é por motivos de força maior. Mas é muito difícil, faz, tem um ano e meio que eu tô aqui, quase eu não vou embora mais cedo, então... eles são bem responsáveis pelos horário, bateu o sinal eles já tão na sala. [...] (A8)

1.3 O Rendimento dos Professores

Os alunos também percebem os momentos de queda do rendimento dos professores e os fatores que diminuem o ritmo e a produção de seu trabalho, foi relatado que nas aulas que acontecem após o intervalo, ou seja, no fim do período, é notável a mudança do professor. Foi considerada também pelos alunos a carga horária excessiva dos professores, pois estes precisam dar aulas nos três períodos e o período noturno acaba sendo o turno onde eles estão mais cansados, influenciando no ensino.

[...] Até a hora do recreio eles agem de uma forma. (...) Aí, até outra hora, eles agem de outra, pô! [...] (A9)

[...] Às vezes eles ficam meio embaçados, porque também não é difícil, o dia inteiro dando aula, aí chega de noite, tem que dar aula [...] (A5)

[...] tem professor que chega estressado por causa de outras aulas... (...) ... porque tava numa sala que é pior que a minha... Aí chega assim, aí ele se estressa! [...] (A8)

[...] É... alguns tão cansados, eu acho, de dar aula por causa que chegam, vê que tá com um certo desânimo, o profissional dele.. .de acho de cansei de muito tempo de aula[...] (A7)

[...] principalmente à noite, os professores tão meio cansados, então já entram dando matéria, não se preocupa muito com os alunos, (...) os professores do noturno, eles dão a aula de manhã, dão aula à tarde, então eu acho que chega a noite, eles já tão cansados. [...] (A4)

2 - O Professor e seus colegas de trabalho

2.1 A Relação entre o Professor Efetivo e o Substituto

Esta categoria apresenta as percepções dos alunos quanto à falta de sintonia entre o professor efetivo e o substituto, dada as faltas do professor titular, quando o substituto lhe dá cobertura não existe uma comunicação eficaz entre eles, o que faz com que o substituto não dê seqüência no conteúdo, inserindo outros temas. Sensações de confusão e de estarem perdidos foram relatadas pelos alunos diante de tal acontecimento. Foi trazido também pelos alunos falta de ética por parte de alguns professores substitutos, quando vai dar aula, fazem julgamentos da conduta dos professores titulares.

[...] vem, por exemplo, um professor substituto, eles passam matéria de onde eles pararam, pra dar continuidade, outros não, outros tão... tão, por exemplo, passando... ah, quê que a professora de português me passou? Ela ta te passando o texto, interpretação, a outra vai lá e começa a passar de inglês, a substituta começa a passar poema, e não sei o quê. Ah, não! Isso deixa o aluno doido! [...] (A9)

[...] ele falta muito, né, por causa disso... e o próprio substituto dele, fala mal dele. [...] (A1)

2.2 A Equipe de Professores

Esta categoria foi trazida somente por um aluno, que expressou por meio de uma metáfora qual seriam as conseqüências se esta equipe de professores tivesse que estar junta com a tarefa de pilotar um avião.

[...] Vamos supor que eles tenham que pilotar um avião, todos eles tem que pilotar um avião.(...) vamos por nesse ponto de vista. Eu diria que esse avião andava 5 km, só. Depois se espatifava no chão! (...) se essa equipe tivesse que... pilotar esse avião, esse avião não ia longe, não. Por causa da... diferença entre eles. [...] (A3)

3 - O Professor com ele mesmo

3.1 O Professor e sua Capacidade

Em relação à capacidade dos professores é percebida por alguns alunos a incapacidade de alguns professores, principalmente em relação a determinadas disciplinas, alguns alunos demonstraram ficar em dúvida sobre a capacidade dos professores. Na concepção de outros alunos, só o fato dos professores estarem no lugar em que estão, já o determina a ter capacidade de ensinar e o fator “saber” também acaba sendo critério para demonstrar a capacidade do professor.

[...] na nossa sala não tem professor capacitado pra poder dar aula de matemática. [...] (A3)

[...] todos os meus professores realmente são, sejam profissionais, né? Porque só de tá ali lidando com o filho de outras pessoas, tendo, ter ali a capacidade de ensinar. Isso já é um profissionalismo e tanto [...] (A6)

[...] Capacitados, porque eles, eles sabe o que passar. Porque eles, passam matéria, explica, explica, explica [...] (A8)

[...] É dúvida. Alguns professores a gente fica em dúvida se é capacitado mesmo pra aquilo, o que ele tá fazendo é certo ou não (...) É, alguns são capacitados, que você vê na pessoa, que ela sabe como ela vai dar aula, como interagir com os alunos... (...) Dar aula, alguns você tem aquela insegurança, será que é capacitado mesmo, ou não são? Que, no meu ponto de vista, são menos capacitados, entre outros professores. (...) Fica na dúvida se aquilo tá ali, tá certo, se as pessoas vão gostar ou não. [...] (A7)

3.2 O Professor e a Aposentadoria

Nesta categoria são percebidas pelos alunos três situações frente à aposentadoria, a de que existem alguns professores que, na concepção dos alunos, não demonstram o menor jeito para estar nessa profissão, e a aposentadoria seria a maneira de findar este trabalho. A de alguns professores que eles mesmos, ao se verem no fim da carreira, entregam os pontos e não vêm a hora da aposentadoria. E, por fim, a de alguns professores que mesmo com essa formalidade da aposentadoria vão ser educadores até o fim das suas vidas.

[...] Esses professores que não leva jeito são (...) Devia de aposentar logo, sumir, desistir dessa profissão [...] (A9)

[...] essa professora de português, que é no caso a minha professora, a C., acho que é C. que ela chama. Eu acho, não sei o quê que ela tá fazendo

aqui, sabe? Ela falando pros alunos que quer aposentar logo, que não vê a hora de... Acho que se tá falando isso, por que que escolheu essa profissão, né? Se acha que não vai agüentar ficar tanto tempo assim, trabalhando só com isso. [...] (A4)

[...] ela já é professora aposentada, mas sempre a gente precisa tirar dúvida, a gente vai na casa dela, estudei pro ENEM na casa dela [...] (A4)

3.3 O Professor e sua Profissão

Esta categoria mostra as percepções dos alunos quanto à relação que os professores estabelecem com a sua profissão. Eles afirmaram notar que alguns professores deixam transparecer sua satisfação em ser professor e sua realização em estar nesta profissão, pois percebem que este vem dar aula com gosto e cumprem sua função de educador. Já em outros, foram percebidos valores de obrigação relacionados ao trabalho. Trouxeram também que mesmo fatores reais, de ordem social de desvalorização desta profissão, como, por exemplo, o baixo salário, não deveriam ser uma justificativa para o professor não se dedicar à profissão, já que foi essa sua escolha. Foi dito também que só o fato de estar naquele lugar já deveria implicar no seu profissionalismo, e que o fato dos alunos não demonstrar motivação para o estudo poderia ser considerado como um fator que contribui para o descontentamento com a profissão. Foi mencionado também que uma possível solução para os problemas dessa ordem seria o professor se “libertar” do *tradicional*.

[...] ela vem dar aula com gosto (...) ela vem pra dar aula mesmo, ela não fica sentada de jeito nenhum! [...] (A5)

[...] eles ganham muito pouco, também eu acho que eles ganham muito pouco, mas mesmo assim! Se eles escolheram essa profissão, então eles tem que se dedicar a essa profissão [...] (A1)

[...] tem muitos aqui, entendeu, que você vê que... vem dar aula, sabe, mas da obrigação de fazer o serviço, entendeu? Então ele, tá preocupado assim ele tem que dar aula: “Vou dar aula, acabei de dar aula, tchau!”. (...) tem outros que vem com vontade de dar aula e ajudar você. [...] (A3)

[...] todos os meus professores realmente são profissionais, né? Porque só de tá ali lidando com o filho de outras pessoas, tendo, ter ali a capacidade de ensinar. Isso já é um profissionalismo e tanto, no meu ver... hoje existe muitos alunos que não, não querem realmente estudar, e isso fizeram com que eles se desgostassem, né? [...] (A6)

[...] tem professores que se você vê que tem a humildade de, não eu sou professor, eu sou educador, que é... a função deles [...] (A2)

[...] os professores só precisam de uma orientação, é que nem eu falei, de alguém que tire aquilo da cabeça deles, o tradicional [...] (A4)

3.2.3 Tema 3: Relacionamento dos Professores com os Alunos

As falas sobre este tema propiciaram o seguinte agrupamento de categorias:

Quadro 3– Classes de categorias e Categorias do Tema 3

Classe de Categoria	Categorias
<i>1 As condições para uma boa relação professor-aluno</i>	1.1. O bom tratamento do Professor para com os alunos 1.2 O conhecimento sobre os Alunos 1.3 A Discussão como forma de Comunicação 1.4 A Dinâmica das Relações
<i>2 Exemplos de boas relações</i>	2.1 O professor que dá apoio ao aluno 2.2 O Professor Amigo
<i>3 Exemplos de relações ruins</i>	3.1 O Professor Invasivo 3.2 O Professor que Julga

1- As condições para uma boa relação professor-aluno

1.1 O bom tratamento do Professor para com os alunos

Esta categoria revela o modo como estes professores tratam seus alunos. Nas percepções destes alguns professores os tratam muitos bem, foi demonstrado o intenso valor que estes alunos dão quando os professores os cumprimentam na rua fora da escola, mas também se sentem mal quando os professores são diferentes dentro da escola, ou vice-versa, na concepção destes alunos os professores deveriam ter o mesmo tratamento tanto dentro quanto fora da escola. Os alunos valorizam também os professores que conversam e que respondem as perguntas feitas por eles, aí mais uma vez aparece à questão do tratamento ser igual para todos como comportamento admirado pelos alunos. Foi trazido também que existem alguns professores que não gostam de envolver alunos em suas vidas. Já outros conseguem unir a responsabilidade profissional de dar a aula com amizade, utilizando brincadeiras como caminho para se construir essa amizade, fazendo com que professor e aluno tenham mais intimidade, o que é considerado também como algo de valor pelos alunos. O importante parece ser os professores respeitarem os alunos na condição que ele está de

aluno, considerando que por trás desse papel existe uma pessoa, e serem sinceros nos seus relacionamentos com eles.

[...] eles te tratam super bem assim, na rua te tratam, cumprimentam, passam cumprimenta, agora entra dentro da escola, é outra coisa, não, eles te olham, te olham de uma forma diferente. Eu não sei se é a matéria que exige isso ou não, mas eles te tratam de uma forma diferente dentro da escola [...] (A9)

[...] Ela conversa com os alunos, todos, sem exceção, tipo, qualquer coisa que você chegar nela, sabe? Ela sabe falar com você. (...) ela conversa com você (...) Se ela tem que falar uma coisa, ela chega e fala na sua cara, sabe? [...]

 (A5)

[...] Eles não gostam muito de envolver aluno na vida deles. Só que a gente não quer saber da, da vida do professor. [...] (A1)

[...] além deles dar aula pra gente, no sentido... de responsabilidade com o aluno, a gente sente muitos caminhos que pode ter, uma amizade boa, (...) Conversa com nós [...] (A3)

[...] Alguns brincam, conversam, mostram assim o seu lado pessoal [...] (A6)

[...] se alguém for perguntar alguma coisa pra eles, eles sempre respondem. Só tem algum outro que fala, manda você sentar de volta, mas sempre tão ali, sempre te responde o que você precisa [...] (A8)

[...] Uns... sabem que você é um aluno, eles te respeitam como aluno, (...) tem professores que eles não fazem o papel só de professor, eles são seres humanos que tem coração, que pensa na gente, não só, eu vou lá dou a minha aula e pronto. Ele já vê você como uma pessoa, sabe? Um amigo que te dá conselho [...] (A2)

[...] A gente fica mais com umas pessoas, as pessoas tem mais intimidade, tudo... são mais íntimos com alguns professores, conversam mais coisas, é menos intimidade [...] (A7)

[...] o Prof. F. (...) Ele dá aula pra gente já faz um tempo. Eu acho que ele é um bom professor, uma boa pessoa, ele é muito sincero ao falar do problema dele, quando ele conversa com a gente sobre isso [...] (A4)

1.2 O conhecimento sobre os Alunos

Nesta categoria, os alunos relatam como percebem o nível de conhecimento que os professores possuem dos alunos e que isto pode ser um indicador de como é o do

relacionamento dos professores com eles. Mais uma vez então existem tipos de professores, dos quais alguns não conhecem os alunos, além de perguntar quem são não conhecer seus nomes e não demonstrarem interesse por eles. Outros já estão no outro extremo, se interessam demais e não tem a continência de guardar os conteúdos dos alunos que lhes são confiados. O que chama atenção é a fala do aluno A7 ao relatar que alguns professores criam estereótipos dos alunos e se relacionam com aquele estereótipo pelo período do ano letivo.

[...] Tem professor que ainda pergunta, quem é quem, né? (...) “Ah, quem vem! Ah, quem é?”, que às vezes eles nem conhecem, por não ter um relacionamento, né? (...) Então nem sabe quem que é quem [...] (A5)

[...] eles tão se interessando muito pela nossa vida pessoal. (...) Os professores (...) e o pior assim (...) se a gente tá com algum problema, a gente gosta que alguém vem conversar com a gente. Só que aí, o nosso problema que a gente fala pra eles, eles vão lá e conta pra outros professores [...] (A1)

[...] poucos decoram os nomes dos alunos, sabe? E... tem, tem um professor que conhece pelo menos a minha sala inteira! De tanto que ele é legal [...] (A6)

[...] Então já é aquela falta de interesse... em saber o quê que se passa, se você tá com alguma dificuldade, é... se eles podem te ajudar em alguma coisa [...] (A2)

[...] outros chega nem explica, a pessoa pergunta, fala: “Ah, presta atenção!”, tem uma certa discriminação no... gênero da pessoa, não como a pessoa é mas, assim,... a primeira vista, eu vi aquele aluno daquele jeito e eu vou rotular ele daquele jeito o bimestre... (...) deixa aquela impressão, não tenta conhecer como o aluno é realmente. [...] (A7)

1.3 A Discussão como forma de Comunicação

Nesta categoria os alunos revelam algumas falas provocativas por parte dos professores que desencadeiam uma discussão entre os professores e alunos, o que mostra a fragilidade da comunicação nessa relação, além dessas falas gerarem medo no aluno, o que faz com que eles tenham difícil acesso ao professor. O inverso também é percebido por esses alunos participantes do estudo, de que seus colegas também provocam os professores desencadeando brigas e discussões. Percebe-se que ambos, professor e aluno, nessa situação, sabem evidenciar o aspecto frágil do outro ao provocar.

[...] uma professora (...) começa a tirar gozação com a minha cara! Aí eu aumentei a voz, fui um pouco grosseiro com ela, mas ela que provocou, ela que fez eu perder a cabeça, fez ficar exaltado com ela! (...) aí eu peguei e falei, aí eu comecei a aumentar a voz com ela, eu falei: “Ô, professora! Pára de falar que eu não tô, não tô, não tô querendo discutir com ninguém não!” [...] (A9)

[...] você tem até medo de perguntar, igual a de a., ninguém pergunta nada. Porque você vai lá na mesa dela, pergunta assim: “Professora! Você deu visto?”, “Eu já falei que eu não vou dar visto agora! Que não sei o que mais! Eu, eu vou dar visto depois, eu tô ocupada!” [...] (A5)

[...] tem alguns alunos que ele já brigou porque esses alunos ficou zoando ele, chamando ele de b. [...] (A1)

1.4 A Dinâmica das Relações

Nesta categoria é possível perceber que na instituição as relações são percebidas pelos alunos como muito dinâmicas, não existindo nada que seja exatamente fixo.

[...] sempre acontece várias coisas (...) Então fica difícil você pegar uma, é desse jeito, aquela ali é daquele jeito. (...) É muitas coisa que acontece, muitas coisa diferente. Na aula... (...) É igual professor no pessoal e no profissional, chega lá alegre, a aula é mil maravilha, aí no outro dia chega, aquele lá é meu amigo, aquele outro inimigo. (...) depende da lua do dia do professor chegar na sala. (...) Se chegar bem, todo mundo beleza, se chegar virado, aí é aquele terror na aula. [...] (A7)

2 - Exemplos de boas relações

2.1 O professor que dá apoio ao aluno

Os discursos dos alunos apresentam a percepção de que alguns professores são conselheiros, tanto nos aspectos da vida escolar, quanto na vida pessoal dos alunos, e isso é visto como ajuda, pois alguns professores conseguem perceber quando os alunos não estão bem e chegam a dar conselhos e ajudar. Alguns chegam a se empenhar de tal maneira, a lutar pela causa dos alunos; o que é visto pelos alunos como relação de troca, onde um compreende o outro. Foi percebida nos alunos a necessidade de às vezes querer conversar com alguém e não encontrar e alguns professores conseguem suprir essa necessidade conversando com eles. Um aluno trouxe que alguns professores fazem diferença entre os alunos e ajudam somente os “bons” alunos até no que diz respeito à permanência deles continuarem a tirar boas notas, já aos outros eles não ajudam.

[...] ela (...) dava conselhos tanto como assim, como aluno, como conselhos pessoais, assim fora da escola, ela dava! (...) Ela... me ajudava, no que eu precisasse, eu podia conversar com ela, que ela me ajudava! (...) te ajuda no que, no que eles podem eles te ajudam. (...) te ajuda no que for preciso...[...] (A9)

[...] Ela já tirou 2 amigo meu das drogas, ajudou, lutou. (...) por isso que eu falo: se o professor compreender a gente, a gente vai saber compreender o professor (...) sempre que a gente precisou de ajuda, ele ajudou. [...] (A1)

[...] eles também nos ajudam muito por causa disso, por causa que às vezes você ta precisando de conversar com alguém, e você não pode conversar em casa, alguma coisa assim, você vem na escola, conversar com um professor... aí ele escuta [...] (A8)

[...] ela, fez o trabalho dela, acabou a aula dela, preferiu perder o tempo dela, não ir pro recreio tomar um lanche ou talvez descansar um pouco, preferiu vim saber o que tava acontecendo, me dar um conselho, me ajudar... [...] (A2)

[...] vamos supor, você é o CDF da sala... O professor chega pra você: “Ó! É isso, é isso! Não, ó! Você não conseguiu nota? Vou te dar esse trabalhinho aqui. Vou te ajudar”. (...) Outros ela chega no professor: “Professor! Eu preciso de nota, me ajuda!”, o professor: “Não, não vou te ajudar” [...] (A7)

2.2 O Professor Amigo

Os alunos relatam que alguns professores são amigos e constroem uma relação amigável com eles, sabendo unir a responsabilidade de dar aulas com a amizade. Um dos passos a ser dado para construir essa amizade é quando um deles, professor ou aluno, pode confiar abertamente, pode trazer suas questões pessoais na relação, como, por exemplo, poderem dividir os seus problemas. Outro aspecto também é quando o professor dá conselhos para os alunos, sendo considerado por eles também como atitude de amizade. Por fim, a amizade aparece como uma saída criativa para que outros aspectos dêem certos e por meio dela os professores conseguem ter o respeito dos alunos.

[...] ela também agia como uma amiga. (...) Alguns professores dá pra se levar uma relação amigável [...] (A9)

[...] A gente sente que eles tem amizade, além deles dar aula pra gente, entendeu, no sentido é... de responsabilidade com o aluno, a gente sente muitos caminhos que pode ter, uma amizade boa [...] (A3)

[...] eu tive um professor, o ano passado, de filosofia,... a gente não tinha ele como um professor, a gente tinha ele como um amigo.... Teve um dia, um episódio que marcou bastante, que foi o primeiro dia de aula dele, que ele contou a história dele. (...) a história realmente mexeu com a gente, e a partir daquele dia, a gente podia confiar nele, podia ver ele não como um professor, mas sim como um colega mesmo [...] (A6)

[...] eu comecei a explicar o porquê que eu tava daquele jeito. Ela me deu conselhos que nem uma amiga [...] (A2)

[...] o aspecto dos professores chegarem mais quieto, mais calado, então é uma coisa da pessoa, ela é mais fechada. Muitas vezes eu acho que isso atrapalha porque ela não tem uma certa relação de amizade com os alunos. Então por ela não ter essa amizade com os alunos, ela não consegue, muitas vezes ter o respeito de alguns, ou às vezes tem o respeito, mas por causa de medo. [...] (A7)

[...] o Prof. F.... ele é muito sincero ao falar do problema dele, quando ele conversa com a gente sobre isso... Apesar dele ter os problemas que ele tem. Ele é um verdadeiro profissional, que ele, tem um relacionamento profissional com os alunos, mas ele também é amigo dos alunos, né? (...) Ele conversou com a gente como amigo, não como professor, né? Porque ele tava com um problema e ele veio conversar com a gente. [...] (A4)

3 - Exemplo de relações ruins

3.1 O Professor Invasivo

Esta categoria foi trazida por um aluno, que no seu discurso pode-se perceber a invasão por parte de alguns professores na intimidade dos alunos. Aqui fica evidente também que a relação de amizade citada na categoria anterior é construída naturalmente e é preciso estabelecer uma relação de confiança para expor as intimidades.

[...] hoje em dia os professores tão se metendo muito nas nossas vidas assim, principalmente nas nossas vidas sexuais assim. Eu acho legal a gente procurar o professor, não o professor vim procurar a gente. A gente, se a gente tiver alguma dúvida, a gente ir lá...(...) E querendo ou não, eles acabam comentando (...) E isso acaba circulando. [...] (A1)

3.2 O Professor que Julga

Quando alguns aspectos pessoais e íntimos dos alunos são trazidos à tona na instituição, segundo eles, alguns professores julgam aquele comportamento do aluno, não vendo os motivos que levam o aluno ser o que é. Como se a solução pra aquilo forçosamente tivesse que acontecer.

[...] Então eu acho assim, que nem o ditado, “Ninguém vê as pinga que toma, só vê os tombo que cai!”(RINDO)... As pessoas não vê qual é o motivo que faz com que a pessoa seja desse jeito, né? Só sabe que ele é assim e pronto, acabou! (...) Você tem que achar uma solução pra isso. Então os professor fala, de alunos, assim. É, acha que eles tão sendo profissional, por quê? Eles tão vendo só o quê que o aluno faz, mas não tá vendo o quê que o aluno tem. Porque que é assim? Qual que é o motivo dele agir dessa forma? [...] (A4)

3.2.4 Tema 4: O Professor Ideal

Segue abaixo a apresentação das categorias temáticas levantadas.

Quadro 4– Classes de categorias e Categorias do Tema 4

Classe de Categoria	Categoria
1 - Na relação com o aluno	1.1 O Professor ser Amigo 1.2 O Professor deixar de ser Autoritário 1.3 O Professor ser mais Humano 1.4 O Professor ter Empatia
2 - No seu trabalho	2.1 O Professor ser Motivador 2.2 O Professor ser Organizado ou Ter Postura Profissional 2.3 O Professor cuidar de seus Problemas Pessoais 2.4 O Professor sair da Rotina

1- Na relação com o aluno

1.1 O Professor ser Amigo

Mesmo o fato de ter aparecido que alguns professores no real são amigáveis, como visto no tema anterior, ainda há um desejo expresso pelos alunos de que eles gostariam que seus professores fossem mais amigáveis. Foi trazido também que o bom professor sabe ser rigoroso e amigável ao mesmo tempo. Percebe-se que mesmo alguns professores demonstrando ser amigos dos alunos, ainda sim há uma insegurança deles em estar contando com essa amizade e ao que parece o professor ideal daria essa certeza de que o aluno pode contar com isso. Uma aluna disse ser de extrema importância que, na fase da adolescência, no

ensino médio, os professores sejam mais amigos dos alunos. A amizade surge mais uma vez como solução criativa para outros aspectos, como por exemplo, o rendimento das aulas e o desejo de que todos na escola possam se relacionar com amizade, deixando esse sentimento fluir.

[...] Que eles fossem mais amigáveis, fossem mais... cumprimentassem! Que eles agissem de uma forma mais amigável com, tanto fora quanto dentro da escola (...) o professor ideal (...) sabe ser amigável (...) Sabe... ser rigoroso mas ao mesmo tempo, amigável com o aluno e com todos em sua volta. (...) Ser rigoroso e amigável, tratar bem as pessoas [...] (A9)

[...] Então você vem, você tem algum problema você vem e você sabe que você pode conversar, então você não vai descontar... você vai chegar, vai conversar, você vai ter, eu acho que falta amizade um pouco, sabe? [...] (A5)

[...] no colegial, na adolescência, que a gente já tá saindo da escola, daqui pra tá seguindo um futuro melhor, cada um resolver sua carreira, eu vejo que no ensino médio, os professores, e, na minha opinião, eu acho que todos eles deveriam ser mais amigos dos alunos, mas são poucos. E esses poucos fazem a diferença (...) Eu vejo que esses fazem a diferença. [...] (A6)

[...] você sabendo levar o aluno, além da sua aula render mais, vai, vai ajudar você a conseguir a amizade dos aluno, pros aluno não fazer bagunça na aula. [...] (A8)

[...] eu acho que a escola, os alunos tem que criar uma certa amizade entre aluno e professor, inspetor e aluno, diretor e aluno, todo mundo. [...] (A7)

[...] eles agem como profissionais,... não como amigos, dos alunos e nada. Simplesmente como profissionais: “eu tô recebendo pra fazer isso e é isso que eu vou fazer!” (...) ele deixar o sentimento dele de amigo da pessoa, ele mostrar isso pro outro professor.[...] (A4)

1.2 O Professor deixar de ser Autoritário

As concepções dos alunos em relação ao professor ideal revelam que estes gostariam que seus professores deixassem de ser autoritários, no sentido de melhorar o tratamento dado aos alunos, deixassem de ser somente rigorosos e bravos e passassem á conversar mais com os alunos sem querer impor somente as suas vontades. Tanto no que diz respeito a escolher o que o aluno deverá aprender, quanto aos aspectos de suas personalidades também, os discursos são de que os alunos desejam que seus professores fossem menos rígidos com eles

mesmos, o que supõe existir uma falta de flexibilização por parte desses professores para lidar com aspectos do cotidiano da vida escolar. Foi dito também que quando tais situações acontecem, estes professores autoritários e rígidos não sabem o que fazer, a não ser tomar as medidas drásticas de mandar pra diretoria, etc. Alguns professores apontados por estes alunos como exemplo de serem professores ideais apresentam características de serem brincalhões e possuem bom humor deixando o clima da aula mais leve.

[...] ser rigoroso... totalmente, dá patada assim, não! Outros professores pegam, falam: “Ah, não! Porque é assim! Não quero assim! Acabou! Não!”. Não! Tem... aí outros falam: “Não tem que dar satisfação pra aluno, não! Vai fazer assim, porque é assim e acabou!”. Ela não, conversa com o aluno, chega e conversa pra ver... é melhor conversar, do que você chegar, querer se impor assim. Não, é porque você quer e acabou! Não! [...] (A9)

[...] eu não digo braveza, porque eu acho que isso aí também não dianta, eu sou aluna, eu sei que isso não dianta. Você ser bravo... se eles viessem assim ó: “Poxa vida! Vamo conversar um pouquinho?” [...] (A5)

[...] Eu gostaria que os professores fossem menos rígido... (...) ...com eles mesmo (...) o professor ideal seria... um professor... que nem eu falei, menos rígido consigo mesmo [...] (A1)

[...] É uma ótima pessoa, uma pessoa educada, às vez brinca na sala. Quando brincam com ele, aceita brincadeira. (...) ontem era aula dupla, sabe aquele dia de estresse? A sala nossa tava totalmente estressada. Ele entrou e já viu que a sala tava estressada, falou assim: “Eu não vou nem dar aula hoje!” (...) “Ah! Vamo assistir um filme! (...) Levou na sala de... cinema (...) Então aquele peso... some (...) Ele deixa o clima mais leve, às vez é com um filme, às vez é com um tema assim engraçado. Que você tá aprendendo, mas ao mesmo tempo tá distraindo (...) tá te ensinando, de uma maneira diferente, de uma maneira mais engraçada, mas você não deixa de aprender porque é engraçado, sabe? (...) Só deixa a classe mais... mais light assim, mais... (...) Mais... boa, até mais gostosa a aula. [...] (A3)

[...] tem professores que, aconteceu alguma coisa, ele já não sabe o que fazer, já acha que a única medida é... as drástica, mandar pra diretoria, mandar pra fora, xingar, brigar! Essas coisa mais assim (...) tem dias que você não consegue, o professor, qualquer “a” na sala, o professor já tá mandando pra fora, tá brigando, já tá gritando, entendeu? Não tem como conversa [...] (A7)

[...] se o pessoal quer aprender aquela matéria hoje, não quer outra. Eles não se preocupam com isso, né? Falar: “Hoje a gente vai aprender regra de 3... não dá uma opção pra gente, né? Eles seguem o padrão deles e pronto, acabou! Isso é profissionalismo deles [...] (A4)

1.3 O Professor ser mais Humano

O professor ideal, então, na concepção de uma aluna é uma pessoa que além de profissional é uma pessoa feliz, de bem com a vida, bem humorada, resolvida, que saiba suportar os desaforos dos alunos, falando, corrigindo, deixando que seu aspecto sentimental possa fluir em alguns momentos, sabendo equilibrar o racional com o sentimental. Nas falas de alguns alunos, para ser ideal, bastaria que, em primeiro lugar, o professor levasse em conta o seu aspecto humano, saísse um pouco do seu papel profissional de professor e deixasse o aspecto humano agir.

[...] o professor ideal é o professor que além de uma pessoa profissional, é uma pessoa feliz. É uma pessoa de bem com a vida, uma pessoa como a gente fala, bem amada, porque não é uma pessoa mal humorada, que desconta as problemas nos outros, porque aluno vem pra escola pra estudar, não é pra agüentar desaforo de professor.... professor ideal, é um professor que sabe suportar isso na hora certa, sabe falar na hora certa, corrigir na hora certa, mas também que sabe ter um pouco de sentimento com o aluno. Que sabe, deixa o lado sentimental agir às vezes, de vez em quando. Porque de vez em quando é bom a gente pensar com o coração ao invés de pensar só com a razão. [...] (A4)

[...] basta ele ser um ser humano em primeiro lugar, ele entender todas as condições ali daquele... daquele meio que ele convive, né? Ele tem que ser ele mesmo, e não assumir uma máscara, vamos dizer assim. Tá certo que ele é um professor, é uma profissão, ele tá ali pra ensinar você, mas eu acho, na minha opinião ele tem que ser um ser humano antes.... o professor ideal, é aquele que reconhece a posição dele de... de uma pessoa normal, reconhece que ele foi adolescente, que ele foi criança, que ele aprendeu também pra tá ali onde ele tá. (...) E além de ser um grande profissional, ele tem que ser um ser humano como os outros. Ele não pode fingir ser melhor. Ele tem que ser igual. Né? (...) Que o professor, ele é uma pessoa como nós. Não é porque ele tem uma preparação melhor, um conhecimento melhor, que ele é melhor no lado pessoal. (...) É isso pra mim. Isso sim é o professor ideal. Aquele que sabe reconhecer isso. Não aquele que... só enxerga o seu lado profissional. Isso pra mim é o professor ideal [...] (A6)

[...] eles para de pensar num do lado muito profissional, e deixar o lado pessoal, o lado sentimental agir um pouco, também. Porque, eles entram na sala, tem uns que parecem robô, que parece que é movido, já é mecânico, aquilo é dele, sabe? Então eu acho que tinha que melhorar essa parte... extremamente profissionais, eles usam o profissionalismo como frente de tudo, eles não deixam o sentimento de professor, de amigo, passar um pouco. Então eles são muito profissionais e muito tradicionais pra mim. Eu acho que professores profissionais ...são bons, mas se juntar o profissionalismo com o sentimentalismo também, ser um professor que tenha sentimento, vontade de conversar com o aluno e saber sobre a vida dele, seria muito melhor! (...) Mas... (...) Como se eles pensassem: “Eu recebo pra

dar aula, e é isso que eu tenho que fazer!” (...) Quando eles chegam na sala e eles tem que dar aula de qualquer jeito, eles não se interessam como a sala de aula tá, como os alunos estão, (...) além de profissional, acho que você tem que ser pessoa mesmo. Tem que... às vezes, não agir só com a razão, mas sim com o coração de vez em quando. Ou deixar os dois agir juntos, se é uma pessoa racional, pra não fazer uma loucura, mas ser uma pessoa que sabe, que tenha sentimentos por aquilo ao mesmo tempo. (...) Então... acho que o professor devia ser assim [...] (A4)

1.4 O Professor ter Empatia

Aparece na fala de um aluno que o professor teria que se colocar no lugar do aluno e que esta é uma maneira do professor entender e aprender.

[...] Acho que o professor tem que se colocar muito no lugar do aluno, pra tentar entender... eu acho que ele até aprende muito mais com isso! Né, você se sentindo, como que o aluno tá se sentindo, o que tá passando pela cabeça dele... (...) Eu acho que ...seria legal o professor pensar desse jeito, é uma idéia pra, diretora, se ela pensasse dessa forma, seria até... bom pra ela...abordar uma nova metodologia pra escola [...] (A4)

2 - No seu trabalho

2.1 O Professor ser Motivador

Neste aspecto, os alunos enfocam que o professor ideal é aquele que sabe motivar o aluno. Alguns professores reais considerados por eles bons professores mostraram possuir esse aspecto de incentivadores ao crescimento dos alunos. Um dos alunos trouxe o aspecto da motivação como saída criativa para se resolver os problemas ligados á educação.

[...] o professor ideal sabe motivar o aluno [...] (A9)

[...] eu não sei se é por eu ta .. .é... trabalhando, estudando à noite, ta meio que ainda pesado pra mim agora, eu não tava assimilando muito os dois, tava até querendo para de estudar por causa disso. Mas só que as duas professoras que eu comentei, essas duas professoras, pelo contrário, elas me incentivaram muito: “Não, a gente tenta te ajudar! A gente te explica!” [...] (A2)

[..] Eu acho que devia adotar um método, onde fosse motivação, motivar os alunos a usar aquilo, quando que eles vão usar, por quê, pra quê, dar um motivos pra eles poder aprender aquele tipo de coisa. Uma motivação, a teoria que é explicar a parte teórica da matéria. Prática, que seria pra praticar pra aprender. [...] (A4)

2.2 O Professor ser Organizado ou Ter Postura Profissional

Nesta categoria colocam-se os desejos expressos pelos alunos quanto aos aspectos profissionais que eles gostariam que os professores tivessem e algumas posturas profissionais, tais como saber administrar as aulas, coordenar o grupo de alunos, se interessar e ter mais vontade de dar as aulas, avaliar individualmente cada aluno, ensinar, explicar e mostrar a utilidade dos conteúdos ensinados. Vale lembrar que o aspecto “avaliar individualmente cada aluno” é uma postura de um professor considerado ideal por um determinado aluno.

[...] o professor ideal que sabe... sabe administrar as suas coisas, sabe... não fica perdido, sabe dar continuidade no ensino, de onde ele pára, (...) sabe administrar as suas aulas direito. (...) Esse sim é um professor ideal. Sabe... sabe administrar as suas coisas. [...] (A9)

[...] mostrar respeito, sabe? Pra ter autoridade e coordenar uma sala, que eu acho que um professor tem que ter, conseguir coordenar uma sala e mostrar respeito [...] (A5)

[...] que se... interessasse mais pela aula que ele mesmo dá. Acho que só dele se interessando mais pela aula que ele dá, já seria um professor ideal [...] (A1)

[...] É uma pessoa educada, entendeu, avalia os aluno é em.. .por aluno. Não pela classe inteira, Cada um tem seu sistema, então ele sabe é... reconhece, o sistema, sabe diferenciar os aluno. Na minha sala, tem um rapaz que chama R., ele é mais lento, pra receber as coisas, sabe, pra poder aprender, ele já tem um cuidado maior com ele. Então, o fato de ter um cuidado com o aluno, tanto no escrever, no passar a matéria, sabe, no... relaciona, se relacionar. Ele sabe mostrar o que ele tá fazendo ali. Que nem... o rapaz tem mais dificuldade pra aprender, ele vai lá na mesa dele, ensina, explica, até ele vê que aquela pessoa pegou a coisa. [...] (A3)

[...] É aquele tipo de professor que te ensina [...] (A6)

[...] eu acho que falta um pouco da maioria dos professores, essa parte de diálogo, de... ter mais vontade de dar aula, explicar, do que chegar e dar aquela lição na lousa e acha que acabou o serviço deles. Eu acho que não é bem assim. (...) o professor ideal pra mim, é aquele professor que se dedica ao máximo em ensinar. [...] (A2)

[...] Interagir naquela matéria. É... explicar bem aquele assunto que ele tá dando, dá um assunto [...] (A7)

[...] se os professores conseguissem adotar esse método... O aluno já tá acostumado, o professor a chegar e já falar: “Ó! Você vai usar isso daqui pra isso!”, né, Mas eu acho que não... deixaria o aluno tão mal [...] (A4)

2.3 O Professor cuidar de seus Problemas Pessoais

Outro aspecto trazido pelos alunos para compor o professor ideal seria o de um professor que fosse responsável por suas aulas, não deixando que seus problemas pessoais interferissem na aula de modo a tentar não deixar transmitir isso para os alunos. Os discursos dos alunos mostram que eles entendem que uma pessoa tem problemas e que eles gostariam que, quando seus professores tivessem com problemas, eles pudessem comunicar isso para os alunos, pois o que acontece é que, na tentativa dos professores tentarem esconder quando não estão bem, isso acaba escapando de alguma forma, de modo a descontar seus problemas nos alunos.

[...] O professor ideal seria aquele... né, que chegasse pra dar aula, né, que teria que ter responsabilidade, responsabilidade da aula, certo? Não trazesse problema, tinha brigado em casa, se brigou com marido, sei lá, não trazer pra aula, sabe? Ele tem que se dedicar na aula. [...] (A3)

[...] É aquele professor que quando tá bem, sabe como chegar na aula como ser sempre aquela, não o mesmo ritmo, mas se eu tô mal, eu não vou transmitir isso pros alunos. Então, eu vou chegar, não tentando descontraí, chega: “Pô! Eu tô, hoje aconteceu uma coisa comigo, eu tô mal, tudo, não tô muito a fim de brincar”, chega na aula faz... não é aquela aula, totalmente brincadeira, todo mundo ri, todo mundo brinca, mas uma aula, confortável, uma aula que todo mundo, converse, uma aula que ...todos ali, discute o que tá acontecendo. [...] (A7)

[...] o professor ideal... não é uma pessoa mal humorada, que desconta as problemas nos outros, porque aluno vem pra escola pra estudar, não é pra agüentar desaforo de professor. [...] (A4)

2.4 O Professor sair da Rotina

Um aluno apontou nesta categoria que o professor ideal teria que sair um pouco da rotina das aulas, fazer aulas diferentes. Ele trouxe que a escola possui outros espaços sem ser o da sala de aula e que seus professores poderiam utilizar melhor esses espaços.

[...] o professor ideal tem que sair um pouco da rotina das aulas, fazer uma aula diferente. Igual aqui na escola tem computador, podia fazer um trabalho que nem no computador daqui. (...) Eu mesmo, faz um ano e meio, igual eu te falei que eu tô estudando aqui, eu fui entrar na sala de aula, de

computação esse ano! Semana retrasada, que eu fiquei sabendo que tinha, eu nem sabia que tinha. Então eu acho que até um trabalho ali, pode, tem a sala lá de vídeo, que pode passar um filme pra gente, igual de história, podia passar um filme, pra gente saber um pouco mais sobre a cultura brasileira. Não precisava sair só da escola pra ser uma aula diferente, mas saber dar essa aula, fazer algum, alguma coisa que a gente achasse a aula diferente [...] (A8)

3.3 Resultados do Grupo Focal

Neste item, se apresenta a análise dos resultados do grupo focal. Foram três encontros, com duração média de uma hora e meia cada um e contou com a presença da pesquisadora, como moderadora do grupo, e em um dos encontros com uma auxiliar, membro do grupo de pesquisa GEPISED, que auxiliou na observação da dinâmica grupal.

A dinâmica grupal possibilitou que os possíveis conflitos, dúvidas ou contradições relativas aos temas propostos acabassem emergindo e, assim, se pudesse captar a riqueza da multiplicidade e heterogeneidade que caracterizam as concepções e vivências dos participantes em um dado contexto social.

Na tabela 8, a legenda mostra que os participantes do grupo continuam sendo identificados durante a análise, seguindo as mesmas siglas das entrevistas individuais. No caso do grupo, foram acrescentados a figura do moderador do grupo e seu auxiliar. Os encontros contaram com o seguinte número de alunos: 1º. Encontro, 9; 2º. Encontro, 9 e 3º. Encontro, 6.

3.3.1 Categorias empíricas e/ou temáticas do Primeiro Encontro

Participaram deste encontro nove alunos conforme especificado na tabela 8, a seguir.

Tabela 8 - Legenda referente aos integrantes do grupo focal do 1º Encontro

INTEGRANTES	
Moderador: (M)	Moderador-Pesquisador
Aluno 1 (A1)	Aluno do 3E
Aluno 2 (A2)	Aluno do 1E
Aluno 3 (A3)	Aluno do 3TA (2TA, na fase da entrevista)
Aluno 4 (A4)	Aluno do 3E
Aluno 5 (A5)	Aluno do 2G
Aluno 6 (A6)	Aluno do 2G
Aluno 7 (A7)	Aluno do 3TA (2TB, na fase da entrevista)
Aluno 8 (A8)	Aluno do 3F
Aluno 9 (A9)	Aluno do 1TA

Os mesmos temas da entrevista individual foram reproduzidos no grupo focal. Porém, o grupo possibilita uma aproximação das diversas facetas envolvidas no tema. Foram trabalhados dois temas no primeiro encontro, onde os alunos verbalizaram livremente sobre eles e a moderadora dividiu a duração total do encontro em dois momentos, onde cada momento foi trabalhado cada tema na seguinte seqüência. Os dois temas deste encontro foram: *As Características Pessoais e de Personalidade dos meus Professores* e *Os Aspectos Profissionais dos meus Professores* (conhecimentos gerais e específicos da disciplina ministrada, formação acadêmica e atualização).

A partir das transcrições das gravações das sessões, submetendo-se o material obtido à análise temática de conteúdo, foi possível encontrar diversas categorias empíricas e/ou temáticas seguintes.

1ª categoria: Tipos de Professores

Logo no início da discussão grupal, esta concepção foi apontada pela aluna A1, quando foi perguntado pela moderadora “Como são as características pessoais e de personalidade de seus professores? Como eles são como pessoa?”, segundo A1 as características depende de cada professor e que, neste grupo de professores que eles têm, existem vários tipos de professores e cada tipo provoca uma determinada reação nos alunos quando estes chegam pra dar aula. Esta posição foi confirmada pela aluna A2 que se

manifestou logo em seguida a A1. Ambas manifestaram também que os problemas pessoais dos professores acabam interferindo nessa maneira de ser do professor, na relação deles com os alunos e no trabalho deles.

[...] Depende de cada professor! Tem uns que chegam animados dando aula! Mas tem uns que da vontade de matar aula, assim que entra na sala de aula! A gente não pode ficar falando nada, a gente fica quieto! Passa a lousa cheia de lição! Vai apagando, nem espera a gente terminar de copiar, vai apagando! Então, depende de cada professor! Tem uns que são maravilhosos, mas tem uns que são um terror! Eles têm os problemas na casa deles e acabam descontando na gente! É... de cada 10 professores, só dois conseguem dividir os problemas pessoais com os do trabalho! Porque o resto... é tudo estressado! [...] (A1)

[...] Eu costumo dizer, Igual eu falei pra ela na entrevista pessoal, que... tem os professores que só de entrar na sala já tem uma reação os alunos, né? Agora, tem os que o professor chega: “Ih, esse professor é maior estressado! Já nem quero...”. o aluno já nem quer prestar atenção por ele! Tipo, ele passa uma coisa tão negativa que é igual eu falei: a maioria de nós aqui que estuda a noite, trabalha e vem pra escola! Chega a noite, tem o professor que não quer dar aula, professor maior estressado! Aí, você já estressa também! Então, eu acho que eles acabam... tipo é igual ela disse: eles não sabem dividir os problemas pessoais como profissionalismo deles! Eu acho que influencia muito os dois! Depende de cada um! [...] (A2)

2ª categoria: O desinteresse dos professores em dar aula

Vários foram os discursos que se referiram ao desinteresse dos professores em dar aula. Foi trazido que esta é a impressão que alguns professores passam pra eles: parecendo que o professor tem vontade de ficar em casa a dar aulas e isso, de alguma forma, pode contagiar os alunos, provocando a evasão deles. Situações do cotidiano escolar foram citadas para elucidar esse discurso como, por exemplo, algumas atitudes dos alunos de brigarem para reivindicarem a ida do professor á sala de aula, discursos e atitudes dos professores em fazer acreditar que a aula foi dada.

[...] Eu acho que ele vem dar aula sem interesse em dar aula! De repente, ele tem vontade de ficar em casa, mas ele é obrigado a dar aula, então, ele vem de mau humor! E acaba não dando a aula! [...] (A3)

[...] É! Dá aula... Hoje, por exemplo, não veio quase ninguém da nossa sala! A professora ficou lá sentada olhando pra cara de cada um! [...] (A1)

[...] A professora fala: “Ah, eu tô aqui!”. É isso o que elas falam! [...] (A4)

[...] É! Tem umas que até falam: “Ah, vocês não querem aprender, eu tô ganhando meu dinheiro! Meu dinheiro vem todo mês, se vocês não querem aprender...” tem umas que já é bem assim, curta e grossa! [...] (A2)

[...]A maioria é assim: tem o professor que senta, os alunos pedem a matéria, ele nem passa! Você pode pedir que eles falam: “Ah, não, não vou passar não!”. [...] (A5)

[...] Revendo a matéria anterior que também não foi dada! [...] (A6)

[...] E que interessante (?) de brigar pro professor poder ir na sala! Tem essa ainda! No final do ano, menos de vinte dias... [...] (A3)

[...] O professor procura algum pretexto pra não dar mais aula! Fica em outras salas parados, na diretoria! Não dá as aulas, deixa a gente lá! [...] (A7)

3ª Categoria: A relação entre o professor efetivo e o substituto

Quando o professor titular, de fato, não comparece para dar as aulas, o substituto lhe dá uma cobertura, mas os alunos percebem uma falta de sintonia entre o professor efetivo e o substituto, não existindo uma comunicação eficaz entre eles. Os alunos percebem que o professor substituto tem a sensação de estar perdido e uma falta de parceria entre estas duas categorias de professores, pois o efetivo muitas vezes não aceita o trabalho do professor substituto, ou seja, não avalia com notas o trabalho.

[...] Aí, tem que vir o substituto que não tem nada a ver...(Risos) [...] (A7)

[...] Aí, vem o substituto que não tem nada a ver com a história, com a matéria! [...] (A4)

[...] A gente não copia a matéria do substituto! Porque chega: “Quem que deu?” “Ah, professor, foi fulano!” “Ah, mas isso não tem nada a ver com o que eu tô passando, então, eu não vou dar visto!”. Ou seja, a gente fez à toa! [...] (A4)

4ª Categoria: A avaliação dos professores

Os discursos quanto ao sistema de avaliação usado pelos professores é percebido pelos alunos como negligente por parte de alguns. Os alunos disseram que algumas atividades feitas

por eles poderiam ser mais bem valorizadas e aproveitadas nas avaliações. Relataram também que os critérios de avaliação não ficam claros pra eles. Aqui, por exemplo, percebe-se na fala dos alunos que alguns professores não dão conteúdos e conseqüentemente não fazem avaliação da aprendizagem destes conteúdos e sim usam sistemas de avaliação por julgamento do comportamento dos alunos somente.

[...] Eles dão visto de qualquer jeito! Já dão positivo! O famoso positivo [...]
(A4)

[...] E as matérias que você copia, entendeu? Que você põe no caderno, que eles pedem pra você copiar, ele não é consultado pra fechar a nota!...A matéria é só a nota, às vezes, o que acontece é que tem gente que tira mais nota! Mas, se você copiou e o professor não aceitou, você fica com menos nota por causa disso! [...] (A3)

[...] ele dá uma revisão ou dá uma correçãozinha da mesma matéria do outro bimestre! [...] (A5)

[...] Engraçado que, quando ele tá quieto assim, em silêncio, ele tá avaliando a classe! Aí, eu não entendo como ele pode estar avaliando os alunos se ele não está dando a matéria dele! Se for assim... se ele vê por esse lado, de ele estar julgando os alunos, vendo se eles vão passar de ano pela personalidade deles e não comportamento...[...] (A6)

[...] Então, meu professor de Física, ele avalia a gente com o tanto de páginas que você copiou! [...] (A8)

5ª Categoria: Os problemas pessoais dos professores

Esta foi a categoria de maior representatividade e de maior expressão no grupo, pois todos os alunos se manifestaram verbalmente sobre os problemas pessoais dos seus professores. Alguns deles foram explicitados e ditos que são do conhecimento de todos, mas tratados de uma maneira muito fechada e não aberta. O grupo foi unânime ao falar sobre este tema, mas em relação ao problema de um determinado professor às opiniões foram de ataque e defesa. Foi citada a falta de cooperação entre os professores para lidar com estes problemas e o quanto eles acabam interferindo em seu profissionalismo, ao invés do professor se afastar do trabalho para cuidá-los e o fato do professor ser efetivo dar uma proteção para que eles permaneçam no trabalho. Por fim, foi dito que o fato de tal problema estar acontecendo com o professor, seu papel implica que isso seja permitido, mas se o mesmo problema tivesse acontecendo com algum aluno teria uma invasão para que o problema fosse resolvido.

[...] É, tem um professor que vem bêbado!... É pra você ver como a parte pessoal deles influencia muito aqui dentro! [...] (A2)

[...] Como eu falei na entrevista individual... eu falei pra Telma que os professores tavam falando muito do professor F. Tavam criticando muito! Mas ninguém sabe por que... [...] (A4)

[...] Ninguém conhece a vida dele.. [...] (A1)

[...] Ele... Ele é um doente! Ao invés das pessoas tratarem ele, se preocuparem com o problema dele, não! Tem professor que fica no corredor falando que é bêbado! [...] (A4)

[...] a escola tinha que afastar ele, já que ele não tem condições pra... [...] (A5)

[...] Só tem um detalhe: não pode afastar ele porque ele é concursado e é da casa! [...] (A3)

[...] a gente não estamos nem aqui julgando, mas a gente tá falando da parte pessoal de cada um! O que a gente tá querendo dizer é o seguinte: que ele já é uma parte que a vida pessoal dele acaba influenciando na escola! [...] (A1)

[...] eu vejo que o lado profissional dele acaba influenciando, ele por ser professor, ele pode! Agora, se fosse um aluno nessa situação, não poderia, entendeu? [...] (A6)

[...] É difícil! Mas eu acho que se ele fosse um aluno, acho que ele seria mais ajudado do que no cargo de professor! [...] (A1)

6ª Categoria: O abuso de poder dos professores

Esta categoria reuniu as percepções dos alunos nas quais eles denunciam o abuso que os professores fazem no exercício de um poder que é legitimado pela instituição escolar. Segundo eles, os professores sempre acabam tendo razão e a única forma que eles encontraram de enfrentarem esta situação foi o protesto. Os alunos citaram também sugestões para organizações deles mesmos, para reivindicarem seus direitos e que o representante de sala é um elemento-chave para que a mudança aconteça, apesar das falhas que ainda existem na atitude destes representantes.

[...] Aí, chega na diretoria, sempre quem tá errado são os alunos!... Nunca, nunca são os professores! [...] (A9)

[...] Apesar de tudo, aconteça o que acontecer, eles tem o privilégio! [...] (A6)

[...] Por causa também que a gente recebia os professores substitutos e as professoras não aceitavam a matéria! Então, a gente não ia, não ficava na sala! Então, aí, criou a maior polêmica nisso! Então, eles pedem pra a gente aceitar os professores eventuais no lugar dos outros! [...] (A7)

[...] É de sala pra sala! Se vocês pegar entre vocês, se reunir entre vocês, tirar um representante da sala entendeu? E por pra funcionar... Porque assim que a diretoria retomar os seus direitos, as coisas mudam! [...] (A3)

[...] Mas, é diferente! Aqui na escola é estranho, porque não aonde eu estudava, o representante tinha... tipo assim, reunia todo final do bimestre pra conversar, pra ver o que tava errado! Aqui, ô! Os caras, os representantes da minha sala, ninguém chamou, ninguém falou nada! [...] (A5)

[...] Eles falam com os representantes só na hora que solta algum pepino na sala! [...] (A7)

[...] Primeiro, a votação é uma... gente desculpe falar, mas é uma b...! Porque tipo, é tudo por amizade! Por exemplo, eu tenho poucas amizades dentro da sala, sabe quantos votos eu tive? Três! E nisso, foi dos meninos que acham eu bonita, porque nem amizade comigo eles têm! [...] (A2)

[...] Serve pra ir lá e falar com a diretora sobre os professores! Pra ajudar a sala e não o professor! Pra ajudar os alunos! [...] (A1)

7ª Categoria: A influência da escola, direção e coordenação sobre o professor

A diretora também é um elemento-chave e de muita influência sobre os professores, em aspectos pessoais de suas vidas, que lhes dão determinado poder, até em suas atitudes para com eles. Os alunos também disseram que percebem brigas entre os professores, coordenadores e diretores por disputas de cargos e isso acaba influenciando na vida escolar deles. Ainda sobre a diretora, os alunos colocaram que esta concebe os alunos de forma generalizada e estereotipada e os alunos acabam aceitando a tratamento que lhes é dado pela diretora, fazendo com que isso seja um reforço para que ela continue os tratando assim.

[...] Só porque o namorado dela é investigador! Não, ela só anda do lado do namorado dela, né? Vê se ela sai xingando todo mundo da sala de aula sozinha?! [...] (A1)

[...] Acho assim que ela não poderia sair na escola inteirinha xingando os outros de traficante! [...] (A7)

[...] Isso! Porque por causa de dois votos, ela não ganhou o cargo dele! Então, ela fica inventando moda pra poder tirar ele da escola! O ano passado, quase que caiu na conversa dela, porque eles tavam fazendo de tudo pra tirar ele! Mas, eu vi! [...] (A3)

[...] Mas, eu acho assim: se a diretora falta com respeito com a gente! Se os professores faltam, é porque a gente aceita também! Porque se todo mundo fizesse alguma coisa, todo mundo junto... não seria assim! [...] (A5)

[...] Pra você ver! Se o coordenador já é assim, o que você vai esperar do professor? É igual os pais: se os pais são assim, o que esperar do filho? A não ser que ele tenha cabeça pra não seguir a mesma coisa? [...] (A4)

[...] Só que é o seguinte: na frente um do outro, eles são uma maravilha!...A amizade daquele jeito! Daí, nas costas, os professores quer tirar coordenador, coordenador quer tirar professor! [...] (A7)

8ª Categoria: As diferenças de tratamento dos professores nas diversas turmas

Nesta categoria ficaram explícitas, nas participações dos alunos no grupo de discussão, as diferenças de tratamento que os professores têm em relação as suas turmas. Como o grupo foi formado por alunos de classes diferentes, foi possível perceber o quanto as percepções sobre um mesmo professor é diferente em cada turma, pois cada aluno se referia a ele de uma maneira diferente. Apareceram ainda mudanças de atitude em relação à turma de um único professor durante o decorrer do ano.

[...] Eu acho que, na nossa sala, ela é uma ótima professora! É uma ótima, ela não tem problema com ninguém!...Então, pra gente ela foi boa, só que pra vocês, ela é ruim! A gente não sabe o que acontece... [...] (A4)

[...] E eu acho assim: como professora, se ela tem que cobrar os alunos, é muito difícil ela levar pra direção! Ela resolve dentro da sala os problemas dela! Ela não leva pra direção de jeito nenhum! Eu acho ela uma boa professora! [...] (A5)

[...] É o seguinte: com a gente, no começo do ano, ela era uma ótima professora! Só que assim, depois do meio do ano, começou essa coisa de formatura e vai... ela não tá ligando mais pra aula! Ela senta lá, fica vendo negócio de formatura e acabou! [...] (A7)

9ª Categoria: Os aspectos pessoais dos alunos como fator de dificuldade para o desenvolvimento da turma e da escola

Nesta categoria os alunos trouxeram que estes aspectos pessoais seriam comportamentos delinqüentes de alguns alunos, mas que tem uma repercussão enorme dentro da escola. Segundo eles, tais alunos fazem isso pra chamar atenção e para confrontar.

[...] Tah, mas esse W., um exemplo dele: ele trazia bebida alcoólica, um monte de coisas! Atrapalhava, lógico! Ou, chamava maior atenção, gente! Ou! Aí, ele atrapalhava os aluno, entendeu? [...] (A5)

[...] Quer ver? Ó que interessante: o banheiro dos homens! Se você ficar, na hora do recreio, cinco minutos lá dentro parado, você chapa por tabela! Você chapa por tabela! [...] (A3)

[...] Não só os professores trazem a vida pessoal pra dentro da escola! Os alunos também! Esses alunos que fumam! Gente! Quem não fuma não tem nada a ver ficar... [...] (A2)

[...] Igual, eu tinha amizade com a R., nada a ver! Mas eu achava assim: quando eu tava na sala, atrapalhava o rendimento sim! Porque muitas vezes, você tá prestando a atenção, de repente os outros começam a fazer palhaçada! O professor deixa de te explicar pra chamar a atenção! E isso atrapalha! [...] (A5)

[...] Gente, esses meninos que soltam bomba! Eles soltam zoando a diretora, vamos supor, porque muitas vezes que soltam e pra zoar a diretora! [...] (A2)

[...] Mas, sabe o que eu acho porque os alunos fazem isso? Porque é o jeito... [...] (A5)

[...] Pra chamar a atenção!...De confrontar! [...] (A1)

10ª Categoria: A carga horária excessiva dos professores

Nesta categoria os alunos trazem suas concepções a respeito da vida dos professores quanto sua carga horária maçante de ter que pegar uma quantidade enorme de aulas e trabalhar nos três períodos. Foram feitas comparações entre eles, os alunos e os professores no sentido de que os alunos também trabalham o dia todo e estudam à noite e de não poderem se expressar nem no trabalho, por causa do padrão, e nem na escola, por terem que ficar “quietos”.

[...] Ter um pouco de também dar aula de manhã, de tarde e de noite! [...]
(A8)

[...] Eu acho errado! Porque a gente também trabalha e estuda! A gente também tem nossos direitos entendeu? [...] (A2)

[...] Tá! A gente tem padrão, a gente tem que sentar e ficar quieto, é bem pior! [...] (A5)

[...] Eu falo que é complicado isso porque eu era professor de informática. Eu tinha que dar aula de manhã, de tarde e de noite! Eu sei que é dar aula de manhã, de tarde e de noite! Eu sei o que é você agüentar um pirralho enchendo sua cabeça! Ou você agüentar um cara de 48 anos fazendo uma pergunta idiota! Mas, eu não ponho culpa nisso não! [...] (A4)

11ª categoria: O modo como os professores lidam com seus problemas pessoais

Na concepção dos alunos os professores poderiam ser mais amigos dos alunos e dividirem os seus problemas com eles. Quando o grupo trouxe essa questão de dividir os problemas, o aluno A7 chamou a atenção que os professores precisam saber dividir os problemas e não descarregá-los, pois existem professores que vivem se lamentando para os alunos. E o que acontece também é que os professores descontam os seus problemas nos alunos e estes ainda são obrigados a ficarem quietos. Mais uma vez os alunos se comparam aos professores dizendo também ter problemas e não “descontar”. Foi trazido também que o fator “saber” existentes nos professores lhes dão certa arrogância e quando estes passam por problemas pessoais, é muito difícil admitirem que estejam frágeis.

[...] Se os professores fossem mais amigos, eu acho que dava! Porque a gente, quando tá com problema, a gente divide!... Mas não, eles querem se mostrar... um ser mais do que o outro na verdade! Mas, se fossem amigos, dava pra dividir! [...] (A1)

[...] Eu tenho dia duro todos os dias,... E nem por isso, se eu venho de noite, ainda, pelo contrário! Venho com disposição, brinco, às vezes, a pessoa nem

sabe do meu problema, mas, eu brinco pra não descontar nos outros! Ou fico quieta no meu canto! Mas, nunca eu venho e desconto! [...] (A5)

[...] É o famoso tradicionalismo, os alunos você não... os alunos levam pra casa porque: o professor desconta no aluno, o aluno é obrigado a ficar quieto, ainda fazer tudo o que ele fala! [...] (A4)

[...] Eles são assim: eles tão ali, eles acham que tão pra ajudar a gente! Entendeu? Eles acham que só porque eles estudaram mais, eles sabem mais do que a gente em termos pessoal! Essas coisas também entendeu? [...] (A7)

[...] Então, gente! Eu acho que seria bem mais fácil se os professores, ao invés de chegar estressados, descontando os problemas na gente, não seria melhor chegar então e dizer: gente hoje eu não tô bem! Eu vou dar a minha aula, eu gostaria que vocês me respeitassem porque eu tô passando... gente! Seria gente! Seria tão mais fácil! [...] (A2)

[...] Ela começa a aula, ela só fala assim: “Ó, não tô bem e tal!”, só que ela fala: “Não tô bem!”. Fala um problema! Daqui a cinco minutos, ela fala: “Ah, eu tô com outro problema!”. E fica a aula inteira falando a gente não agüenta! [...] (A7)

12ª Categoria: Os aspectos profissionais de meus professores

Os alunos deixaram transparecer em suas falas que os aspectos profissionais dos professores não mudam, que seus professores não se reciclam, não trazem novidades e não se atualizam, além de serem incapazes para darem aulas, colocam toda a responsabilidade do aprendizado no aluno. Trouxeram também sugestões para os professores, que estes poderiam relacionar mais o conteúdo com o cotidiano e a vida e, na concepção deles, os professores deveriam ser cobrados, pois se fossem, teriam mais respeito e as aulas seriam mais produtivas.

[...] Mas tem muito aluno, sinceramente! Eu falo: que na qualidade, é muito mais inteligente que muito professor por aí! Professor não recicla! Professor fica naquela coisa... [...] (A4)

[...] Eu acho que os professor de história e geografia, eles também não trazem muita novidade! Igual o que acontece! Aí fora, vai muito o que é atual também! [...] (A5)

[...] Eu tive um professor que fazia o seguinte: ele passava alguma coisa, ele falava: “Da sua casa até aqui na escola, aconteceu uma história!”, entendeu? [...] (A7)

*[...] Nem capacidade pra dar aula! Eu acho que muitos deles estão incapaz!
[...] (A3)*

*[...] além de ter muito mais respeito, ia ter muito mais produtividade nas aulas do que agora!... Porque se a diretora não cobra dos professores gente
[...] (A2)*

[...] O professor também tem muito de falar assim: “Vocês não aprendem porque vocês não querem! Porque o ensino é o mesmo da escola particular!”. [...] (A8)

13ª Categoria: A falta de estrutura física como influência no profissionalismo dos professores

O fato da escola não ter uma estrutura para os professores darem uma aula “bacana” poderia influenciar no seu profissionalismo, mas do ponto de vista da aluna A4 os professores não se esforçam pra conseguir uma estrutura que leve os alunos a aprenderem mais. Foi lembrado de um projeto do Estado que hoje não existe mais: a “sala ambiente”. E esta foi referida como facilitadora do aprendizado. Também foi trazido que a escola possui espaços interessantes como os laboratórios de ciências e biologia, porém não são freqüentados, além da verba da escola ser gasta em benefício pessoal da direção e professores. Por fim foi trazido pelo aluno A9 que a direção não sabe administrar.

[...] eu acho e levo muito pra essa questão do profissionalismo... porque não é muito exatamente do jeito que deveria ser, porque os professores não têm uma estrutura aqui dentro!... não tem um capital pra eles darem uma aula bacana, [...] (A2)

[...] Só vê se eles se esforçam pra isso! Ninguém! Nenhum professor! Não é abrindo exceção! É nenhum, [...] (A4)

[...] Mas, aprender como? Porque eu estudei ali no E... no Estado, né, mas tudo bem! Mas, lá, igual, tem as salas de tudo. Tipo, matemática é uma sala: tem tudo coisas de matemática! É sala de Geografia? Tem tudo os mapas! É artes? Tem tudo... [...] (A5)

[...] Não, vou fazer uma pergunta: alguém aqui já teve aula de ciências no laboratório? Ou de biologia? [...] (A3)

[...] Então, cadê o profissionalismo dos professores de ciências e biologia? Cadê? [...] (A2)

[...] vocês sabem onde é que a escola gastou sete mil reais?... Na sala de cinema! ...Ela comprou uma TV de 29', comprou um DVD, trocou as cadeiras, pintou a sala inteira, aqui, aqui! Ela já mandou colocar as luzinhas igual de cinema e pra... Eu acho que de fim de semana, eles devem vim! [...] (A3)

[...] Porque falta... a diretora! Tudo começa nela, igual eu falei na entrevista... tudo começa na diretora! É falta de saber administrar a escola! [...] (A9)

14ª Categoria: As queixas dos alunos sobre a escola

Durante a discussão grupal, os alunos abordaram também uma dimensão maior, que é a escola como influenciadora dos professores, mas na escola como um todo falta profissionalismo, educação, disciplina e organização, e, para eles, a direção e a inspeção são os responsáveis por essa falta. Em relação à direção disseram que faltam autoridade e respeito, chegando ao ponto de pedir pra que alunos interfiram em problemas de difícil resolução. Outro ponto que a diretora faz, e que parece incomodar os alunos, é sua comparação da escola com outras escolas. Quanto à escola, eles afirmaram que esta é a responsável pela motivação dos alunos em frequentá-la. E, por fim, trouxeram uma dimensão ainda maior que é o setor público e a crença de que tudo que é público é ruim.

[...] o que tá faltando mesmo, pelo menos aqui no G., é profissionalismo, educação e disciplina! Principalmente, organização na parte da direção, da inspeção [...] (A6)

[...] Porque se os meninos tão fazendo bagunça, ela vai lá na sala chamar ele pra ele interferir! Por quê? Não é que ele manda na escola! O pessoal respeita ele!... Ou seja, ela não tem autoridade! Ela vai pedir pra um aluno interferir! [...] (A4)

[...] Mostra que ela não tem respeito! [...] (A7)

[...] Tudo, ela compara o G. com o O.! Porque o G. tem que te a beleza do O.! [...] (A1)

[...] Mas, sabe o que eu acho? Que por parte de tudo da Prefeitura assim, tudo o que vem desses cargos assim, já vem errado! Igual, a saúde nossa, mudando de assunto! [...] (A5)

[...] Gente, eu não tenho ânimo de vir pra escola! Eu nunca tive isso! Quando eu quis vir estudar nessa escola, além de ser à noite, tudo, ela já falava: “Ixi, é uma zona! Porque ninguém quer saber de nada, a maioria!” [...] (A2).

15ª Categoria: Os bons professores

Foi trazido, por alguns alunos, no grupo o exemplo de um professor considerado bom, suas características, o que ele faz para chamar atenção para ensinar, o fato dele não fazer diferença entre os alunos, transformar as dificuldades em brincadeiras, saber dar aula tendo um jeito próprio de fazer isso, cativando e sabendo conduzir o aluno a sua aula, além de dar aulas em outras escolas de ensino particular e não faltar às aulas. Estes alunos trouxeram que tal professor possui os requisitos que os alunos gostam em um professor.

[...] Eu tenho um exemplo bom, sabe? Tem o professor de inglês! Ele é meio doidão! Mas, por que ele é meio doidão? Pra poder chamar a atenção dos alunos! [...] (A3)

[...] É! A gente tinha um professor era assim que a galera gostava! [...] (A4)

[...] Pra você ver o profissionalismo de professor, tem o professor que tem o jeito dele de dar aula! Ele tem o jeito próprio dele! Ele cativa! Ele sabe como te conduzir, te induzir à aula dele! [...] (A2)

[...] Não faz diferença entre você e fulano, entendeu? Ele trata você igual ao fulano, entendeu?...Ele dá aula em escola particular! [...] (A3)

[...] E vem todas as aulas pra dar aula! [...] (A5)

[...] Ele tava atrasado, chegou e falou: “Cheguei aqui na minha D-20!”, eu falei: “D-20?”, “É! De 20 anos atrás! Me deu um trabalho pra chegar aqui! Mas, eu vim viu gente! Então, vamos ter aula! [...] (A3)

[...] Ele chega brincando, fazendo piada! [...] (A7)

16ª Categoria: O horário exigido pela escola

A instituição escolar é muito rigorosa em relação a horários e a maneira como seus atores lidam com isso, na concepção dos alunos, é a de que não existe uma relação de igualdade de tratamento em relação ao atraso, pois os alunos aceitam quando os professores

chegam atrasados, porém estes não aceitam quando os alunos chegam atrasados. E os alunos quando chegam atrasados, seja por dificuldades reais, sempre têm o motivo do atraso interpretado como algo “errado” que o aluno estava fazendo.

[...] É que a gente aceita os professores chegando atrasados! E eles não aceitam a gente chegar atrasados por causa do serviço! Te deixa falta, te coloca fora da sala! [...] (A2)

[...] Foi um dia atrás... porque eu cheguei atrasada! Eu vim de ônibus e tal! Aí, ela olhou pra mim e falou que se eu tava atrasada é porque alguma coisa de errada eu tava fazendo! Aí, eu olhei pra ela e falei: “Eu creio que uma pessoa, em sua consciência jamais viria pra escola se quisesse fazer alguma coisa errada!”. [...] (A6)

17ª Categoria: Os problemas de relacionamento entre os professores e direção envolvendo os alunos.

Essa questão diz respeito ao conflito que existe entre alguns professores e a direção nessa instituição, tal como colocado pelos alunos, no grupo de discussão, então estes professores têm interesse em prejudicar a escola, com isso eles dão poder aos alunos e abrem exceção de algumas regras pra eles, com esta intenção, e isso faz com que os alunos percebam que na escola não existe nenhuma autoridade, pois estes professores tiram a autoridade da direção.

[...] É que alguns professores, dão as coisas pros alunos pra prejudicar a escola!...Esse professor que deu a chave, ele falou assim: o dia que a diretora não deixar você sair pra fora, tó a chave e, se você quiser, você vai embora! [...] (A7)

[...] Porque ela falou assim: o dia que a diretora tiver deixando vocês mofando aqui dentro sem ter aula, vocês pegam a chave e vai embora! [...] (A3)

[...] Então, quer dizer que aqui dentro não há autoridade nenhuma! É o que eu acho, não sei vocês! [...] (A2)

[...] Esse professor que deu a chave, ele tirou a autoridade da diretora! [...] (A4)

18ª Categoria: Fatores de resistência à mudança

Durante a discussão grupal os alunos relataram que a mudança é necessária, porém não poderiam contar muito com os outros atores da instituição escolar. Mas, quando perceberam que eles seriam responsáveis por essa mudança, também apresentaram resistências a ela e trouxeram suas concepções de fatores que a impediam, como por exemplo, alguns alunos que estavam no último ano e o período que se encontravam, o final do ano, justificando com a falta de tempo pra mudar a escola. Os alunos trouxeram também que, para quem está terminando o curso ou nesta época do ano, soluções estratégicas acontecem, como fazer um trabalho, simplesmente receber uma nota e ser reprovado somente por faltas.

[...] Sabe assim que se eu não tivesse no terceiro colegial, eu até ia me esforçar pra mudar a escola, mas como já tá acabando... [...] (A4)

[...] É, a gente tem 20 dias de aula sem contar com feriado! [...] (A7)

[...] Pra quem tá acabando, o professor fala: “Você faz esse trabalho e acabou!”. [...] (A1)

[...] Ou nem dá trabalho! “Você tá precisando de um pouquinho de nota, eu vou te dar um pouquinho!” [...] (A7)

[...] E por falta? Eles repetem o pessoal por falta? Tem um aluno na minha classe que tem 46 faltas [...] (A3)

3.3.2 Categorias empíricas e/ou temáticas do Segundo Encontro

Participaram deste encontro nove alunos especificados na tabela nove, abaixo.

Tabela 9 -Legenda referente aos integrantes do grupo focal do 2º Encontro

INTEGRANTES	
Moderador + Auxiliar: (MA)	Moderador - Pesquisador
	Auxiliar-Membro do Grupo de Pesquisa
Aluno 1 (A1)	Aluno do 3E
Aluno 2 (A2)	Aluno do 1E
Aluno 3 (A3)	Aluno do 3TA (2TA, na fase da entrevista)
Aluno 4 (A4)	Aluno do 3E
Aluno 5 (A5)	Aluno do 2G
Aluno 6 (A6)	Aluno do 2G
Aluno 7 (A7)	Aluno do 3TA (2TB, na fase da entrevista)
Aluno 8 (A8)	Aluno do 3F
Aluno 9 (A9)	Aluno do 1TA

O tema proposto neste encontro para facilitar a discussão dos alunos foi o de número três: *O Relacionamento dos Professores com os Alunos*. E as categorias extraídas das análises dos dados foram as seguintes.

1ª Categoria: As características pessoais do professor como influência no seu comportamento

O grupo como um todo se ateve a discutir o quanto o aspecto pessoal influencia no comportamento dos professores com os alunos, o quanto o professor deixa isso transparecer. Mas, os alunos classificam dois tipos de relação: as legais e as desagradáveis, dependendo do tipo de professor, e que dentre eles o mais fácil de relacionar seria o professor amigável, já o professor que não busca envolver o aluno com o conteúdo é o mais difícil. Embora reconheçam existirem essas dificuldades, os alunos demonstraram estar acostumados com os tipos de relacionamento com os quais são tratados, e saberem distingui-los. Situações extremas, onde acontecem agressões verbais, as agressões físicas são contidas pelos alunos, que ficam no seu lugar de aluno, não que isto seja um respeito pelos professores e direção,

isso só acontece se também forem respeitados, pois os professores, em geral, na percepção destes alunos, abusam do seu poder.

[...] Não é nada de outro mundo assim! Envolvendo já... puxando, novamente o lado pessoal deles, que é o que influencia no comportamento deles com a gente, com uns é legal, com outros não! Quer dizer, chega a ser desagradável com alguns!...Então, tem professores que têm aquele lado amigável! Então, é mais fácil ter relacionamento com eles! E tem aqueles q... professor mesmo! Que senta e diz: “Se quer aprender a matéria ta aí, se não quer, que se dane!”. É difícil se relacionar com esse tipo de professor, entendeu? E como nós estamos acostumados com esse tipo, o relacionamento não é uma coisa assim de outro mundo! A gente ta acostumado com isso! A gente já sabe distinguir aqueles que nos tratam, vamos dizer, bem entre aspas e aqueles que nos tratam mal!...Assim, não chega a ser discussão, não chega a ser agressão física! Mas, verbal, às vezes! Mas assim. Pelo menos eu entendo quando o professor não ta legal... [..] (A6)

[...] Muitas vezes, essa parte de agressão física, que se fala, não tem porque os alunos ficam em seu lugar porque eles falam que aqui até tem, às vezes!...Pra você ver o respeito deles com a gente! Porque eu acho assim, a partir do momento que você é respeitado, não tem porque você não respeitar a pessoa, não tem porque você ter tipo, um relacionamento turbulento com a pessoa, tipo, de ser grosseiro! Ou então, de a pessoa falar e você ... [..] (A2)

[...] Eu concordo! Eu concordo porque, o professor, a partir do momento que ele ta dentro da escola, ele tem uma certa autoridade, uma certa prioridade, né? Sempre o aluno é errado, ele não! Então, eu acho que isso já influencia um pouco! [..] (A6)

[...] Ele abusa até do poder! [..] (A4)

[...] É! Ele abusa do poder dele! Ele pode fazer o que quer e nós não! Sendo que todos nós somos iguais! [..] (A6)

2ª Categoria: A discussão entre o professor e o aluno

Na percepção do grupo, quando acontece um embate de idéias entre os professores e os alunos, ou nas palavras usadas por eles um “debate”, a maioria do grupo trouxe que “debater” com o professor não adianta, os alunos podem até se sentir magoados, mas preferem respeitar a opinião dos professores, pois, segundo eles, não compensa estressar e a atitude de “debater” pode até adiantar no momento, mas nos próximos dias tudo volta a ser como antes. Nesta categoria, os alunos trazem a noção de “direito” e a concepção de que eles não são válidos, pois se fossem todos iria usá-los. O que acontece na verdade, para eles, é a desigualdade entre o professor e o aluno, e que o aluno tem uma relação de submissão e dependência dos professores e, principalmente, da diretora, fazendo com que eles se subordinem à autoridade deles. Somente o aluno A3 se opôs a essa percepção sobre os direitos, pois segundo ele, é necessário exercer os direitos, pois se aceitar o abuso de poder, sempre estará passando por isso.

[...] Tem alunos que, por mais que se sente magoado, respeita a opinião do professor porque ele sabe que se debater com o professor, não vai adiantar!... Que é eu indo pra diretoria! É comigo que a diretora vai brigar! Então, não compensa estressar com isso! [...] (A1)

[...] Cada vez que uma pessoa abusa de autoridade com você e você aceita, entendeu? Você vai estar sempre sofrendo esse tipo de coisa! Desde quando você passar a não aceitar e começar a exercer seus direitos, aquela pessoa vai passar a respeitar você! [...] (A3)

[...] Pode até adiantar no momento, mas... nos próximos dias ela vai... [...] (A9)

[...] Vai, no momento, nos primeiros dias: ah, beleza! Passou uma semana, um mês, volta a mesma coisa! [...] (A7)

[...] É, mas se os direitos fossem válidos, todo mundo ia correr atrás, do mesmo jeito! ...É, mas um professor tem muito mais recurso do que um aluno!... É! Porque ela é diretora, e a gente? É que nem o ditado: deus sem a gente é deus! E não adianta nada! Ou seja, ela sem a gente, ela vai ser diretora do mesmo jeito! E a gente sem diretor, não tem escola! E ela sabe, a gente depende dela então, ela faz isso! [...] (A4)

3ª Categoria: A diferença na relação professor-aluno no noturno

A relação entre o professor e o aluno na concepção de alguns alunos do grupo é a de que existe diferença de relacionamento entre os períodos diurno e noturno, então o aspecto período é um influenciador no relacionamento entre eles. Segundo eles o relacionamento na parte da manhã é mais razoável, pela questão da disposição, afetando no ensino, sendo este bem melhor no período em questão. Já no período noturno o relacionamento é bem desagradável, pois alunos e professores trabalharam o dia todo e já estão cansados, sem ânimo e sem atitude. Somente uma aluna se opôs a esta percepção, manifestando que os problemas de relacionamento independem de período. O grupo trouxe também as percepções dos aspectos profissionais dos professores que são afetados por este fator.

[...] É que, pelo menos nesse período, à noite, porque eu já tive a experiência de estudar no diurno! Nesse período, é bem desagradável!... Isso! É desagradável! Porque eu acho que falta ânimo, falta atitude!...Falta vontade! Tanto da parte deles quanto dos alunos que tão cansados, trabalharam o dia todo e tal, você entendeu?... De manhã, o relacionamento já é razoável! Porque eles são dispostos! Olhando o lado humano, né?! De manhã, todo mundo já ta mais disposto, já tem mais vontade, entendeu? Então, são os mesmos professores pros três períodos! De manhã, o ensino não chega a ser excelente, mas comparando com o noturno, é bem melhor! [...] (A6)

[...] Aconteceu de eu perguntar pra um professor... ele explicou a matéria, eu não entendi! Eu virei e falei assim: “Professor, eu não entendi! O senhor pode explicar por favor, de novo, porque eu não entendi!”. Ele virou e falou assim: “Eu expliquei essa matéria hoje o dia inteiro, eu não vou explicar pra você de novo!”. [...] (A2)

[...] Mas, tem professor aqui que dava aula de manhã... ele parou, mas ele dava aula aqui, de manhã e de tarde, e dava lá no M. de noite e, nem por isso, ele maltratava alunos ou era estressado! [...] (A5)

4ª Categoria: O relacionamento dos professores com alunos portadores de necessidades especiais

Na escola onde foi realizada a pesquisa existia uma aluna portadora de deficiência física e que era amiga de alguns membros do grupo, talvez, por isto, os alunos trouxeram suas percepções de como os professores se relacionavam com essa aluna. Foram trazidas pelo grupo as diversas facetas envolvidas no tratamento desta aluna, desencadeando no modo como os professores se relacionavam com a turma toda onde a aluna estava inserida. E por

meio deste exemplo específico eles puderam perceber se os seus professores estavam preparados ou não para lidar com tais alunos.

[...] Porque a gente teve o problema com essa nossa amiga cadeirante! De não poder ir no laboratório de informática porque a professora falava: “Nós não vamos porque não tem como subir a L.! Nós não vamos ao teatro porque não tem como subir a L.! Nós não vamos...”. Imagina como que é pra ela escutar que uma sala inteira não vai fazer nada por causa dela!... Isso é do profissionalismo do professor! Tanto é que a gente tinha o professor de História que sempre levava a gente pro teatro! Aí, todo mundo falava: “E a L.?”... ele ia lá e chamava mais ou menos uns sete meninos pra carregar ela pra cima! [...] (A1)

[...] Você acha, que é profissionalismo? Acho que a gente não sabe nem lidar com pessoas... normal, né? Com pessoas normais, perfeitas, né, fisicamente como nós somos! Se a pessoa não tem estrutura nem pra lidar com um deficiente físico, o que ta fazendo dando aula? [...] (A4)

5ª Categoria: As opiniões dos alunos não são respeitadas pelos professores

Na percepção da aluna A1 esta categoria temática é expressa em toda a sua concretude, ou seja, ela aponta que é muito difícil suportar se o professor não souber respeitar a opinião dos alunos. Em seguida a aluna A5 se opõe à posição de A1, manifestando que os professores são assim porque os alunos aceitam, pois se os alunos não tivessem medo do professor e o enfrentassem isso seria diferente. A5 resgatou o aspecto humano do professor na tentativa de manifestar o porquê não se deve ter medo do professor.

*[...] Então, fica difícil, se o professor não souber respeitar a nossa opinião!
[...] (A1)*

[...] Mas, muitas vezes, é porque a gente aceita também, eu acho! Ai, sei lá! Igual vocês falam que não tem como fazer diferença! Lógico que tem, gente! A gente é maioria, gente! Se todo mundo concordasse, se todo mundo enfrentasse, tivesse uma opinião certa! Mas, não! Tipo: vai lá e... “Não, eu vou lá te ajudar!”...então, tem que ter medo do professor! Não adianta reclamar, não adianta... É ser humano igual a gente! [...] (A5)

6ª Categoria: O entendimento entre os alunos e os professores

Este tema parece ter surgido em resposta à intervenção da moderadora, quando esta perguntou “se os alunos entendiam as atitudes do relacionamento dos professores com eles?”.

A aluna A2 manifestou que os alunos entendem os professores, porém estes não entendem os alunos, além de pensarem que os alunos têm que aceitar as coisas como elas são. O aluno A3 questiona que os alunos têm que entender os professores, porque então, estes não podem entender os alunos? A3 apontou também um professor considerado por ele como um professor que entende os alunos, além de tratá-los com paciência.

[...] É o que a gente falou aqui: a gente entende! Mas, o que acontece: eles não entendem o nosso lado! Eles acham que a gente tem que aceitar! [...]
(A2)

[...] Ah, como? Nós tem que entender eles? Eles não podem entender a gente?... eu tava falando, né, o professor de português tenta entender os alunos, ele trata os alunos, vamos dizer assim, devagar, né? Dá aula e consegue fazer as matérias! [...] (A3)

7ª Categoria: O profissionalismo e as características pessoais como fatores da relação professor-aluno

Na percepção do grupo os fatores profissionalismo e características da personalidade precisam andar juntos, estarem em balanço e equilíbrio. Mas segundo A1, na maioria das vezes os professores agem mais com o lado pessoal do que com o profissional. A7 apontou um exemplo de um professor considerado por ele o aspecto pessoal ser visto de maneira positiva.

[...] Tem que andar juntas! ...Em balanço! [...] (A3)

[...] Às vezes, eles agem mais com o lado pessoal do que profissional! A maioria das vezes! Tem uns que, quando vai pro lado pessoal, acaba criticando. Depende [...] (A1)

[...] Que, por exemplo, o professor C. ele mesmo assim é mais brincalhão, uma pessoa mais extrovertida, ele consegue ter mais amizades com outras pessoas. Aí, isso daí, nas aulas também! Porque eles sabem como conversar, mas do lado pessoal! Do lado de... é uma coisa...[...] (A7)

8ª Categoria: A mudança de comportamento no professor

O grupo apontou as várias facetas envolvidas nas percepções desta categoria, como o exemplo de um professor que agia de uma forma e mudou o seu comportamento. Disseram também não acreditarem na mudança do professor a partir de uma reclamação de um aluno e

que, na concepção deles, os comportamentos esperados deveriam estar acontecendo desde o início. Além disto, lembram que o fato do aluno ser complicado também pode dificultar a mudança, pois quando ele comunica para o professor onde quer que ele mude e o professor mudar, o aluno ainda continua a reclamar.

[...] O professor de física! Um dia, ele não... ele não fala bom dia pra ninguém! Ele entra dentro da sala dele, começa a apagar a lousa e passar a lição, sabe? Aí, teve um dia que ele chegou, sorriu, falou bom dia! Falou bom dia pras meninas, explicou a matéria! [...] (A1)

[...] Tem professor que não passa nada! Aí, de repente, no dia que ele ta inspirado pra passar... todo mundo reclama que ele não passa nada! O dia que ele chega passando, mal passou meia lousa, os alunos já tão assim: “Ô loco, professor, tudo isso!? Pode parar!”. Ele desiste também, sabe? O aluno deixa o professor confuso, porque um dia ele passa, o aluno já ta reclamando! Já começa a escrever e vai reclamar! No outro dia, não passa nada... [...] (A5)

[...] O professor que deixa o aluno mal acostumado! Porque se ele tivesse passando desde o começo, ninguém ia estar reclamando! [...] (A1)

[...] Ta, mas o professor não passa! O dia que ele passa, a gente tinha que incentivar ele, ficar quieto ou falar! Porque ele ia ver, né, a que gente prestou atenção, que a gente queria aprender! E ele ia passar também de novo! Mas, eles já reclamam! [...] (A5)

3.3.3 Categorias empíricas e/ou temáticas do Terceiro Encontro

Participaram deste encontro seis dos nove alunos que haviam iniciado o grupo, conforme a tabela a seguir.

Tabela 10 - Legenda referente aos integrantes do grupo focal do 3º Encontro

INTEGRANTES	
Moderador (M)	Moderador-Pesquisador
Aluno 1 (A1)	Aluno do 3E
Aluno 3 (A3)	Aluno do 3TA (2TA, na fase da entrevista)
Aluno 4 (A4)	Aluno do 3E
Aluno 5 (A5)	Aluno do 2G
Aluno 8 (A8)	Aluno do 3F
Aluno 9 (A9)	Aluno do 1TA

Neste encontro foi proposto aos alunos, para facilitar a discussão, o tema de número quatro; *O Professor Ideal*. A partir das transcrições e da análise temática de conteúdo do material obtido, foram encontradas as categorias seguintes.

1ª Categoria: As características do professor ideal

Segundo a concepção de alguns membros do grupo, as características de um professor para ser considerado ideal são: *boa aparência* e ser alguém que *respeitasse os alunos*. Mas segundo A4 estes critérios não são considerados para a seleção dos professores, em seguida A5 confirma essa posição apontando que o critério de seleção para ser professor é o aprendizado, pelo que o professor aprendeu é considerado apto ou não para dar aulas.

[...] Precisa de uma professora com boa aparência pra dar aula! [...] (A3)

[...] É concursado, não tem esse negocio de aparência! (Risos) [...] (A4)

[...] Não, se for contar assim por aparência, igual... aqui, o estado faz seleção pelo que aprende, né? Não assim, eu acho que teria que ser uma entrevista... Não, professor ideal: eu acho assim que um professor ideal seria um que respeitasse a gente! Eu acho que não precisa muito pra um professor ser ideal! [...] (A5)

2ª Categoria: As características de um professor não ideal

O grupo como um todo se ateu mais em discutir nesse encontro quais são as características do professor considerado ideal e as do professor que não é considerado ideal. A forma como os alunos agiram, para apontar o professor que não é considerado ideal, foi por meio de um exemplo de um professor real. Eles declararam não gostarem que o professor use termos obscenos em suas aulas, pois isso falta com o respeito, classificando esse gesto do professor como baixo. Os alunos não gostam também que o professor use justificativas pessoais pela maneira de ser e atuar. Por fim, segundo eles, é preciso que o professor, até para que seja diferente, possua um limite.

[...] Você lembra o que ele falou pra gente?...Olha só o absurdo! Um professor falar uma coisa dessas! [...] (A4)

[...] Mas, o cara, pra ser homem e falar uma besteira dessa, o cara perdeu a noção é burro! ...o cara tem que pensar duas vezes! Ele falou duas

besteiras! Duas besteiras! Faltou com respeito e falou uma besteira mais absurda ainda! [...] (A3)

[...] Acho que a vida dele... Ele foi abandonado, aí, ele foi criado num orfanato! Aí, depois, ele começou a morar na rua, né? [...] (A1)

[...] Isso daí é uma desculpa onde se apoiar [...] (A3)

[...] Ele queria ser o professor diferente, porque ele não levava caderneta! Não passava lição na lousa e nem nada! Só falava e falava pra gente fazer o resumo do que ele falou! No recreio, ele ficava com os alunos, almoçava com os alunos! [...] (A1)

3ª Categoria: O professor considerado ideal

Num segundo momento, o grupo voltou a discutir quais seriam as características do professor considerado ideal, só que dessa vez por meio de um exemplo de um professor real que é considerado ideal. Segundo os alunos, o professor ideal tem um relacionamento próximo e amigável com os alunos, mas sem exagero, de uma forma educada e humilde. Este professor, por exemplo, tem um envolvimento pessoal com a disciplina que ministra, deixando os aspectos pessoais fluírem na disciplina de uma forma educativa; dando exemplos de sua vida pessoal que ele julgava ser necessário pra vida dos alunos, estabelecendo com eles uma intimidade, mas sem invadir. Ele problematizava fatos do cotidiano dos alunos e da vida em sociedade e transformava isso em ações pedagógicas de resolução de problemas e busca de direitos, vivenciando a verdadeira aula de cidadania.

[...] ele publicou no jornal da nossa amiga cadeirante, né, que a gente fez, no jornal!... Ver se a escola estava preparada... [...] (A1)

[...] Na verdade, nós que pesquisamos a coluna pra ele, né? Nós montamos um grupo, estudamos sobre o assunto... Tivemos reunião com os alunos! Aí, ele montou a coluna! Mas, na verdade, foi a gente que pesquisou mais sobre o assunto, né? Então, a gente fez isso e ele pôs na coluna!... Não tinha aquele exagero! Ele era uma pessoa extremamente educada... Humilde!... Muito humilde!... Ta na vida dele! e ele contava a história da vida dele pra gente! Também por que? Porque ele contava como ele se preocupava com o filho dele! Como ele achava que nossos pais deveriam se preocupar com a gente! Sabe? Ele entrava até na vida íntima dos alunos, mas sem invadir, sabe? No sentido figurado, ele pedia licença pra entrar na sua vida... ele era/é! É extremamente cavalheiro! [...] (A4)

4ª Categoria: O cumprimentar o aluno como condição para ser professor ideal

Esta categoria revela o quanto os alunos valorizam o fato de o professor cumprimentar o aluno e isso ser critério para o professor ser considerado ideal. Os alunos apontaram exemplos de professores que cumprimentam ou não os alunos. Porém a aluna A5 se opôs, ao considerar que exemplos de professores que foram apontados por não cumprimentar a cumprimentam.

[...] Eu acho assim, na minha opinião, o professor de química ta conseguindo ser um professor ideal!...Eu gosto dele! Porque, lembra quando você tava passando na avenida e ele começou a buzinar pra você, falar oi? [...] (A1)

[...] Quem nem olha na cara é o professor de matemática! Ele passa, te reconhece, mas não olha na sua cara! [...] (A8)

[...] Não, problema eu não tenho com professor não! Eu já encontrei com ela na rua, ela me fala oi! O professor de matemática, ele me encontrou! [...] (A5)

5ª Categoria: Mudar as aulas como condição de ser professor ideal

O grupo apontou que mudar as aulas também é condição para ser professor ideal, apontaram que alguns professores reais não mudam, sendo que todo dia é igual: passam a lição e explicam. Apontaram exemplos de professores reais que gostam de sair da sala e pensam em utilizar outros espaços da escola com mais frequência. Outros professores que já haviam sido citados, durante a discussão grupal, como professores ideais foram retomados e apontados como professores que mudam suas aulas. Por fim, metodologias diferentes foram trazidas pelo grupo e professores que as aplicam.

[...] O professor ideal também pode mudar um pouco as aulas também, né? Porque fica sempre na mesma! Tem professor que muda, agora, tem professor que fica sempre na mesma! Chegou, passou a lição, explicou, senta! Aí, no outro dia é mesma coisa, no outro dia é mesma coisa! Aí, os alunos vai meio que cansando! A professora de português no ano passado, ela mesma falava que adorava que saia pra fora porque ela falava que de manhã, de tarde e de noite, ela não fazia outra coisa! Porque não podia... esse ano que qu vim nessa sala de informática! Eu nunca tinha vindo! É... sala de vídeo também não trazia, no ano passado! Esse ano também, por isso que reformou! Então, eu acho que deveria mudar também um pouquinho as aulas! Fazer alguma coisa pra cativar os alunos! Porque ficar na mesma coisa... [...] (A8)

[...] Que nem, por exemplo: vai ter uma coisa diferente, por exemplo: o professor J.! Uma vez, nós sentamos debaixo da árvore. A árvore que tem ali embaixo no pátio! Sentamos embaixo da árvore, e ele fez três perguntas e eram perguntas pessoais! E a gente tinha que responder a essas perguntas! É... quem era a pessoa perfeita pra gente? Como nós avaliamos nossos pais e como nós classificamos nossas vidas! [...] (A4)

[...] Ah, tinha um professor de física o ano passado, o O.! Ele não fazia isso com a gente, mas ele pegava a outra sala e ele levava assim pra medir o tamanho da parede, o corredor como é que era! [...] (A1)

6ª Categoria: A importância do contato fora da escola

Esta categoria apontou o quanto alguns membros do grupo valorizam o contato com os professores fora da escola e que isto é condição também para ser considerado um professor ideal. Alguns alunos apontaram exemplos de professores que jogam bola com os alunos e isso acabava fazendo com que os professores conseguissem o respeito dos alunos e outra professora que acolheu uma aluna em sua casa para estudar e prepará-la para um Exame. Somente a aluna A5 se opôs a esta posição, apontando que o importante seria a mudança dentro da escola.

[...] Além de ter esse contato com os alunos na escola, lá perto de casa, tem a quadra onde o nosso amigo jogava, o C.! E ele joga bola com os meninos lá até hoje!... [...] (A4)

[...] Aquilo era muito legal pra gente, sabe?... [...] (A1)

[...] e pro ENEM, aqui na escola, eu não estudei nada, com nenhum professor! E eu fui estudar na casa dela! No sábado! Porque o ENEM foi no domingo! No sábado, eu fui na casa dela, almocei na casa dela, fiquei o dia inteiro estudando! Ou seja, teve uma questão até pessoal, sabe? É complicado você escutar um aluno que foi almoçar na casa do professor! que vai pra shopping com professor! [...] (A4)

[...] Assim, o professor ideal pra mim não precisava me cumprimentar, igual elas falam, fora da sala! Assim, fora, aqui fora! Olhar ou não olhar! O importante seria aqui dentro da escola na verdade! Não lá fora! Lá fora, nem precisava olhar pra minha cara! E acho que aqui dentro teria que mudar, não lá fora! [...] (A5)

7ª Categoria: Os aspectos profissionais do professor ideal

A aluna A5 apontou uma série de fatores ligados aos aspectos profissionais que os professores teriam que ter pra ser considerado ideal, são eles: trazer “coisas” novas, aproveitar melhor o tempo na escola com o que é veiculado nos jornais na atualidade, aprender conteúdo referente ao vestibular e aproveitar melhor os equipamentos existentes na escola, como laboratório, sala de vídeo, sala de informática, de ciências e biblioteca.

[...] tinha que respeitar a gente! Pelo menos o meu professor, eu queria que ele me respeitasse, que ele trouxesse coisas novas!... Eu, pelo menos, não tenho tempo de assistir o jornal e ver o que ta passando! Muita coisa eu não sei! Não tenho tempo! Às vezes, eu leio um jornal, mas eu não tenho tempo de ficar prestando a atenção! E eu acho que na escola é tempo de aprender, né? E muita coisa cai em faculdades... mas, a gente só aprende a mesma coisa todo ano em história! Eu acho que não é assim! Em geografia, ah, sei lá! Podia levar a gente pro laboratório que tem aqui! Tem tudo, mas, ao mesmo tempo, não tem nada! Que nem, na sala de vídeo, eu fui uma vez! Antes de reformar! Eu não fui! ...Sala de informática, eu nunca fui! De ciências, também nunca! Na biblioteca, eu nem sei o que tem na biblioteca!
 [...] (A5)

8ª Categoria: O conhecimento sobre os alunos como condição de ser professor ideal

Alguns membros do grupo apontaram, mais uma vez, exemplos de professores considerados ideais, só que desta vez destacando a condição de conhecer os alunos. Os exemplos apontados foram: ter um relacionamento amigável com os alunos, conversar assuntos pessoais, ser conselheiro, brincar com os alunos, perceber quando os alunos precisam de ajuda e oferecê-la. Foi apontando um exemplo de um professor que usa a lista de presença para conhecer os alunos.

[...] Ele chegavam brincava, às vezes, ele falava até besteira! Mas, todo mundo aceitava! Porque era todo mundo maior assim! Não é igual aqui aqui tem muita moçada! Lá não, lá tem gente mais velha! Mas, ele falava, ele brincava, ele falava: “Ai, eu vi essa daqui na boate!”, pra descontrair! Entrava alguém, ele brincava!... ele vai de mesa em mesa perguntando: tipo, que número você é? Pra dar presença! Ele não fica falando: “um, dois...”, ele passa pra ver quem é, [...] (A5)

[...] A aula dela não é diferente assim. Ela não tenta mudar a aula dela, ela não muda a aula dela! Eu sei que ela brinca com os alunos dela, dá conselho, às vezes! Assim, o aluno ta passando por alguma dificuldade pessoal, alguma dificuldade fora da escola, ela vai lá e aconselha! Ela senta do lado do aluno... porque ela já chegou a fazer isso comigo! Ela sentou do meu lado e conversou comigo! [...] (A9)

9ª Categoria: Métodos que facilitam a aprendizagem

A maior parte dos integrantes do grupo apontou métodos usados por esses professores considerados ideais que facilitam a aprendizagem, como, por exemplo, o fato de não ficar só na prova e sim que eles relacionam o conteúdo com o dia-a-dia, trazem temas diferentes para aula, pedem a opinião dos alunos nos trabalhos e nas provas, gratifica os trabalhos dos alunos com notas durante o processo e não só nos resultados, participa de temas de interesse dos alunos aproveitando para educar e explicam quantas vezes precisar para que o aluno compreenda. Por fim, os alunos apontaram que o método de “seminário” é um dos que mais facilita a aprendizagem.

[...] Tinha essas coisas não era só prova! Ele tirava do dia a dia! “Ah, você fez tudo isso, você não vai precisar fazer prova!” ele era bem diferente!... Mas, ele é um ótimo professor! Às vezes, ele traz folha dele, ele xeroca folha dele e empresta pra gente estar discutindo coisas diferentes, tipo... mas, não tipo assim: ah, da uma pergunta e responde aqui! Daí, ele dá o trabalho e pede pra você falar o que você achou! Na prova, ele pede! E é engraçado, ele dá uma matéria! Daí, ele começa a passar e pergunta! Às vezes, ele conversa, sabe, coisa pessoal, aconselha! Daí, ele passa de mesa em mesa pra ver quem ta fazendo! E é nessa hora que ele dá o ponto! Ele não dá ponto depois assim! Porque tem muita gente que copia depois, né? Ele não, ele passa de mesa em mesa pra ver quem ta fazendo! Mesmo que esteja errado, o ponto já ta lá, porque tentou! [...] (A5)

[...] O professor J., foi ele que bolou a frase da camisa do 3º D... um menino na nossa sala que já era repetente já... ele amava o professor J.! Ele não respeitava nenhum professor, mas o professor J.... e ele fazia todo mundo calar a boca na sala por causa do professor J.!... e ele falou assim pro L. C.: “Ô, L. C., eu acho que a frase tinha que ser ‘A espera de um 3º Milagre!’”.... “Porque você passou nesse ano por milagre!”,... “Porque fui eu que te passei no conselho!”.... ele participou de uma coisa que todos os alunos estavam discutindo, sabe? Ele descontraiu! Ele puxou a orelha do L. C. e, ao mesmo tempo, brincou! [...] (A4)

[...] Tem vários nomes! Mas, o mais comum é seminário!...tinha muito disso também! Mas, era legal porque assim, a gente aprendia! A gente tinha que pesquisar, fazer os cartazes! [...] (A5)

3.4 Comparação dos resultados obtidos em cada estratégia

Neste item pretende-se fazer a triangulação dos resultados de cada estratégia utilizada para a coleta de dados: questionários, entrevistas individuais e entrevista em grupo focal.

Pretende-se neste momento estabelecer as relações de coincidência entre os resultados de cada estratégia utilizada para a coleta de dados.

Num primeiro momento de aproximação da percepção que estes alunos têm dos seus professores, por meio do questionário, observa-se que a palavra **cuidadosos da aparência** no questionário foi uma das que obteve grande índice de expressão. Em seguida, nas percepções que foram produzidas num contexto de discussão de grupo a característica **boa aparência** é trazida pelos alunos como uma dentre as quais eles consideram ser importante para que um professor possa ser ideal, o que confirma as respostas dadas no questionário, que segundo os alunos a característica **descuidados da aparência** não é considerada para que um professor possa ser ideal. Tal característica não foi modificada pelos alunos durante as etapas da coleta, onde na verdade houve um aprofundamento desta concepção por parte dos alunos. Parecendo que naquela escola, para aquele grupo de alunos participantes da presente pesquisa, estes valorizam tal característica em um professor, e parecendo também que os professores correspondem as expectativas dos alunos mediante essa característica visto que houve um número de respostas significativas quanto à palavra **cuidadosos da aparência** em concordância no questionário.

Outra palavra que obteve significativo índice nas respostas dos alunos, como um aspecto geral da percepção destes sobre seus professores por meio do questionário é que seus professores são **impacientes**, o que confirma suas respostas quando estes discordam que professores para serem ideais sejam **impacientes** e num segundo momento, na entrevista, essa característica aparece de uma forma mais detalhada, por meio de relatos, onde seus professores por vezes nas aulas não têm paciência e perdem o equilíbrio por alguns acontecimentos corriqueiros do cotidiano escolar, ou que não tenham essa paciência em lidar com seus problemas pessoais e fazem da relação com os alunos verdadeiros “escapes” destes problemas, os alunos trouxeram também nos relatos das entrevistas que o ideal seria **O Professor cuidar de seus problemas pessoais**, não deixando que estes interfiram em suas aulas. Em seguida, no contexto do grupo de discussão, esse conteúdo é trazido novamente.

Observa-se também que mesmo que em alguns desses relatos, onde os alunos trouxeram que seus professores perdem o equilíbrio diante de alguns acontecimentos ocasionados na escola, ou por problemas de ordem pessoal, que foram trazidos pelas entrevistas representando, pelo caráter equitativo da amostra, a percepção dos alunos da escola. Na etapa anterior do questionário essa opinião está dividida entre eles, pois se observa que para os alunos respondentes do questionário há um número semelhante entre os que concordaram e os que discordaram sobre a característica **equilibrados emocionalmente**, pode-se notar com isso uma modificação desta percepção ao longo da coleta. Parecendo que para esta escola, há de se supor que exista divisão de opiniões entre os alunos da escola sobre

essa característica, ou que esta característica possa ser oscilante entre os professores. Mas os alunos são mais unânimes em dizer que gostariam que professores ideais fossem **equilibrados emocionalmente**.

Outra categoria que também evidencia um desejo dos alunos de que seus professores possam ter um equilíbrio emocional ao lidar com aspectos do cotidiano da vida escolar é a categoria **O Professor deixar de ser Autoritário**, onde os alunos relatam que seus professores autoritários tomam atitudes drásticas diante essas situações e que gostariam que seus professores deixassem de ser autoritários, possuindo assim um equilíbrio emocional.

Outra característica que obteve evidência nas respostas dos questionários foi a de que os alunos concordam que seus professores sejam **disciplinados** e reforçam essa percepção no momento em que expressam que gostariam que professores ideais também o fossem. Em seguida, nas entrevistas pode-se perceber que na categoria **A Influência da Escola sobre o Professor**, os alunos trouxeram por meio de seus relatos que a direção dessa escola tem dificuldades de se posicionar frente suas próprias regras, o que configura numa falta de disciplina por parte de um dos atores do contexto escolar e que isto influencia no relacionamento entre alunos e professores. Num outro momento num contexto de grupo de discussão, na categoria **As queixas dos alunos sobre a escola**, os alunos se aprofundam mais ainda nessa percepção de que falta **disciplina** na escola.

Na característica **motivados** esta ficou em evidência quanto as concordâncias dos alunos de que seus professores sejam motivados, confirmando suas repostas em discordâncias de que professores para serem ideais sejam **desmotivados**. Em seguida nas entrevistas, na categoria **O Professor ser Motivador**, os alunos trazem que os professores poderiam saber motivar o aluno, no sentido de incentivar o crescimento dos alunos.

Os alunos discordam que seus professores sejam **maldosos**, apesar de uma quantidade significativa de respostas nos questionários ser de características negativas para seus professores, parece que essas não são no sentido de que estes sejam **maldosos**, em seguida os alunos também discordam que gostariam que professores fossem **maldosos**.

Outra palavra que demonstra no geral a percepção que estes alunos têm de seus professores é a de que eles não são **desorganizados**, discordando também que professores ideais sejam **desorganizados**. Tal característica coincide com as entrevistas por meio da categoria **O Professor ser Organizado ou ter postura profissional**, onde o sentido atribuído pelos alunos neste momento é a de que os alunos desejam que professores tivessem algumas posturas profissionais, que para serem alcançadas exigiriam destes uma organização para atingi-la. Em outro momento, num contexto de discussão grupal na categoria **As queixas dos**

alunos sobre a escola, os alunos trouxeram a dificuldade que alguns membros da instituição de cumprir as regras e que na escola como um todo falta organização.

Outra característica que obteve considerável número de respostas foi que os alunos discordam que seus professores sejam **sem criatividade**, além de concordarem que um professor para ser ideal seja **criativo**. No momento das entrevistas essa criatividade apareceu no discurso dos alunos, não exatamente como uma característica do professor, mas sim na maneira como este se relaciona com o aluno, por exemplo, na categoria **O Professor Amigo**, a amizade foi trazida como uma solução criativa para que outros aspectos fluam e para que os professores obtenham o respeito dos alunos.

A palavra **descansados** também obteve um número expressivo de respostas, por meio do questionário, revelando de uma forma ampla as percepções que esses alunos tem de seus professores. Eles discordam que seus professores sejam **descansados**. No momento das entrevistas, esta característica aparece por meio da categoria **O Rendimento dos Professores**, onde os alunos sinalizam o cansaço dos professores, devido **A Carga horária excessiva dos professores**, que foi outro tema trazido pelos alunos no contexto de grupo de discussão. Os alunos consideram que o fato dos professores terem que atuar nos três períodos, faz com que estes estejam mais cansados no período noturno, principalmente nas últimas aulas que acontecem após o intervalo. Este fator influencia até na relação professor-aluno, e isto é percebido pelos alunos como diferença no tratamento do professor para com o aluno nos diversos períodos, devido ao cansaço, isto fica evidente na categoria **A diferença na relação professor-aluno no noturno**.

A característica **mal-humorados** também está em concordância entre os alunos respondentes do questionário de que seus professores possuem essa característica, e também concordaram que gostariam que professores fossem **bem-humorados**. Essa característica referente ao humor dos professores também foi trazida pelos alunos, na categoria **As Características Pessoais do Professor**, onde os alunos sinalizaram existir entre seus professores, tanto os que são **bem-humorados**, quanto àqueles que são **mal-humorados**. Na categoria **Os Problemas Pessoais do Professor**, também é percebido pelos alunos uma falta de bom-humor entre os professores para lidar com os seus problemas pessoais. Na categoria **O Professor ser mais Humano**, nas entrevistas esta característica aparece como uma dentre as quais o professor precisaria ter para ser um professor ideal, aliadas as características profissionais. E na categoria **O Professor deixar de ser Autoritário**, os alunos trouxeram que gostariam que professores deixassem de ser bravos e mal-humorados.

Os alunos concordaram também que seus professores são **autoritários**. E nas entrevistas, na categoria **As Características Pessoais dos Professores**, essa percepção é aprofundada, quando os alunos a trouxeram novamente sobre seus professores. Na categoria **O Professor deixar de ser Autoritário**, os alunos expressam que gostariam que professores deixassem de ser autoritários. Em seguida no contexto de grupo de discussão nas categorias **O abuso de poder dos professores** e **As características pessoais do professor como influência no seu comportamento**, os alunos trouxeram na primeira o abuso que os professores fazem do exercício de um poder que é legitimado pela instituição escolar, revelando atitudes autoritárias e na segunda os alunos trouxeram terem que se conterem em um dado momento onde existam situações de agressões verbais, não em respeito ao professor, ou por acreditar que este está com a razão e sim por causa desse autoritarismo e do abuso de poder, onde prevalece a razão dos professores.

Os alunos concordaram também que seus professores são **colaboradores** e discordam que professores para serem ideais **não sejam colaboradores**. Nas entrevistas, na categoria **O Professor que dá apoio ao aluno**, esse aspecto da colaboração e da ajuda é percebida pelos alunos como características de alguns de seus professores, sendo que estes o ajudam tanto na vida escolar, quanto na vida pessoal.

A característica **compreensivos está** em concordância entre os alunos de que seus professores tenham essa característica, e eles concordam que professores ideais também sejam **compreensivos**. No momento das entrevistas, na categoria **O Professor que dá apoio ao aluno**, observa-se que na percepção dos alunos desta amostra, alguns de seus professores compreendem de tal maneira os alunos, que é permitido na relação entre eles que se estabeleça uma relação de troca na compreensão. Em seguida no momento do grupo de discussão na categoria **O entendimento entre os alunos e os professores** os alunos manifestaram que seus professores não são compreensivos e que é raro um professor compreendê-los.

A característica **amigáveis** também está entre aquelas em que os alunos concordaram que seus professores são. E os alunos também concordam que professores ideais sejam **amigáveis**. Esta característica foi a que obteve maior expressão em todas as etapas da coleta. Nas entrevistas, em várias categorias ela foi expressa, tais como: **As Características Pessoais do Professor**, **O bom tratamento do Professor para com os alunos**, **O Professor Amigo** e **O Professor ser Amigo**, o que evidencia no caso da primeira que essa característica foi aprofundada no momento das entrevistas, onde os alunos trouxeram que alguns de seus professores possuem tal característica e no que diz respeito ao tratamento que é dado ao

aluno, alguns professores cumprem com êxito a responsabilidade de unir o profissional com amizade no momento de ministrar as aulas, por fim, o professor amigo é aquele que consegue obter a confiança dos alunos. Percebe-se também que mesmo os alunos apontando que seus professores são amigos, eles ainda idealizam que professores sejam amigáveis, o que se pode observar na categoria **O Professor ser Amigo**, onde eles trazem que o bom professor sabe ser rígido e amigável ao mesmo tempo.

Em seguida, no contexto de um grupo de discussão essa característica aparece nas categorias **O modo como os professores lidam com seus problemas pessoais**, **As características pessoais do professor como influência no seu comportamento**, **O professor considerado ideal** e **O conhecimento sobre os alunos como condição de ser professor ideal**. Na primeira a amizade é apontada pelos alunos como uma solução para amenizar os problemas dos professores, não deixando que estes interfiram nas aulas, no sentido que uma amizade entre o professor e o aluno faria com que os professores dividissem os problemas, ao invés de descarregá-los. Na segunda, os alunos trouxeram que o professor amigo é o mais fácil de relacionar. Na terceira, os alunos trouxeram que o professor ideal é aquele que tem um relacionamento próximo e amigável com os alunos. E por fim, na quarta categoria os alunos trouxeram exemplos de professores considerados ideais por eles e de que este tem um relacionamento amigável com eles.

A característica **flexível** dividiu opiniões entre os alunos participantes da pesquisa, no sentido de que alguns deles concordaram que seus professores sejam flexíveis e outros discordaram que eles sejam. No sentido do professor ideal ser **flexível**, os alunos concordaram que este o seja. Nas entrevistas, as categorias **O Professor deixar de ser Autoritário** e **O Professor sair da Rotina**, fica evidente o desejo expresso pelos alunos de que seus professores sejam mais flexíveis, no sentido de que os professores fossem menos rígidos com eles mesmos e saíssem um pouco da rotina, fazendo aulas diferentes.

Em seguida no grupo de discussão a característica flexíveis aparece nas categorias **A mudança de comportamento no professor** e **Mudar as aulas como condição de ser professor ideal**, os alunos trazem na primeira suas impressões sobre as mudanças de comportamento nos professores ao longo da relação e a dificuldade que eles também têm de lidar com estas mudanças, sendo a flexibilidade ao mesmo tempo almejada ou não. E na segunda a flexibilidade é trazida como algo desejado, no sentido de que os alunos gostam quando os professores mudam suas aulas.

Os alunos discordaram que seus professores são **injustos** e discordaram também que gostariam que professores também o fossem. Porém no momento das entrevistas onde estes,

puderam se aprofundar em suas percepções, o sentimento de injustiça foi algo que apareceu muito nos conteúdos das entrevistas, como por exemplo, nas categorias **As Queixas dos Alunos sobre a escola, O Professor Faltoso, O bom Tratamento do Professor para com os alunos e O Professor que dá apoio ao aluno** a primeira os alunos trouxeram a diferença no tratamento em que se beneficia somente alguns alunos na segunda os alunos trouxeram concepções de diferença no tratamento das turmas, no sentido até das faltas do professor, alguns alunos trouxeram que em suas turmas os professores faltam mais do que em outras na terceira foi trazido pelos alunos diferença de tratamento por parte de alguns professores dentro e fora da escola e na quarta foi trazido também por um aluno que a questão da ajuda também é feita baseada em diferenças pelos professores, pois estes só ajudam os “bons” alunos.

Em seguida no grupo de discussão, essa característica apareceu nas categorias **Os bons professores, As diferenças de tratamento dos professores nas diversas turmas, O horário exigido pela escola e A diferença na relação professor-aluno no noturno** a primeira os alunos trouxeram que um professor considerado bom é aquele que não faz diferença entre os alunos na segunda os alunos explicitaram as diferenças de tratamento dos professores entre as suas turmas na terceira a diferença em relação a cumprir os horários, o atraso dos professores era tolerado pela escola e o atraso dos alunos não e por fim na quarta como já foi apontada aqui, a diferença na relação dos professores entre o aluno noturno e o aluno diurno devido ao fator cansaço.

Os alunos também discordaram que seus professores sejam **capazes de controlar a sala de aula**, além de discordarem que professores para serem ideais sejam **incapazes de controlar a sala de aula**. Em seguida, no momento das entrevistas, na categoria **O Professor ser Organizado e ter postura profissional**, os alunos expressam o desejo que professores tivessem alguns aspectos profissionais, dentre eles, saber administrar suas aulas e coordenar o grupo de alunos.

Os alunos também discordaram que seus professores sejam **desrespeitosos**, além de discordarem que professores para serem ideais sejam **desrespeitosos**. Em seguida, nas entrevistas essa característica aparece nas categorias **O Professor Faltoso e O bom Tratamento do Professor para com os alunos** a primeira a atitude de faltar de seus professores, na concepção dos alunos é uma atitude de falta de respeito para com eles e na segunda os alunos revelam a importância dos professores respeitarem os alunos. Em seguida, no contexto do grupo de discussão essa característica foi trazida nas categorias **As opiniões dos alunos não são respeitadas pelos professores, As características do professor ideal e**

As características de um professor não ideal a primeira os alunos apontam o quanto é difícil suportar quando o professor não respeita a opinião dos alunos na segunda os alunos trazem suas concepções quanto as características de um professor ideal como sendo alguém que respeitasse os alunos e na terceira os alunos trazem as características de um professor não ideal, declarando não gostarem que professores faltem com respeito à eles.

A característica **interessados nos alunos** também está em discordância entre os alunos de que seus professores sejam e os alunos concordaram que gostariam que professores fossem **interessados nos alunos**. Em seguida no momento das entrevistas esta característica é aprofundada pelos alunos nas categorias **As Características Pessoais do Professor** e **O conhecimento sobre os alunos** a primeira os alunos trazem que seus professores são interessados nos alunos e na segunda os alunos trouxeram que alguns de seus professores não demonstram interesses por eles.

A característica **mal-remunerados** está em concordância entre os alunos de que seus professores a possuem e os alunos discordaram que gostariam que professores fossem **mal-remunerados**. No momento das entrevistas essa característica aparece na categoria **O Professor e a Profissão**, os alunos trouxeram que o fator do baixo salário não deveria ser uma justificativa para o professor não se dedicar à profissão, visto que foi essa sua escolha.

A característica **impontuais** também está entre aquelas em que os alunos concordem que seus professores a tenha, além de concordarem que professores ideais devem ser **pontuais**. Em seguida no momento do grupo de discussão essa percepção dos professores pelos alunos é aprofundada na categoria **O horário exigido pela escola**, os alunos trouxeram que seus professores atrasam, além de dizerem não existir uma igualdade em relação aos atrasos vindos por parte do professor e do aluno, como já foi apontado acima.

Os alunos concordaram que seus professores sejam **experientes** e discordaram que professores ideais sejam **inexperientes**.

Concordaram também que seus professores são **não planejadores** e concordaram que professores ideais sejam **planejadores**.

Concordaram que seus professores sejam **atualizados**, além de discordarem que professores ideais sejam **desatualizados**. Em seguida, no momento das entrevistas, na categoria **O Professor e o Ensino-Aprendizagem**, os alunos questionaram o fato dos professores ficarem muito presos ao tradicional e não trazerem as inovações e atualizações. Já no contexto do grupo de discussão, nas categorias **Os aspectos profissionais de meus professores** e **Os aspectos profissionais do professor ideal**, na primeira, os alunos trouxeram que seus professores não mudam, não se reciclam e não se atualizam e na segunda

uma aluna trouxe aspectos profissionais que professores teriam que ter para ser considerado ideal, dentre eles, trazer “coisas novas”, como o que é veiculado nos jornais na atualidade, por exemplo.

A característica **críticos** está entre as que tiveram concordância entre os alunos de que seus professores sejam e **não-críticos** está em discordância entre os alunos de que um professor para ser considerado ideal seja.

A característica **incompetentes** está em discordância sobre seus professores possuírem tal característica, e a característica **competentes** está em concordância para que um professor considerado ideal a tenha. Em seguida nas entrevistas, na categoria **O Professor e sua Capacidade**, os alunos trouxeram percepções de incapacidade em alguns professores, o que se faz supor que alguns professores ainda não adquiriram algumas competências e habilidades necessárias à profissão. E no momento do grupo de discussão, na categoria **Os aspectos profissionais de meus professores**, os alunos também trouxeram por meio dos relatos perceberem algumas incapacidades dos professores ao ministrarem suas aulas.

A característica **sem didática** está em discordância entre os alunos de que seus professores sejam, bem como discordaram que professores ideais sejam **sem didática**. No momento das entrevistas, por meio da categoria **O Professor e o Ensino-Aprendizagem**, os alunos trouxeram suas percepções sobre a didática de seus professores, como, por exemplo, explicar bem a matéria.

E por fim os alunos discordaram que seus professores sejam **valorizados** e concordaram que um professor ideal deva ser **valorizado**. Percepções de que esta profissão não é valorizada socialmente foram trazidas em outro momento nas entrevistas, como foi mostrado na categoria **O Professor e a Profissão**.

Com tudo isso foi possível perceber as relações de coincidência que foram estabelecidas entre os resultados de cada estratégia da coleta de dados.

4 DISCUSSÃO

Com o objetivo de investigar as percepções dos alunos do Ensino Médio a respeito de seus professores e os professores que eles gostariam de ter, em relação a três aspectos, as características pessoais e de personalidade destes, o relacionamento entre eles e seus aspectos profissionais, foi possível perceber algumas divergências e convergências com estudos anteriores que buscaram caracterizar o professor real e o ideal.

Na presente pesquisa não se teve a pretensão de traçar um perfil de professores e nem tampouco de professores ideais. Por meio das estratégias utilizadas foi possível obter uma percepção mais geral desta, por meio de um questionário, e, em seguida, seus dinamismos e diversidades revelados por uma elaboração pessoal, nas entrevistas, e também em grupos de discussão.

As convergências eram esperadas, na medida em que os itens do questionário da presente pesquisa foram elaborados a partir dos resultados e conclusões de estudos anteriores sobre o tema.

Na percepção dos alunos do Ensino Médio, participantes deste estudo, sobre as características pessoais e de personalidade de seus professores, estes são **cuidadosos da aparência** e esta é uma característica que eles consideraram importante para um professor ideal. Já nos estudos de Sakai (2000) esta característica foi a considerada menos importante entre alunos e professores universitários ao levantar o perfil do professor eficiente. E nos estudos de Carvalho et al. (2002), as características relativas à apresentação pessoal do bom professor foram consideradas características mais relativas à sua personalidade, do que as de aparência. Parece que na escola pesquisada, os alunos valorizam essa característica em um professor e que seus professores de um modo geral tem atendido a estas expectativas. Tal característica foi tão valorizada nesta pesquisa que os alunos chegaram a questionar até o processo seletivo que ocorre para que algum candidato se torne professor. O fato de se tratar de alunos adolescentes, numa época em que a mídia valoriza tanto a aparência física, talvez possa explicar tais divergências com os estudos com estudantes universitários. Além das diferenças nos instrumentos de coleta de dados.

Os alunos perceberam também que seus professores são **impacientes** e consideraram que um professor para ser ideal não seja impaciente. Nos estudos de Oliveira e Wechsler (2002), Weinstein (1989), Murphy, Delli e Edwards (2004) a característica paciente está entre as que tiveram maior pontuação para ser um professor ideal. No presente estudo ao detalhar

suas percepções sobre esta característica os alunos relataram situações corriqueiras, na qual os professores, por vezes nas aulas perdem a paciência e o equilíbrio ao ter que lidarem com algumas situações do cotidiano escolar, o que confirma ou complementa os estudos feitos pelo Núcleo de Estudos e Violência (2001), onde estes trazem que são muito comuns os casos de discussão entre os alunos e seus professores por meio de sua interação.

Os alunos que participaram desta pesquisa dividiram opiniões a respeito dos seus professores serem **equilibrados emocionalmente**, alguns concordaram e outros não. E nas percepções de que um professor ideal deva ser equilibrado emocionalmente, ocorreu uma concordância maior entre eles. No estudo de Sakai (2000) esta característica foi investigada entre alunos e professores universitários para se levantar o perfil do professor eficiente e esta não foi considerada no perfil traçado pela amostra. Nesta pesquisa, os alunos trouxeram por meio de relatos que seus professores podem perder o equilíbrio quando estão passando por problemas pessoais e que por vezes acabam “descontando” os seus problemas nos alunos.

Nas percepções dos alunos os seus professores são **disciplinados** e consideraram essa característica como importante para um professor ideal. No estudo de Beck (1967), esse aspecto foi analisado e eleito entre outros da percepção de estudantes como um dos aspectos mais valorizados para um professor eficiente. Na presente pesquisa a questão da disciplina foi questionada pelos alunos, mais em relação a outros atores do contexto escolar, e da própria escola, do que diretamente em relação ao professor. Os alunos trouxeram dificuldades de disciplina por parte da escola e não do professor, mas que isso interferia no seu relacionamento com o professor.

Os alunos perceberam também que seus professores são **motivados** e consideram essa característica como importante para um professor ideal. Nos estudos de Oliveira e Wechsler (2002), Trombeta (1997) e Mueller, Roach e Malone (1971) essa característica estava entre as que obtiveram mais pontuações em relação às características do professor ideal. Na presente pesquisa, ao detalhar ainda mais essas percepções, os alunos trouxeram que os seus professores, bem como um professor ideal, deveriam se preocupar em motivar o aluno, no sentido de incentivar o crescimento deles.

Nas percepções dos alunos os seus professores não são **maldosos**, e eles discordaram que essa característica seja considerada para que um professor possa ser ideal. No estudo de Castro (1972), a autora apontou alguns atributos que o professor deve ter e entre estes atributos está o de ser **bondoso**.

Em suas percepções, os alunos trouxeram que seus professores não são **desorganizados** e discordaram que um professor para ser ideal seja desorganizado. No

estudo de Murphy, Delli e Edwards (2004), estes concluíram, dentre as várias características que são importantes para bons professores, a de ser organizado. Na presente pesquisa, ao detalhar ainda mais estas percepções, os alunos trouxeram seu desejo de que professores tenham posturas profissionais que, para serem alcançadas, é necessário que tenham organização.

Nas percepções dos alunos também, estes discordaram que seus professores sejam **sem criatividade** e concordaram que um professor para ser ideal seja criativo. No estudo de Oliveira e Wechsler (2000), a característica criativo está entre as mais significativas dentre as que um professor ideal precisaria ter. E no estudo de Trombeta (1997), esta característica aparece como importante para ser um “bom professor”, porém com uma posição um pouco mais abaixo. Na presente pesquisa, por meio dos relatos, os alunos trouxeram a criatividade não como uma característica do professor e sim no modo de se relacionar com o aluno, por exemplo, o professor que é amigo dos alunos, a amizade é vista pelos alunos como uma solução criativa para que outros aspectos fluam e para que os professores tenham o respeito dos alunos.

Os alunos perceberam também que seus professores não são **descansados**, além de concordarem que um professor para ser ideal esteja descansado. No estudo de Oliveira e Wechsler (2000), ao comparar as características do professor real e ideal, as autoras verificaram que para alunos de licenciaturas a característica de que seus professores reais são cansados foi uma das mais apontadas. Na presente pesquisa o cansaço dos professores fica evidente na percepção dos alunos devido à carga horária excessiva que estes precisam cumprir, fazendo com que no período noturno estes estejam mais cansados. O que influencia na relação-professor aluno, que origina, na percepção dos alunos, uma diferença de tratamento entre o aluno diurno e o aluno noturno.

Sobre o relacionamento dos professores com os alunos, segundo as percepções dos alunos os seus professores são **mal-humorados** e em suas concepções um professor para ser ideal deve ser bem-humorado. No estudo de Taylor (1962), o aspecto ter senso de humor foi destacado entre outros como característica importante para ser um professor justo e bom, em Trombeta (1997) a característica de personalidade bom-humor está como uma das mais importantes para o bom professor. Na presente pesquisa, ao detalhar suas percepções sobre esta característica, os alunos trouxeram que seus professores não sabem lidar com seus problemas pessoais, ou com problemas do cotidiano escolar com bom-humor e que eles gostariam que professores tivessem essa característica.

Nas percepções dos alunos seus professores são **colaboradores** e estes discordaram que um professor ideal não seja colaborador. No estudo de Murphy, Delli e Edwards (2004) os estudantes pareciam compartilhar percepções sobre bons professores de que estes possuíam e exibiam várias características, dentre elas, de auxiliar os estudantes. Na presente pesquisa, estes aspectos da colaboração e da ajuda são percebidos pelos alunos como características de alguns de seus professores, a de que eles os ajudam na vida escolar e pessoal.

Os alunos perceberam que seus professores são **compreensivos** e concordaram também que um professor ideal deva ter essa característica. Nos estudos de Castro (1972), Weinstein (1989), Trombeta (1997) e Sakai (2000) o atributo de ser compreensivo está entre aqueles que o professor deve ter. Na presente pesquisa os alunos trouxeram, em seus relatos que podem contar com a compreensão de alguns de seus professores, permitindo até que se estabeleça relação de trocas de compreensão entre eles.

Nas percepções dos alunos, os seus professores são amigáveis e estes concordaram que professores ideais também sejam **amigáveis**. Em estudos anteriores, Carvalho et al. (2002) e Oliveira e Wechsler (2002) sobre o professor ideal, alunos de licenciatura e ensino médio consideram várias características significativas, dentre elas a de ser amigo. Na presente pesquisa, os alunos trouxeram que alguns de seus professores sabem unir de maneira eficaz a responsabilidade profissional com a amizade no momento de ministrar suas aulas, obtendo a confiança de seus alunos. Existe um desejo expresso pelos alunos de que professores ideais sejam amigos e saibam ser rígidos e amigáveis ao mesmo tempo e na visão deles o professor ideal é aquele que tem um relacionamento próximo e amigável com os alunos. A amizade também foi apontada pelos alunos como uma solução criativa para amenizar os problemas pessoais dos professores, pois por meio dela, se poderia dividir os problemas com os alunos, o que é diferente de descarregar. O professor amigo, segundo os alunos, é o mais fácil de relacionar.

Estas percepções dos alunos condizem com afirmações do MEC (2004) sobre as tendências em comum encontradas na diversidade de juventudes, como por exemplo, a importância que os jovens dão à afetividade como dimensão das realizações sociais.

Os alunos dividiram opiniões sobre seus professores serem **flexíveis**, pois há um equilíbrio nas frequências de respostas quanto a concordar e discordar que seus professores sejam flexíveis, mas foram mais unânimes em expressar que o professor ideal seja flexível. Nos estudos de Trombeta (1997) a característica flexibilidade está entre as mais importantes para o bom professor. No estudo de Mueller, Roach e Malone (1971) a característica ser flexível está entre as várias que a figura do professor ideal possa integrar. Na presente

pesquisa, ao detalhar as percepções sobre esta característica, os alunos trouxeram, por meio de relatos que desejam que professores sejam mais flexíveis, sendo menos rígidos com eles mesmos, que eles pudessem sair um pouco da rotina e fizessem aulas mais diferentes.

Nas percepções dos alunos seus professores não são **injustos** e estes discordaram que um professor ideal seja injusto. No estudo de Murphy, Delli e Edwards (2004), os alunos pareciam compartilhar percepções de que os bons professores possuíam e exibiam diversas características, dentre elas a de ser justo. Nas entrevistas, os alunos apresentaram percepções diferentes sobre esta característica, trazendo que na escola como um todo, existe uma diferença no tratamento dos alunos. Relataram também diferenças no tratamento entre as turmas, na forma das ausências às aulas por parte dos professores, em algumas turmas os professores faltavam mais do que em outras. Mencionaram ainda diferenças no tratamento por parte de alguns professores dentro e fora da escola, por fim diferenças até para ajudar os alunos, pois segundo um dos alunos, os professores só ajudam os “bons alunos”. Ainda sobre esta característica, os alunos detalharam suas percepções sobre esta trazendo que o bom professor é aquele que não faz diferença entre os alunos.

Os alunos perceberam também que seus professores não são **capazes de controlar a sala de aula** e discordaram que professores ideais sejam incapazes de controlar a sala de aula. Ainda nos estudos de Murphy, Delli e Edwards (2004), nas percepções de alunos, os bons professores têm controle sobre a sala de aula, como sendo uma característica que o bom professor deva ter. Na presente pesquisa, no momento em que os alunos detalham suas percepções sobre esta característica, os alunos trazem o desejo de que gostariam que seus professores tivessem alguns aspectos profissionais, como saber administrar suas aulas e coordenar o grupo de alunos.

Nas percepções dos alunos, os seus professores não são **desrespeitosos** e eles discordaram que professores para serem ideais sejam desrespeitosos. Nos estudos de Mueller, Roach e Malone (1971), Weinstein (1989), Trombeta (1997) e Carvalho et al. (2002) a característica respeitar o ponto de vista dos alunos está entre as várias que a figura do professor ideal possa integrar. Nas entrevistas, nas percepções dos alunos, algumas atitudes dos professores são classificadas por eles como falta de respeito, como por exemplo, a atitude de ausentarem-se das aulas. No geral, os alunos consideram ser de muita importância que seus professores os respeitem, pois, segundo eles, é muito difícil suportar quando os professores não respeitam a opinião dos alunos.

Essas percepções dos alunos vão ao encontro das afirmações do MEC (2004) de que deve ser estimulada a participação e a oralidade dos alunos em sala de aula, devendo a escola

criar oportunidades para que os alunos expressem suas opiniões a respeito da sociedade, de suas famílias, do que assistem na televisão, da escola e de seus professores.

Estudos do NEV/USP (2001) apontam ser normal a discordância entre alunos e professores, que um dos papéis dos professores é formar alunos capazes de compreender e respeitar os outros, ainda assim, estes também se envolvem nesses casos de discordâncias.

No Programa de Expansão do Ensino Médio do estado de São Paulo, em relatos de escolas e pesquisas realizadas entre os jovens revelaram que suas expectativas envolvem que os professores estabeleçam uma interação de respeito mútuo com o aluno (SÃO PAULO, 2001).

Os alunos perceberam também que seus professores não são **interessados nos alunos** e concordaram que professores ideais devam ser interessados nos alunos. No estudo de Carvalho et al. (2002), quanto a facilitar sua aprendizagem, alunos do ensino médio consideraram como uma, dentre outras, característica do bom professor que ele seja muito interessado no progresso do aluno.

Em relação aos aspectos profissionais, nas percepções dos alunos os seus professores são **mal-remunerados** e discordaram que professores ideais devam ser mal-remunerados. No estudo de Oliveira e Wechsler (2002) que visou identificar as características de professores reais e ideais, para professores o adjetivo mais freqüente para o professor real foi o de mal-remunerado. O adjetivo bom salário está entre os mais freqüentes em relação ao professor ideal. No presente estudo este aspecto é reconhecido pelos alunos, porém estes consideram que o baixo salário não deva ser uma justificativa para que o professor não se dedique à profissão, pois esta foi sua escolha.

Com base nisso, o MEC (2004) enfatiza a importância dos professores conhecerem melhor a legislação, pois esta rege seus destinos profissionais, sua formação, seu cotidiano nas escolas e até seus salários.

Os alunos perceberam que seus professores são **impontuais** e concordaram que professores ideais devem ser pontuais. No estudo de Trombeta (1997), a pontualidade foi um dos aspectos considerado importante de um bom professor. No presente estudo, ao detalhar suas percepções sobre esta característica, os alunos trouxeram em seus relatos que não existe uma igualdade em relação à tolerância dos atrasos, há uma compreensão por parte de todos quando o atraso é do professor, mas não no caso do atraso do aluno.

Nas percepções dos alunos seus professores são **experientes** e eles discordaram que professores ideais sejam inexperientes. No estudo de Trombeta (1997) a experiência também foi um dos aspectos considerado importante para um bom professor. No estudo de Carvalho et

al. (2002), quanto ao conhecimento da matéria ministrada pelo professor, o aspecto ter grande experiência quanto ao conteúdo da matéria foi considerado um dos mais importantes para um bom professor.

Nas percepções dos alunos os seus professores **não planejam** seu trabalho e para eles um professor deve ser planejador. As percepções desta pesquisa confirmam estudos anteriores, como o de Oliveira e Wechsler (2002), na qual a característica planejador está entre as que tiveram maior pontuação para um professor ideal na opinião de alunos de licenciatura.

Os alunos perceberam também que seus professores são **atualizados** e discordaram que professores ideais sejam desatualizados. No estudo de Oliveira e Wechsler (2002), o adjetivo desatualizado está entre os mais frequentes do professor real na visão de professores e a característica atualizado está entre as mais significativas em relação ao professor ideal, considerada por alunos de licenciatura. No estudo de Carvalho et al. (2002), quanto à aula ministrada pelo bom professor, o aspecto adota sempre os mesmos métodos e técnicas (lousa e giz) foi o menos considerado, o que reafirma o desejo de alunos de que o professor deva ser atualizado. No presente estudo, quando os alunos puderam detalhar suas percepções sobre esta característica, questionaram os professores que ficam muito presos ao tradicional e não trazem as inovações e atualização e trouxeram que seus professores não mudam, não se reciclam e não se atualizam. Nas percepções dos alunos esses gostam que professores tragam “coisas novas”, como o que é veiculado nos jornais na atualidade, considerando que isso seja condição para um professor ser ideal.

Essas percepções dos alunos confirmam as afirmações do MEC (2004) de que mesmo que se tenha uma diversidade de juventudes, existem algumas tendências entre eles, como por exemplo, a empatia com a utilização das novas tecnologias, o que evidencia a valorização dos alunos do ensino médio sobre inovações de ordem tecnológicas.

Canen (2003) também reforçou o papel do professor como pesquisador constante de sua prática.

Nas percepções dos alunos seus professores são **críticos** e eles discordaram que professores ideais sejam não-críticos. No estudo de Oliveira e Wechsler (2002) a característica não-crítico foi apontada, dentre outras como uma característica de professores reais para alunos de licenciaturas e professores.

Os alunos perceberam que seus professores não são **incompetentes** e concordaram que professores ideais sejam competentes. No estudo de Shulman (1986, 1987), este afirmou que, para ser eficaz, os professores devem possuir competência no conhecimento do conteúdo,

conhecimento pedagógico e conhecimento do conteúdo pedagógico. No estudo de Oliveira e Wechsler (2002), a característica competente está entre as que obtiveram maior pontuação para o professor ideal. E no estudo de Lourençoni (2003), foi apontado que o professor significativo, entre outras características é aquele que é capacitado com perfil de competência didática. No presente estudo os alunos trouxeram suas percepções de incapacidade de alguns professores, o que evidencia que alguns professores não tenham adquirido algumas competências e habilidades necessárias à profissão e considera-se a importância e necessidade em adquiri-las.

A proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica em cursos de nível superior afirma como competências do professor, no âmbito do conhecimento pedagógico, "criar, planejar, realizar, gerir, avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos"; "manejar diferentes estratégias de comunicação dos conteúdos (CAMPOS, 2001, p.1), sabendo eleger as mais adequadas, considerando a diversidade dos alunos, os objetivos das atividades propostas e as características dos próprios conteúdos"; "analisar, produzir e utilizar materiais e recursos para utilização didática, diversificando as possíveis atividades e potencializando seu uso em diferentes situações" (CAMPOS, 2001, p.2).

Nas percepções dos alunos os seus professores não são **sem didática** e eles discordam que um professor ideal deva ser sem didática. No estudo de Trombeta (1997), a boa didática foi a característica mais valorizada em relação às características profissionais do bom professor. No estudo de Oliveria e Wechsler (2002), a característica de ser didático está entre as que tiveram maior pontuação em relação às características para um professor ideal e para o professor real a característica sem didática está entre as que tiveram menos pontuação. No estudo de Carvalho et al. (2002), quanto à postura do professor em sala de aula a boa didática foi a menos considerada entre outras para um bom professor. E no estudo de Lourençoni (2003) como dito antes a característica capacitador com perfil de competência didática está entre as que o professor significativo deva ter. No presente estudo percepções sobre a didática do professor foram trazidas, dentre elas a de explicar bem a matéria.

Essas percepções dos alunos parecem vir ao encontro do que o MEC (2004), propõe. Este tem por meta na concepção da aprendizagem do novo Ensino Médio, o desenvolvimento pessoal do aluno, por meio da construção de sua autonomia intelectual e da construção de novos conhecimentos de forma contextualizada.

E por fim, os alunos perceberam que seus professores não são **valorizados**, além de concordarem que um professor para ser ideal seja valorizado. Nos estudos de Oliveira e

Wechsler (2002) a característica desvalorizada foi dentre outras, a mais apontada por alunos de licenciatura e professores em relação ao professor real. No presente estudo, os alunos ao detalhar suas percepções sobre esta característica, trouxeram que a profissão de professor não é valorizada socialmente.

Para o MEC (2004) é necessária uma política que supere posturas de autodesvalorização e de rebaixamento da auto-estima desses profissionais, amparado em um conhecimento do que significa ser educador em nossa sociedade.

Pode-se observar que os alunos revelaram suas expectativas em relação às características que envolvem questões relativas ao ensino e a aprendizagem, como por exemplo, **sem didática**, como também características relativas à personalidade e pessoa do professor, como, por exemplo, **motivados**. Estas foram destacadas nos relatos realizados pelo Programa de Expansão do Ensino Médio do Estado de São Paulo e em pesquisas realizadas entre os jovens. Nestas, os dados envolviam tanto questões relativas ao ensino e a aprendizagem quanto questões relativas ao ambiente social que a escola pode propiciar. Apontaram ainda que os alunos esperam que os professores incentivem sua aprendizagem e auto-estima e desenvolvam aulas mais interessantes, que tenham referência em suas experiências de vida e que utilizem equipamentos e laboratórios disponíveis, desenvolvendo aulas que os motivem a aprender (SÃO PAULO, 2001). Todos estes dados coincidem com as percepções dos alunos do presente estudo.

Ainda no que se refere à característica **sem didática**, como sendo a que se refere a questões de ordem do ensino e aprendizagem, Campos (2001) aponta que os cursos de formação inicial de professores não se detêm na questão que deveria ser o foco principal de suas preocupações que é o de como ensinar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foi possível concluir que, em relação aos aspectos que foram investigadas nas percepções dos alunos do Ensino Médio a respeito de seus professores reais e professores ideais, várias características foram consideradas por estes alunos numa primeira aproximação de suas percepções, em seguida estas percepções foram se aprofundando, algumas até se modificaram, outras foram ainda mais detalhadas.

Além disto, pôde-se observar que algumas delas foram recorrentes em todo o processo no qual a pesquisa se deu.

No primeiro aspecto, que envolvia características pessoais e de personalidades dos professores, o que foi mais recorrente nestas percepções foi à questão dos seus professores apresentarem impressões de cansaço. Importante destacar, pois atualmente sabe-se que professores possuem uma carga horária excessiva e questões como estas estão ligadas a como essa profissão não é valorizada socialmente. Para sobreviver, o professor tem que dar aulas em três períodos e isso influencia em todos os outros aspectos da vida escolar de seus alunos.

No aspecto que envolvia questões sobre a relação professor-aluno, o que foi mais recorrente foi a questão dos alunos quererem que o professor seja seu amigo. É importante destacar que os alunos no geral rejeitam professores com características muito tradicionais, o que ainda é um imperativo nas escolas nos dias atuais, por mais que ainda se veja professores com características de “amigo”. Porém os alunos ainda pediram que o professor soubesse ser rígido e amigável ao mesmo tempo. Parecendo que professores não devam polarizar nenhuma destas características, sabendo dosá-las.

Ainda sobre este aspecto, pôde-se perceber um enorme sentimento de injustiça nas percepções dos alunos, no que diz respeito ao tratamento que é dado ao aluno. Nas percepções destes há uma diferença nesse tratamento e estes clamaram por um tratamento igual pra todos.

No aspecto que envolvia aspectos profissionais dos professores, o que foi mais recorrente foi à questão da atualização dos professores, mais uma vez observam-se aí questões referentes ao tradicionalismo dos professores que é rejeitado pelos alunos, enquanto valorizam questões da atualidade, ainda mais se estas estiverem ligadas às inovações tecnológicas.

É relevante destacar que, na percepção dos alunos participantes do estudo, estes aspectos estão ligados o tempo todo, não sendo possível concebê-los de uma forma separada. Com base nisso, na percepção dos alunos, o professor ideal teria que saber equilibrar o seu

aspecto profissional com o pessoal, para ter um bom relacionamento com aluno, em alguns momentos poder até sair do papel de professor, deixando agir suas características pessoais e seus sentimentos e também não tratar o aluno no seu papel social de aluno, mas sim como uma pessoa.

Pode-se concluir também que, nas percepções iniciais e gerais dos alunos, nas quais estes deveriam revelar os aspectos positivos e negativos dos professores, o resultado no geral foi positivo, como expresso pela maioria das respostas. Porém, ao detalharem suas percepções, foi possível perceber os aspectos que não atendem às suas expectativas. Estes aspectos também não atendem ao discurso que pregam os órgãos que regulam o Ensino Público, verificando uma possível defasagem entre o que é dito e o que ocorre na prática, já em relação às suas expectativas verifica-se uma coincidência. Percebem-se uma dificuldade dos professores, gestores, funcionários, alunos e todos que estão envolvidos na escola de colocarem em prática o que se tem discutido sobre o ensino, bem como as expectativas dos alunos. Ou então que todos estes atores do contexto escolar encontram dificuldades em poderem expressar suas singularidades ou encontrarem soluções criativas, considerando suas peculiaridades.

5.1 Implicações Educacionais

Assim, a partir das reflexões produzidas em meio à investigação desenvolvida foi possível considerar algumas implicações educacionais.

- Considerando as reflexões dos alunos e com base no que o MEC (2004) propõe, defende-se a necessidade de se conhecer os valores, interesses e as manifestações dos jovens e, para isso acontecer, é necessário ouvir os próprios alunos. Desde a elaboração e aplicação de um simples questionário para levantamento dessas informações, mas lembrando que nenhum questionário, por melhor que seja, substitui o contato direto com os alunos, sempre que isto for possível.
- Enfatiza-se ainda a importância de a escola realizar pesquisas para que sejam evidenciadas as preferências dos alunos e para que as propostas curriculares tenham empatia com o coletivo dos alunos.
- Considerando-se também que entre o real e o ideal esperado pelos alunos existem diferenças, sugere-se pesquisas ou ações na escola que possam intervir junto aos jovens de modo a amenizar suas angústias quanto ao que é esperado e ao que é possível.

- Por fim, é possível afirmar que este trabalho proporciona pensar em um campo de atuação do psicólogo no Ensino Médio e da relevância do assunto na atualidade, refletindo a necessidade de continuar a desenvolver pesquisas junto à clientela do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. S. Sociodrama Educacional: Uma estratégia de pesquisa-ação em Psicologia Escolar Institucional. In: FLEURY, H. J.; MARRA, M. M. (Orgs.) **Intervenções Grupais em Educação**. São Paulo, SP: Editora Ágora, 2005, cap. 2, p. 49-66.

ANGELINI, A. L.; PAIVA, G. J. Características do Professor Eficiente. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 14., São Paulo, 1973. **Anais ...** São Paulo, 1973, p. 57/67.

BARATO, J. N. **Trabalho e educação no Ensino Médio**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. [Tradução Luiz A. Reto; Augusto Pinheiro] Lisboa: Edições 70, 1979, 229p.

CALDER, B. Focus group and the nature of qualitative marketing research. **Journal of Marketing Research**, Chicago, n. 14, p.353-64, 1977.

CAMPOS, M. T. A. Materiais didáticos e formação do professor. In: **Boletim** 2001. Ensino Médio, programa 3. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto> Acesso em: 11 mai. 2008.

CANEN, A. Formação de professores. In: **Boletim** 2003. Trabalho, ciência e cultura: desafios para o ensino médio, programa 4. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto> Acesso em: 12 mai. 2008.

CAPLAN, S. Using focus group methodology for ergonomic design. **Ergonomics**, London, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.

CARRARO, P. R. **Crenças e representações dos professores sobre o construtivismo, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) e as inovações pedagógicas no contexto das diretrizes propostas para o ensino fundamental a partir da nova LDB**. 2002, 304f. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARVALHO, L. A.; PEREIRA, M. P.; CATÃO, E. C.; DUARTE, W. F. As características de um bom professor na percepção de uma amostra de estudantes do ensino médio. In: ENCONTRO MINEIRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: TEORIZAÇÃO E PRÁTICA, 5., CONFERÊNCIA INTERNACIONAL AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: FORMAS E CONTEXTOS, 8., 2002. **Anais ...** São Paulo: Vetor, 2002, p. 285-288.

CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. S. Os professores de alunos com sucesso e insucesso escolar na percepção dos pais. De Littera et Scientia. **FUNEP**, Jaboticabal, v. 7, n. 1, p. 11-35, out., 2004.

DEBUS, M.; NOVELLI, P. **Manual para Excelência em la Investigación mediante grupos focales**. HealthyCom - Communication for child survival. Washington, DC: Academy for educational Development, 1994.

DELGADO, J. M.; GUTIÉRREZ, J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciencias sociales**. Madrid: Ed. Síntesis, 1995.

DIAS, C. A. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação e Sociedade**, v. 10, n. 2, p.1- 12, 2000.

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os Jovens do Ensino Médio e suas Representações Sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, s/v, n.112, p. 167-183, 2001

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: mistificações e desafios de uma relação complexa. In: **Boletim** 2004. Ensino Médio: entre jovens e estudantes, programa 1. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto> Acesso em: 13 mai. 2008.

FUSARI, J. C. Tendências históricas do treinamento em educação. **Idéias**, São Paulo, n. 3, p. 24-26, 1992. Disponível em: http://crmariocovas.sp.gov.br/edc_a.php?t=001 Acesso em: 14 mai. 2008.

GADZELLA, B. M. College students' views and ratings of ideal professor. **College and University**, n. 4, p. 89-96, 1968a.

_____ The ideal professor as viewed by New Paltz freshmen. **Office of Institucional Research Report**, n. 9, 1968b.

GUTIERRA, B. C. C. **O mestre (im)possível de adolescentes: abordagem psicanalítica**. 2002, 193f. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 2002.

JOHNSON, D. Focus Group. In: ZWEIZIG, D. et al. **Tell it! Evaluation sourcebook & training manual**. Madison: SLIS, 1994.

LOURENÇONI, M. A. **Auto-percepção de alunos e Percepção do Professor Significativo no Ensino Médio**. 2003, 136f. Dissertação (Mestrado), Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2003.

MEC Desenvolvimento profissional de professores: um imperativo na construção da escola jovem. Brasília: MEC/Coordenação Geral de Ensino Médio, s/d. Disponível em: <http://mec.gov.br/semtec/ensmed/ftp/ArtEns/DesenvProf.rtf> Acesso em: 15 mai. 2008.

MEC (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA) Sabemos quem são nossos alunos? In: SEMINÁRIO, 2000, Brasília. ANAIS ELETRÔNICO. Seminário “Escola Jovem: um novo olhar sobre o Ensino Médio”. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://www.Mec.gov.br/semtec/ensmed/artigosensaios.shtm> Acesso em: 16 mai. 2008.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1998.

MITRULIS, E. Ensaio de inovação no ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 217-244, jul., 2002.

MUELLER, R. H.; ROACH, P. J.; MALONE, J. A. College Student's views of the Characteristics of an “Ideal” Professor. **Psychology in the Schools**, Brandon, v. 8, p. 161-167, 1971.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA (NEV) Os jovens, a escola e os direitos humanos. In: **Relatório de cidadania II: os jovens, a escola e os direitos humanos**. São Paulo: NEV/SP, 2001. (relatório)

OLIVEIRA, E. T. A.; WECHSLER, S. M. Variáveis que afetam a aprendizagem: percepção de alunos de licenciatura e professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 133-139, 2002.

OLIVEIRA, R. P.; SOUZA, S. Z. Ensino Médio: finalidades, controvérsias e desafios. In: **Boletim** 2004. Ensino Médio: entre jovens e estudantes, programa 5. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto> Acesso em: 17 mai. 2008.

RANGEL, M. **Representações e Reflexões sobre o “bom professor”**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RIBEIRO, L. C. Percepção de si e de seu papel em professores: estudo exploratório em uma instituição de ensino superior. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 126-137, 1984.

SAKAI, J. D. M. C. **Um estudo do perfil do professor eficiente, sob a ótica de uma amostra de alunos e docentes universitários**. 2000, 112f. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 2000.

SANCHEZ, M. L. B.; SILVA, M. B.; KOSSOBUDZKI, L. A. Relação entre percepção do papel profissional de professor e desempenho acadêmico do aluno. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 4, n. 5, p. 59-66, 1985.

SHULMAN, L. S. Teacher development: Roles of domain expertise and pedagogical knowledge. **Journal of Applied Developmental Psychology**, Norwood, v. 21, n.1, p. 129-135, 2000.

SILVA, M. B. **Relação entre percepção do papel profissional de professor e desempenho acadêmico do aluno**. 1991, p. 1-22. (Mimeo).

SILVA, M. G.; RUFFINO, M. C. Comportamento Docente no Ensino de Graduação em Enfermagem: a percepção dos alunos. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n.14, p. 45-55, 1999.

SPÓSITO, M. P. Apontamentos para discussão sobre a condição juvenil no Brasil. In: **Boletim** 2004, Ensino Médio: entre jovens e estudantes, programa 1. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>. Acesso em: 18 mai. 2008.

TROMBETA, L. H. A. P. Características do bom professor segundo a percepção de estudantes de psicologia. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 71-74, 1997.

VALLES, M. S. **Técnicas cualitativas de investigación social: Reflexion metodológicas y práctica Profesional**. Madrid: Ed. Sintesis Sociología, 1997.

VAUGHN, S. et al. **Focus Group interviews in education and psychology**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1996.

WEINSTEIN, C. Teacher educational student's perceptions of teaching. **Journal of Teacher Educational**, v. 40, n. 2, p. 53-60, 1989.

APENDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

NOME DA PESQUISA

Percepções dos alunos do Ensino Médio sobre o professor real e ideal, em relação às suas características pessoais e profissionais e à interação com os alunos.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Telma Valle Petersen

Fone para contato: (16)624. 6488/ (16)91021428

ORIENTADOR

Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade

Fone: (16)6023803-FFCLRP-USP

Você está sendo convidado a participar de um estudo cujo objetivo principal é investigar as percepções, opiniões, crenças e concepções de alunos do Ensino Médio a respeito de professores, bem como os professores que eles gostariam de ter, no que se refere às características pessoais e de personalidade destes; o relacionamento entre eles, e por fim no que diz respeito aos seus aspectos profissionais, como por exemplo, conhecimentos gerais e específicos da disciplina que ministram, formação acadêmica e atualização. A justificativa para o desenvolvimento deste trabalho consiste no fato de acreditar ser o papel do professor essencial ao processo de ensino-aprendizagem. O trabalho compreende as seguintes fases: aplicação de questionário a serem respondidos pelos alunos; realização de entrevistas individuais, e, por fim, a realização de reuniões em grupos. Para a execução dessas atividades, que serão realizadas na própria escola, com a sua anuência, as entrevistas e grupos focais serão gravadas. Você poderá retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo em qualquer momento do processo. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo e você poderá receber informações referentes a todas as etapas quando julgar necessário. Os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados pelo pesquisador para publicações científicas, comprometendo-se com a garantia de sigilo de sua identidade.

EU _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o Projeto intitulado: *“Percepções dos alunos do Ensino Médio sobre o professor real e ideal, em relação às suas características pessoais e profissionais e à interação com os alunos”*, que tem como pesquisador responsável a *Telma Valle Petersen*, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa, aos procedimentos que serão utilizados, aos riscos e aos benefícios, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1- A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Ribeirão Preto, __de _____ de 2006.

Assinatura do participante do estudo

Assinatura do pesquisador

APENDICE 2

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP)
Departamento de Psicologia e Educação

Este questionário tem por objetivo conhecer as suas opiniões sobre seus professores e sobre os professores que você gostaria de ter, sobre suas características, seu relacionamento com eles, e como são como profissionais.

Não se trata de um teste de avaliação, portanto não existem respostas certas ou erradas. O importante é que você responda todas as questões com sinceridade.

As suas respostas serão utilizadas apenas para investigação, sendo anônimas e confidenciais.

Leia com atenção cada uma das afirmações e escolha a opção de resposta que melhor representa o seu caso. Assinale com um "X" apenas UMA das alternativas, dentro das opções disponíveis.

Em caso de se enganar na resposta de alguma questão, rasure e assinale a sua opção definitiva. Se surgirem dúvidas, peça ajuda.

**POR FAVOR, AO TERMINAR VERIFIQUE SE NÃO ESQUECEU DE RESPONDER
 NENHUMA PERGUNTA.**

**A sua colaboração é de máxima importância para o prosseguimento do nosso estudo. Desde já
 agradecemos a sua disponibilidade!**

Série:

Sexo: Masculino () Feminino () Idade:

Data

1ª Parte

Esse questionário não tem respostas certas ou erradas. É sobre o que você pensa e sente e é absolutamente subjetivo. Por isso, responda de acordo com o que você realmente pensa e sente, sem se importar com que os outros possam pensar ou sentir. As questões são **SOBRE VOCÊ e não sobre os outros.**

Veja o exemplo abaixo:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
1. Gosto de praticar esportes				

Assinale o quadrado que corresponda melhor as características pessoais e de personalidade de seus professores. Seus professores são:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
1. desorganizados				
2. maldosos				
3. disciplinados				
4. descansados				
5. cuidadosos da aparência				
6. motivados				
7. impacientes				
8. sem criatividade				
9. seguros				
10. equilibrados emocionalmente				

Pense no seu relacionamento com os seus professores. Seus professores são:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
1. autoritários				
2. flexíveis				
3. amigáveis				
4. mal- humorados				
5. punidores				
6. interessados nos alunos				
7. injustos				
8. antipáticos				
9. colaboradores				
10. compreensivos				
11. capazes de controlar a sala de aula				
12. desrespeitosos				

Agora pense nos aspectos profissionais de seus professores, sobre os conhecimentos gerais e específicos da disciplina que ministram, sua formação acadêmica e sua atualização. Seus professores são:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
1. mal remunerados				
2. preparados				
3. atualizados				
4. sem didática				
5. valorizados				
6. incompetentes				
7. experientes				
8. críticos				
9. imponentes				
10. não planejadores				

2º Parte

Assinale o quadrado que corresponda melhor as características pessoais e de personalidade que você gostaria que seus professores tivessem. Você gostaria que seus professores fossem:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
1. descuidados da aparência				
2. maldosos				
3. disciplinados				
4. equilibrados emocionalmente				
5. desorganizados				
6. desmotivados				
7. impacientes				
8. descansados				
9. seguros				
10. criativos				

Pense no seu relacionamento com os professores que você gostaria de ter. Você gostaria que seus professores fossem:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
1. simpáticos				
2. flexíveis				
3. não colaboradores				
4. incapazes de controlar a sala de aula				
5. bem-humorados				
6. punidores				
7. compreensivos				
8. desrespeitosos				
9. injustos				
10. amigáveis				
11. autoritários				
12. interessados nos alunos				

Agora pense nos aspectos profissionais de professores, sobre os conhecimentos gerais e específicos da disciplina que ministram, sua formação acadêmica e sua atualização. Você gostaria que seus professores fossem:

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
1. inexperientes				
2. pontuais				
3. desatualizados				
4. sem didática				
5. planejadores				
6. mal remunerados				
7. valorizados				
8. preparados				
9. competentes				
10. não- críticos				

CONVITE

Gostaríamos de saber se você teria disponibilidade para participar de uma entrevista que pretende aprofundar alguns aspectos abordados neste questionário. Por favor, caso deseje participar, preencha seus dados para agendarmos a entrevista.

NOME: _____

TELEFONES: _____

E-MAIL: _____

APENDICE 3

Meus
Professores
Como
Pessoa

Meus
Professores
Como
Profissionais

Relacionamento dos
Professores com os
Alunos

O
Professor
Ideal

APÊNDICE 4

Porcentagem do total de alunos de cada sala, dos questionários aplicados, das adesões para a entrevista individual, das participações nas entrevistas e da participação no grupo focal.

Salas	Total	% do Total	Questionários Aplicados	% do Total	Adesão às entrevistas	% do total	Participação nas Entrevistas	Participação no Grupo Focal
1E	47	9,93	10	10,20	9	15,78	2	1
1TA	48	10,14	10	10,20	4	7,01	1	1
1TB	47	9,93	10	10,20	2	3,50	0	0
2G	48	10,14	10	10,20	8	14,03	2	2
2TA	50	10,57	10	10,20	6	10,52	2	1
2TB	47	9,93	9	9,18	8	14,03	1	1
3E	50	10,57	10	10,20	6	10,52	2	2
3F	48	10,14	9	9,18	6	10,52	2	1
3TA	43	9,09	10	10,20	6	10,52	0	0
3TB	45	9,51	10	10,20	2	3,50	0	0
Total	473	100	98	100	57	100	12	9